

## **Agradecimentos**

Com toda a sinceridade, agradeço

À minha orientadora, Doutora Raquel Freire, pela sua orientação, pelo apoio e total disponibilidade, pelas opiniões e críticas, por todas as palavras de incentivo que foram tão úteis no solucionar de dificuldades surgidos ao longo da realização desta tese.

À Doutora Teresa Cravo e Doutor Pascoal Pereira, pelo trabalho importantíssimo que fizeram no Seminário de Acompanhamento, criando um ambiente colaborativo e ajuda mútua que permitiu ultrapassar os imensos obstáculos no trabalho.

Ao núcleo de professores de Relações Internacionais pelo conhecimento adquirido e a excelência da formação prestada ao longo da Licenciatura e Mestrado, que foi útil para esta dissertação.

Aos jornalistas ucranianos dos Sistemas de Informação *Inter* e *Hromadske*, por partilharam os seus conhecimentos e explicaram os pormenores do jornalismo e da situação mediática ucraniana e russa que se revelaram fundamentais para componente prática do trabalho.

Aos meus colegas e amigos do mestrado que no ambiente de interajuda partilharam as suas visões e opiniões sobre o tema, o que ajudou melhorar todos os tópicos desta dissertação.

À minha família pelo apoio incondicional, pelas palavras de incentivo e por sempre terem me ajudado ao longo do todo meu percurso académico. Em especial a minha mãe, pela oportunidade de poder tirar Licenciatura e Mestrado em Portugal.

Ao meu namorado, Vitaly, por apoio emocional, por sempre acreditares nas minhas capacidades, por fazeres parte da minha família e dos meus melhores amigos, mas, acima de tudo, por tanto ouvir falar e discutir a crise ucraniana e o papel da Rússia e após de tudo permanecer comigo.



**The press may not be successful much of the time in telling people what to think, but it is stunningly successful in telling its readers what to think about. The world will look different to different people.**

**Bernard Cohen, 1963**



## Resumo

A Teoria Construtivista surgida no contexto do final da Guerra Fria e integrada na quarta geração dos debates das Teorias das Relações Internacionais, procurou trazer novas respostas aos novos desafios que a realidade internacional apresentava, nomeadamente, introduziu a importância da questão da identidade e do poder normativo dos discursos na construção dos significados sociais. Cynthia Weber (2010) avançou com a ideia de que os significados sociais existentes são produzidos e transformados através dos meios de comunicação, o que permite considerar os media enquanto atores relevantes na construção da realidade social.

Uma das teorias que estuda o papel dos media na construção da realidade social é a teoria de *agenda-setting*. Surgida pela primeira vez na obra de Walter Lippmann (1922) e desenvolvida empiricamente nos estudos de Maxwell McCombs e Donald Shaw (1972) identificou o poder dos meios de comunicação para selecionar eventos específicos (problemas, tópicos, eventos) e focar o público na sua importância e assim, informar o público sobre o que pensar e como pensar. O segundo nível da teoria – *framing*, desenvolvido por Robert Entman, defendia ainda que ao selecionar certos aspetos da realidade e torná-los mais visíveis, os media oferecem ao público a definição e interpretação específica do problema, a avaliação moral e uma possível solução. Portanto, as duas teorias reconhecem o poder discursivo na criação da realidade e dos significados sociais.

O presente trabalho tem por objetivo comparar as agendas mediáticas russas e ucranianas no período da Crise da Ucrânia, para perceber o impacto que os media tiveram sobre a opinião pública. Tendo em conta o facto de nestes países se receber informação maioritariamente a partir dos media tradicionais, e a vontade de entender qual foi a imagem da crise construída dentro destes dois países, foram analisados apenas os noticiários dos canais de televisão nacionais.

De forma a compreender o impacto do discurso mediático na construção da realidade para estes dois países foram analisadas duas fases principais do conflito, as manifestações do *Euromaidan* e o caso da Crimeia. Com a aplicação da análise no âmbito da teoria de *agenda-setting – framing*, olhou-se a evolução do discurso mediático, a linguagem utilizada para caracterizar os atores, eventos e decisões políticas, bem como foram identificados os principais focos, acentos e avaliações dos conteúdos. A análise efetuada com aplicação do

método de *framing* mostrou que os temas presentes nas agendas de ambos os países foram semelhantes, contudo a natureza da leitura, os focos da cobertura e interpretação dos eventos divergiram bastante.

A utilização de conceitos como discurso e identidade, analisados no âmbito da teoria construtivista, permitiram identificar as normas que compunham o discurso mediático de ambos os países para legitimar determinadas ações das autoridades, bem como compreender como a realidade construída afetou a identidade nacional russa e ucraniana. Notou-se a utilização da tática discursiva “demonização do outro” pelos media de ambos os países em diferentes períodos de tempo. No que diz respeito à identidade ucraniana, que após a Independência ainda não está completamente formada, o discurso mediático que divergia nos canais nacionais ucranianos teve impacto negativo e no geral favoreceu a ideia da “nação partilhada”. Contudo, com o caso da Crimeia as agendas mediáticas ucranianas criaram a imagem da Rússia enquanto o “agressor externo”, o que pode ser visto como solução temporária para o problema da identidade ucraniana. No caso da Rússia, o discurso mediático afetou positivamente a identidade nacional e confirmou a hipótese sobre as aspirações civilizacionistas e estatistas das autoridades russas.

O estudo sublinhou a construção de realidades divergentes sobre os acontecimentos ucranianos pelas agendas mediáticas, bem como identificou a violação dos padrões jornalísticos por ambos os lados. Além disso, a cobertura e a leitura feita pelos media ucranianos e russos sobre os acontecimentos políticos reflete a posição/visão do estado ou das elites, e como resultado, afeta a opinião pública e a objetividade dos eventos transmitidos.

**Palavras chaves:** media, discurso, identidade, *agenda-setting*, *framing*, relações de poder, opinião pública, crise da Ucrânia, *Euromaidan*, Crimeia.

## Abstract

The Constructivist Theory emerged in the context of the end of the Cold War and integrated into the fourth generation of the debates of Theories of International Relations, sought to bring new answers to the new challenges that the international situation had, in particular, introduced the importance of the issue of identity and normative power of discourses in the construction of social meanings. Cynthia Weber (2010) introduced the idea that the existing social meanings are produced and processed through the media, that allows us to consider the media as relevant actors in the construction of social reality.

One of the theories that studies the role of the media in the construction of social reality is the *agenda-setting* theory. For the first time appeared in the work of Walter Lippmann (1922) and empirically developed in studies of Maxwell McCombs and Donald Shaw (1972), theory identified the power of the media to select specific events (problems, topics, events) and focus the public attention on its importance. The second level of theory - *framing*, developed by Robert Entman also argued that by selecting certain aspects of reality and making them more visible, the media offer to the public specific definition and interpretation of the problem, the moral evaluation, and a possible solution. Therefore, the two theories recognize the discursive power in the creation of reality and social meanings.

This study aims to compare the Russian and Ukrainian media agendas in the period of Ukraine's crisis, with the objective to understand the impact that the media have on public opinion. Taking into account the fact that these countries receive information mainly from traditional media, and the aim to understand what the image of the crisis was transmitted in these two countries were analyzed only the news of the national television channels.

In order to understand the impact of media discourse in the construction of reality for these two countries, they were analyzed into two main phases of the conflict, the manifestations of *EuroMaidan* and the case of Crimea. Though the application of second level of *agenda-setting theory – framing*, this study looked at the evolution of the media discourse, at the language used to characterize the actors, events and policy decisions as well as identified main focus, and accents, and evaluation of the content. The analysis carried out with the application of the *framing* method showed that the issues on the agendas of both countries were similar, however, the nature of reading, the focus of coverage and interpretation of events diverged enough.

The utilization of concepts such as discourse and identity, examined in the constructivist theory, allowed to identify the norms that made the media discourse of both countries to legitimize certain actions of the authorities, as well as understand how the constructed reality affected the national Russian and Ukrainian identity. The study noted the use of discursive tactic “demonization of the other” by the media in both countries in different periods of time. With regard to the Ukrainian identity, which after independence is not yet fully formed, the media discourse which differed in the Ukrainian national channels had a negative impact on identity and in general favored the idea of “shared nation”. However, in the case of the Crimea Ukrainian media agendas have created the image of Russia as the “foreign aggressor”, which can be seen as a temporary solution to the problem of Ukrainian identity. In the case of Russia, the media discourse positively affected the national identity and confirmed the hypothesis on civilizacionistas and statist aspirations of the Russian authorities.

The study highlighted the construction of divergent realities about Ukrainian events by media agendas and identified the violation of journalistic standards by both sides. Moreover, the coverage and reading made by the Ukrainian and Russian Media about political events reflect the position / view of the state or the elites, and as a result, affect public opinion and objectivity of the transmitted information.

**Keywords:** media, discourse, identity, *agenda-setting*, *framing*, power of relations, public opinion, the Ukrainian crisis, *EuroMaidan*, *Crimea*.



## **Lista de Acrónimos**

AA – Acordo de Associação

CEI – Comunidade dos Estados Independentes

EEC – Espaço Económico Comum

EUA – Estados Unidos da América

MNE – Ministério dos Negócios Externos

MNI – Ministério dos Negócios Internos

NATO – Organização do Tratado Atlântico Norte

PE – Política Externa

RI – Relações Internacionais

UE – União Europeia

URSS – União das Repúblicas Socialistas Soviéticas

## Lista de Quadros e Tabelas

Quadro 1. Representação dos atores envolvidos no <i>EuroMaidan</i> .....	57
Quadro 2. Representação do Ocidente .....	57
Quadro 3. Principais mensagens dos media sobre o referendo .....	66
Quadro 4. A lista dos frames " <i>EuroMaidan</i> " .....	76
Quadro 5. A lista dos frames "Crimeia" .....	79
Tabela 1. A relação dos russos relativamente à Ucrânia (%).....	89
Tabela 2. O que levou sair as pessoas para os protestos (%) .....	89
Tabela 3. Relação dos russos relativamente ao Ocidente (EUA) % .....	90
Tabela 4. Quem é responsável pela escalada do conflito (%).....	90
Tabela 5. População e apoio dos protestos (%) .....	92
Tabela 6. Orientação da Ucrânia na sua política externa (%).....	92
Tabela 7. O que levou as pessoas a sair para os protestos (%) .....	93
Tabela 8. Quem é responsável pela escalada do conflito (%).....	93
Tabela 9. Lado que mais apoiaram os ucranianos (%) .....	94
Tabela 10. Adesão da Crimeia à Rússia (%).....	94
Tabela 11. Relação dos ucranianos face à Rússia (%).....	94

## Sumário

Introdução .....	1
Capítulo 1 – Teoria Construtivista e Teoria de <i>Agenda-Setting</i> .....	9
1.1. Teoria construtivista: importância da identidade e do discurso .....	9
1.2. A teoria de <i>agenda-setting</i> .....	14
1.3. Os media e as relações de poder .....	18
1.4. Discurso mediático e construção da realidade.....	20
Capítulo 2 - Introdução ao estudo de caso: A crise da Ucrânia .....	25
2.1. O caminho indeciso da Ucrânia após o fim da URSS .....	25
2.2. Da Associação para <i>Maidan</i> .....	28
2.3. De <i>Maidan</i> para a Crimeia.....	35
Capítulo 3 - Mapeamento das notícias.....	41
3.1. Os eventos do <i>EuroMaidan</i> .....	41
3.1.1. Representação dos manifestantes e da polícia .....	41
3.1.3. Reação Internacional.....	53
3.2. O caso da Crimeia .....	58
Capítulo 4 – Discussão das notícias.....	67
4.1. Ligação dos media ao poder estatal .....	67
4.1.1. Ucrânia – oligarcas nos media .....	67
4.1.2. Rússia – autocracia mediática .....	72
4.2. <i>Agenda-setting</i> em ação.....	75
4.2.1. <i>EuroMaidan</i> .....	75
4.2.2. Crimeia.....	79
4.3. Influência dos discursos e das agendas mediáticos sobre a identidade.....	82
4.3.1. Rússia .....	82
4.3.2. Ucrânia.....	85
4.4. Sondagens de opinião como evidência da influência mediática .....	88
Conclusão.....	97
Lista das referências bibliográficas.....	101
Apêndice I. Tempo dos noticiários russos dedicado a crise da Ucrânia .....	121



## Introdução

Hoje em dia, os meios de comunicação têm um papel crucial no tratamento e entendimento da informação sobre os eventos principais ocorridos no mundo. Os media afetam a representação dos acontecimentos, com implicações na formação de opinião, relativamente ao significado dos acontecimentos e lugar dos países neles. Muitas vezes, a opinião das pessoas é baseada em factos e comentários, produzidos pelas fontes de informação – a televisão, a imprensa, a Internet. Portanto, o conteúdo, a forma e a tendência dos discursos produzidos por meios de comunicação têm um impacto significativo na formação da opinião pública. A crença da população nos meios de comunicação é tão grande que é possível afirmar que quem controla os media controla todo o país. Por isso, os media têm cada vez maior intervenção do Estado, dos grupos políticos e financeiros na sua atuação.

No contexto de conflito, os meios de comunicação desempenham um papel significativo na cobertura das tensões existentes. Através da maneira como demonstram o assunto ocupam o lugar tanto de ator do conflito como de agente da paz (Rahman, 2014: 239), ou seja, conseguem agravar ainda mais a tensão existente ou contribuir para o processo de pacificação e resolução do mesmo. Fazendo seleção da informação, repetição das palavras e utilização de determinados símbolos culturais influenciam a perceção da população relativamente a uma determinada situação e aos atores envolvidos (Entman, 1993: 53).

Este trabalho é dedicado à análise da cobertura dos acontecimentos no *Euromaidan* e na Crimeia, e o seu impacto sobre os meios de comunicação na Rússia e na Ucrânia, que resultou num aumento significativo da tensão nas relações entre os dois países. Durante o período de 2013 até 2015, os acontecimentos na Ucrânia ocuparam grande parte temporal das agendas mediáticas de ambos os países. Para analisar a cobertura dos acontecimentos ucranianos, é necessário ter em conta o ambiente em que atuam os media. Os mercados mediáticos desses países atualmente são caracterizados pelo grau da independência mediática do Estado ou dos grupos privados (Becker, 2004). Os medias tradicionais têm forte dependência dos grupos políticos do país, enquanto outros media, como jornais, rádios ou edições online têm algum grau de independência. Apesar do acesso a várias fontes de informação online na Rússia e na Ucrânia, para a maioria da população destes países, a

televisão continua a ser, se não a única, então, talvez, a mais importante fonte de informação (*idem*, 2004).

Portanto, afirma-se que a televisão é um dos meios de comunicação que produz maior influência sobre a maioria da população. Através da representação visual da informação a televisão formula a compreensão da realidade. Além disso, é um meio partilhado por todas as classes sociais e por todos os grupos etários (Brandão, 2002: 8). Visualizando as notícias sobre os eventos na Ucrânia nas fontes russas e ucranianas, cria-se uma imagem contraditória. O mesmo fenómeno é muitas vezes interpretado de forma bastante diferente. Tendo em conta que as crises da Ucrânia têm grande impacto quer para a política externa, quer para a política interna de ambos os países, surge o interesse em analisar a cobertura dos acontecimentos feita pelos media na Ucrânia e na Rússia.

Posto isto, procura-se saber, como os acontecimentos que tiveram lugar na Ucrânia em 2014 foram cobertos pelos media tradicionais russos e ucranianos? Qual foi o discurso mediático produzido para caracterizar os eventos, partes envolvidas e decisões políticas? Como o discurso mediático evoluiu ao longo dos acontecimentos? Qual a relação entre os media e o Estado, e os media com as elites financeiras? De que maneira eles influenciam o conteúdo das agendas mediáticas? Como os media neste período serviram a política externa e interna destes Estados e afetaram a identidade de ambos os países? Quais foram os principais *frames* utilizados? Qual é o impacto que os noticiários tiveram na opinião pública? Quais métodos foram usados para influenciar a agenda pública?

Tendo em conta as questões referidas, será argumentado que os media ucranianos e russos através das suas agendas mediáticas construíram realidades diferentes sobre a crise ucraniana; o discurso produzido serviu os interesses do Estado e/ou das elites financeiras e grupos privados; os noticiários dos canais tiveram um impacto poderoso na maneira como a população entendeu os eventos, as partes envolvidas e as ações e decisões tomadas pelos seus líderes políticos; as agendas mediáticas de ambos os países utilizaram a técnica de demonização do “outro” para promover os interesses do estado ou das elites; o discurso mediático afetou positivamente a identidade russa e negativamente a identidade ucraniana.

O trabalho permite testar as seguintes hipóteses: se a agenda política construída pelos estados/elites faz pressão sobre as agendas mediáticas com o objetivo de reproduzir a realidade que serve para a promoção dos seus próprios interesses, então a população tem

menor probabilidade de receber informação objetiva sobre os eventos e maior probabilidade de percepção distorcida da realidade; se a leitura que os media televisivos dos países referidos fizeram relativamente aos eventos na Ucrânia é de facto oposta, então a opinião pública ucraniana em relação a estes mesmos eventos na Ucrânia é diferente e contraditória da opinião pública na Rússia; os temas selecionados nas agendas mediáticas de ambos os países são coincidentes, mas os focos, acentos e avaliações são divergentes.

No que diz respeito aos objetivos da tese, procura-se comparar as diferentes leituras feitas pelos media russos e ucranianos sobre o *Euromaidan* e o caso da Crimeia com o objetivo de identificar os temas principais cobertos, focos, acentos e avaliações; acompanhar a evolução das narrativas utilizadas para caracterizar os atores e eventos; compreender a interligação existente entre o poder político e a agenda mediática, de modo a perceber o papel dos políticos na instrumentalização do discurso mediático; demonstrar o impacto que o discurso produzido teve sobre a opinião pública.

O principal contributo do trabalho é a análise comparativa dos discursos mediáticos dos media nacionais dos países, cujo objetivo é demonstrar como a realidade foi construída pelos media dentro da Ucrânia e da Rússia.

O enquadramento teórico do trabalho baseia-se na articulação de duas teorias: a teoria construtivista e a teoria de *agenda-setting*. A teoria construtivista foi escolhida pelo seu enfoque na construção social da realidade. De acordo com os construtivistas, a realidade é socialmente construída, as estruturas são definidas por ideias compartilhadas e não apenas por forças materiais; e as identidades e os interesses dos atores são construídos por essas ideias compartilhadas (Wendt, 1999: 1). Autores construtivistas como Nicholas Onuf e Friedrich Kratochwil (1989) sublinham a grande importância do poder do discurso e da linguagem na consideração da construção social da realidade. Portanto, ao contrário das teorias tradicionais que são muito estatocêntricas, os construtivistas dão importância não só aos atores estatais, mas também às ideias, valores, história e conhecimento que afetam a maneira como os atores constroem a realidade social. Por sua vez, as ideias, valores, história e conhecimento são divulgados pelos media, o que leva a importância desse ator na compreensão da realidade social.

Nesta linha, a teoria de *agenda-setting* confirma o pressuposto construtivista. Seguindo o pensamento dessa teoria a notícia mediática não é uma simples representação da

realidade, mas é uma realidade socialmente construída pelos diversos atores mediáticos. Desenvolvida pelos investigadores Maxwell McCombs e Donald Shaw (1972) esta perspetiva pressupõe que os media têm capacidade de dar maior relevância a um determinado tópico, evento ou problema e focar a atenção da audiência sobre esse tópico, bem como conseguem ocultar os temas que entendem menos relevantes. Desta forma, os media formam a agenda pública. Posto isto, o cruzamento das duas teorias no trabalho deve-se ao facto de a agenda dos media ser considerada não apenas como uma representação passiva da realidade, mas sim, como um processo ativo de construção discursiva dos eventos e objetos na consciência da população.

Autores<sup>1</sup> como Alexander Wendt (1992; 1999), Jeffrey Checkel (2004), Emanuel Adler (2009), Ted Hopf (1998), Nicholas Onuf (1998; 2001) e Friedrich Kratochwil (1989) são autores de referência no enquadramento teórico que permitem fundamentar a análise construtivista. As obras de autores como Walter Lippmann (1922), Bernard Cohen (1963), McCombs e Shaw (1979; 2004), James Dearing e Everett Rogers (1996) permitem desenvolver a investigação da teoria de *agenda-setting*, estudar o papel dos media na construção da realidade social e o seu peso na política e opinião pública. Além disso, os estudos do Robert Entman (1993) e Gofman (2004) com o foco no processo de *framing* mediático, ajudam a entender como se formam os focos, acentos, e interpretações específicas de certos fenómenos e como se implementa posteriormente a visão específica do evento no debate público.

Anna Arutunyan (2009), John Dunn (2014), Jonathan Backer (2004) e Sarah Oates (2007) contribuem para a compreensão da evolução do sistema mediático na Rússia e para a análise da influência contemporânea que o Estado produz sobre os meios de comunicação russos. Autores como Wojciech Konończuk (2015), Diana Dutsyk (2015), Marta Dyczok (2013) e Natalya Ryabinska (2014) ajudam a entender a situação dos media ucranianos após a independência, a interligação que existe entre os media e o poder político e a sua influência na construção da opinião pública ucraniana. As obras de autores como Olga Onuch (2014), Richard Sakwa (2015), Andrew Wilson (2014) são a base de referência da contextualização

---

<sup>1</sup> Os contributos dos autores referidos nesta secção serão desenvolvidos ao longo do trabalho.



sobre a crise ucraniana. Para analisar o discurso foram consultadas as obras de Fairclough (1992; 1995).

Para o presente trabalho foram escolhidas as duas fases principais que determinaram a crise Ucraniana: os eventos no *EuroMaidan* e o caso da Crimeia. Dentro da primeira fase foi escolhido o período temporal de 19 de janeiro de 2014 até 23 de fevereiro de 2014. Este período é caracterizado pelo aumento da intensidade dos confrontos entre os manifestantes e a polícia causado pelas leis que proíbem quase todas as formas de protesto antigovernamental adotadas pelo ex-governo ucraniano. Este período acompanhado também pelas primeiras renúncias e mudanças governamentais na Ucrânia, bem como pelos tiroteios sangrentos que causaram mortes entre os manifestantes e forças policiais, e o posterior refúgio do ex-presidente ucraniano.

O segundo período temporal situa-se entre 24 de fevereiro de 2014 e o dia 23 de março de 2014. Contudo, foram analisados alguns noticiários russos de dezembro de 2013 e janeiro de 2014, com o objetivo de demonstrar que a questão da Crimeia surgiu na agenda mediática russa ainda no período do *EuroMaidan*. Na segunda fase, o foco das agendas mediáticas passou para a região do Sul da Ucrânia. Este período é acompanhado pelas mudanças ocorridas na região, especificamente as manifestações dos habitantes da Crimeia contra o novo governo em Kiev e pedidos do apoio da Rússia; as mudanças ocorridas no governo local; o aumento da presença de militares russos na região; o referendo sobre a situação da região e posteriormente a anexação/reintegração da Crimeia pela/para a Rússia.

Para analisar o discurso mediático e a sua evolução ao longo dos acontecimentos para cada fase foram escolhidos dez noticiários aleatórios dos quatro canais. Para efeitos metodológicos em ambas as fases serão analisadas apenas as notícias dos jornais da noite uma vez que aprofundam mais as questões do conflito e abrangem maior audiência.

Como foi referido, a televisão é um dos meios de comunicação que tem capacidade de produzir maior influência sobre a maioria da população (Brandão, 2002: 8). Segundo sondagens de opinião de 2014, a grande maioria da população russa e ucraniana recebeu as notícias sobre a situação ucraniana da televisão (KIIS, 2014; Levada Centro, 2014). Posto isto, o capítulo analisa apenas as reportagens de noticiários televisivos. Para selecionar os canais foram identificados três critérios principais: a maior quota de visualização no ano

2014; o proprietário do canal; e a forte relação dos canais com as autoridades dos estados ou elites financeiras.

Entre os canais russos procedeu-se à escolha dos canais *Perviy Nacionalniy* (1TV) e *Rossiya*. Ambos os canais são de propriedade estatal com quota de visualização de 14,5 % e 13, 2%, respetivamente (Oshkalo, 2015). No período do conflito esses canais não só apoiaram fortemente as ações e decisões do estado, mas também refletiram a posição do Estado russo.

Para a Ucrânia escolheram-se dois canais públicos, governados por dois oligarcas ucranianos, *I+I* de Ihor Kolomoyskyi e *Inter* de Dmytro Firtash, que estão em ‘guerras de audiências’ contínuas. Durante a crise ucraniana estes canais representaram as notícias sobre os acontecimentos de prisms diferentes e criaram tensão no debate público ucraniano. Além disso, o canal *I+I* abrange uma audiência que fala principalmente a língua ucraniana, enquanto o *Inter* transmitiu a informação em russo, abrangendo a população que fala a língua russa.

Para analisar as notícias foi utilizado o método qualitativo. Isabel Cunha, no seu livro sobre “Análise dos Media”, apresenta três classificações das metodologias utilizadas nas pesquisas sobre os media: qualitativas, quantitativas ou mistas (Cunha, 2011: 79). Enquanto a primeira diz respeito ao tratamento numérico dos eventos incluídos na agenda mediática, a segunda pretende analisar mais profundamente as mensagens com o principal objetivo de proceder à interpretação de informações (*idem*, 81). Para os efeitos desse trabalho recorre-se ao método qualitativo que permite de forma mais ampla compreender a interpretação dos acontecimentos na Ucrânia feita pelos media. Portanto, pretende-se verificar o que foi posto na agenda e que tipo de linguagem foi utilizada, o que alguns canais quiseram que fosse transmitido e os outros não incluíram na sua agenda, tipos de atores figurados, quais os temas sempre em contínuo na agenda e quais foram mais voláteis, o tom das mensagens e como um determinado fenómeno ou acontecimento foi tratado pelos diversos media. Portanto, para conseguir um estudo mais completo do conteúdo das notícias e das mensagens que elas contêm, é preciso analisar a qualidade da cobertura.

Além disso, para uma imagem mais aprofundada será importante verificar o tom (positivo, negativo, neutro) de mensagens transmitidas nos media, bem como ver se o tipo de mensagem em reportagem foi composta por informação pura ou foi inserida num

determinado contexto. Para proceder à análise dos *frames* dentro dos noticiários da noite foram escolhidas as coberturas de cada canal relacionadas com os eventos de *EuroMaidan* e os acontecimentos na Crimeia a fim de determinar a ideia central, o foco, acento, tipo de linguagem utilizada e tom da mensagem.

Para verificar o impacto do discurso mediático sobre a opinião pública foram analisados os relatórios recolhidos nos Centros ou Institutos de Sondagens de Opinião dos países escolhidos para análise.

O primeiro capítulo pretende apresentar aos leitores o enquadramento teórico deste trabalho. No referido capítulo, procura-se mostrar a pertinência da teoria construtivista e teoria de *agenda-setting* para o estudo de caso. Dentro da teoria construtivista apresentam-se os dois conceitos que mais interessam para esse trabalho, o conceito de identidade e o de discurso. Dentro da teoria de *agenda-setting* apresenta-se o segundo nível de análise da teoria – *framing*. Pretende-se demonstrar a relevância desse método para o caso empírico.

No segundo capítulo é feita uma breve introdução ao estudo de caso. Principalmente apresenta-se a contextualização e a evolução da crise ucraniana. Apresentam-se as versões oficiais da Rússia, da Ucrânia e de alguns países Ocidentais sobre os acontecimentos para ajudar a perceber posteriormente as narrativas e interpretações diferenciadas. O objetivo desse capítulo, portanto, é apresentar as causas, os eventos, os atores, as opiniões dos países e das partes envolvidos.

O terceiro capítulo é um capítulo de mapeamento das notícias dos canais escolhidos para análise. Pretende-se analisar a forma como foram noticiados e interpretados os momentos e atores principais nos media televisivos. Também se pretende acompanhar a evolução dos discursos mediáticos em paralelo com a evolução dos eventos.

O último capítulo é um capítulo analítico, que analisa a forma como foi noticiada a crise pelos media para servir o poder político e o impacto que os noticiários produziram sobre a opinião pública. Também se analisa o impacto que os discursos mediáticos tiveram sobre a identidade dos países e as principais narrativas usados pelos media para (des)legitimar ações dos atores envolvidos. Além disso, utiliza-se o método de análise do segundo nível da teoria de *agenda-setting* – *framing* com o objetivo de compreender o foco substantivo da notícia e o ângulo do evento interpretado.



## Capítulo 1 – Teoria Construtivista e Teoria de *Agenda-Setting*

### 1.1. Teoria construtivista: importância da identidade e do discurso

A Teoria Construtivista está integrada no quarto debate das Teorias das Relações Internacionais, numa lógica de reação ao debate interparadigmático incapaz de trazer novas respostas aos novos desafios que a realidade internacional apresentava. Lembrando um pouco a história, no período entre a Primeira e Segunda guerras mundiais (1919-1939), caracterizado como o período de *interbellum*, o debate teórico sobre o Liberalismo tinha um papel importante na explicação do sistema internacional – surgiu a Sociedade das Nações (SDN) que trouxe a primeira experiência multilateral supranacional, fortalecendo muitas das aspirações idealistas. No mesmo contexto histórico, o Realismo contestava e desacreditava o liberalismo clássico com base na sua incapacidade de explicar os fracassos sucessivos da SDN, e dominou os cenários académicos na primeira grande geração de debates em RI (Castro, 2012: 385). Os anos setenta e oitenta deram lugar à segunda e terceira geração de debates em RI, com enfoque metodológico, e no que dizia respeito à oposição entre o neorealismo e o neoliberalismo (o debate interparadigmático), ao qual se junta o (neo)marxismo, num contexto de novas independências fruto dos processos de descolonização. Já no contexto do final da Guerra Fria surge a quarta geração dos debates, que se procura posicionar numa perspectiva mais reflexivista e interpretativa, donde o Construtivismo merece destaque. Apesar do debate sobre o Construtivismo enquanto teoria ou abordagem sociológica estar em aberto, entendemos aqui que esta corrente nos permite concetualizar teoricamente elementos essenciais a este trabalho. Assim, a abordagem construtivista ganhou força com o final da Guerra-Fria, quando os investigadores das teorias tradicionais das Relações Internacionais encontraram dificuldades em explicar os acontecimentos muito assentes ainda em lógicas de poder.

Desde o início, a variedade de abordagens construtivistas é clara, fator que tem permitido referências a Construtivismos. Assim Jeffrey Checkel (2004) avançou com uma categorização de abordagens construtivistas em: construtivismo convencional, interpretativo e crítico/radical. Segundo ele o construtivismo convencional, tendo a orientação epistemológica positivista, foca na análise do papel das regras e das identidades na

formulação da política internacional, bem como tenta construir a ponte entre as diversas correntes teóricas. O construtivismo interpretativo estuda o papel da linguagem na construção e mediatização da realidade social. Além disso, através duma variedade de técnicas discursivas pretende reconstruir a identidade do agente/Estado. O construtivismo crítico mantém o foco linguístico, mas acrescenta a dimensão normativa e dá maior ênfase ao poder inerente à linguagem (Checkel, 2004: 3). Para efeitos do presente trabalho serão usados o construtivismo convencional e o interpretativo juntar-se-á ao crítico, uma vez que a forma de desconstrução do discurso e da linguagem é similar.

Apesar da heterogeneidade das abordagens referidas acima, os construtivistas concordam quanto à construção social da realidade e dos conhecimentos, partilham a noção de co-constituição dos agentes e da estrutura, bem como reconhecem o poder material e discursivo nas relações sociais (Adler, 2009: 1; Hopf, 1998: 185). Posto isto, a visão partilhada por todos os construtivistas é que a realidade é socialmente construída; as estruturas são definidas não apenas por forças materiais, mas sim por ideias compartilhadas; e os interesses e as identidades dos atores são construídos por essas ideias compartilhadas (Wendt, 1999: 1).

O artigo *Anarchy is what states make of it*, de Alexander Wendt publicado em 1992, foi um contributo valioso para os estudos assentes no construtivismo. Ao contrário dos neorealistas que consideram a anarquia internacional uma estrutura propensa ao conflito, e dos neoliberais que veem na anarquia espaços para gerar cooperação (Wendt, 1992: 392), Wendt trouxe uma nova lógica para o entendimento de anarquia internacional. Para ele, a anarquia internacional é socialmente construída, onde os estados determinam a sua natureza. A interação entre estados não deve necessariamente levar a conflito ou cooperação, isto depende da natureza da interação que os Estados estabelecem nas suas relações (*idem*, 394). Por outras palavras, quando os estados são conflituosos na sua interação, a natureza da anarquia internacional também é conflituosa, mas quando os estados são cooperativos a natureza passa a ser cooperativa. Além disso, os estados agem de acordo com as suas identidades e interesses que não são dados por natureza e variam ao longo do tempo, onde “as identidades são base dos interesses” (*idem*, 398). Isto significa também que é da interação social que as relações se vão construindo, em lógicas mais ou menos cooperativas ou conflituosas, daí a sua natureza intersubjetiva.

Wendt (1999: 366) nos seus estudos foca-se na interação dos agentes que por sua vez criam, reproduzem ou transformam o sistema internacional. Além disso, o autor confere aos agentes e à estrutura um estatuto ontológico igual, ou seja, defende que o agente e a estrutura são co-constitutivos e que nenhum precede o outro no processo social (Wendt, 1987: 335-370). Os agentes co-constituem a estrutura por meio dos seus valores, crenças e ações, e as estruturas co-constituem os agentes moldando os seus interesses e identidades.

No que diz respeito à estrutura, a visão dos construtivistas é mais abrangente do que a de outras correntes, uma vez que os neorealistas veem a estrutura como um fenómeno material que se baseia no equilíbrio de poder militar, os marxistas consideram a estrutura material como assente numa economia mundial capitalista; enquanto que para os construtivistas, a estrutura é mais um fenómeno social do que material que existe apenas por causa das interações sociais, onde a natureza das relações internacionais é determinada pelas crenças e expectativas que os estados têm relativamente uns aos outros (Wendt, 1999: 20). No entanto, os construtivistas não negam o valor do poder material, mas afirmam que o valor dado a esse fator pelos agentes depende da estrutura social do sistema.

Segundo Wendt, os atores agem relativamente aos outros atores ou objetos através dos significados que esses atores ou objetos têm para eles (Wendt, 1992: 396-397). Assim, a compreensão social da estrutura pressupõe que os agentes no processo de interação tomam o ‘outro’ em conta. Este processo é baseado nas ideias dos agentes relativamente à natureza do sistema internacional e o papel de si mesmo e dos outros agentes dentro desse mesmo sistema (Wendt, 1999: 249).

Além disso, o desenvolvimento das relações dos atores com os outros depende do entendimento por esses atores das normas e práticas, uma vez que as normas definem a identidade e ditam as ações que levam outros atores a reconhecer a tal identidade (Hopf, 1998: 173).

Como já foi referido, a identidade representa um dos principais conceitos analisados pelos autores construtivistas. Segundo Ted Hopf (1998: 175), as identidades são importantes no entendimento de si próprios perante os outros e na definição de um conjunto de interesses do ator que posteriormente influenciam as suas escolhas e orientações:

*Identities tell you and others who you are and they tell you who others are. In telling you who you are, identities strongly imply a particular set of interests or*

*preferences with respect to choices of action in particular domains, and with respect to particular actors* (Hopf, 1998: 175).

A construção da identidade do Estado acontece em resultado da interação com outros atores da sociedade, o que leva à relação entre o ‘eu’ e o ‘outro’, e que posteriormente define a sua identificação (Tsygankov, 2010: 15). Por outras palavras, as identidades são essenciais na construção da autoidentificação do ator, e na visão deste sobre o outro.

Ao contrário dos neorealistas que consideram a identidade do estado como constante ou inalterável ao longo do tempo, resumindo-se ao interesse próprio, os construtivistas veem a identidade do estado enquanto uma variável que depende do contexto histórico, social, económico ou político (Hopf, 1998: 175).

Para os construtivistas as identidades representam a base dos interesses. Assim, um ator não pode saber o que quer antes de saber quem ele é (Wendt, 1999: 231). Definindo os atores e identificando os interesses particulares que lhes dizem respeito, as identidades representam a explicação das escolhas e orientações particulares dos atores (*idem*). Neste âmbito, a lógica construtivista contesta a lógica neorrealista que se baseia na noção de que os interesses dos estados são pré-determinados por natureza. Nesta linha, as identidades, os interesses e comportamentos dos agentes não decorrem do sistema anárquico, porque são construídos por um conjunto de significados coletivos e interpretações sobre o mundo (Adler, 1997: 324).

Portanto, os construtivistas defendem que a estrutura tem um impacto significativo sobre os interesses e as identidades dos agentes, ou seja, os interesses e as identidades são as variáveis dependentes do processo de interação e são construídos por esse mesmo processo. Os próprios agentes são resultado desta interação contínua (Wendt, 1999: 316). De tal forma, a construção social da realidade diz respeito não apenas à forma como vemos o mundo, mas também à forma como nos vemos a nós próprios dentro desse mundo, como definimos os nossos interesses, e determinamos o que é ação aceitável (Barnett, 2001: 259).

Outro conceito essencial para entender como se constituem os fenómenos sociais é o conceito (e prática) de discurso. As ideias que constroem a realidade social expressam-se através do discurso (Santos, 2010: 9). Um dos autores de referência que contribui para o estudo do discurso é Friedrich Kratochwil (1989). O autor avançou com a ideia que o mundo que nos rodeia não é dado ou natural, é construído artificialmente por meio das ações dos



agentes que o compõem. Apesar disso, ele não considera o mundo enquanto uma criação subjetiva, ao contrário, vê a construção da ordem social através da intersubjetividade da linguagem e dos seus significados compartilhados. Essa ligação entre a construção do mundo social e intersubjetividade da linguagem torna-se fulcral nos estudos do Kratochwil.

O autor afirma que o conceito de ato discursivo (*speech act*) é um dos principais conceitos para a compreensão do discurso porque abre a possibilidade de transcender a compreensão da situação atual para além de fatores materiais (Kratochwil, 1989: 7). Além disso, o discurso permite fazer escolhas, bem como avaliar ações e acontecimentos através de valores comuns por meio da memória e da comparação (*idem*: 6). Segundo ele, os atos discursivos podem ser institucionalizados em regras e normas, e fornecer a base e o contexto para ações consequentes. As normas não são os instrumentos de organização, mas antes servem para legitimar e tornar certos atos possíveis (*idem*: 7-8). Posto isto, entendendo as regras que regem o discurso é possível entender as regras que regem a realidade, uma vez que “o mundo ao qual nos referimos é produto dos discursos que nos permitem referir a ele” (*idem*: 9).

Partindo do pressuposto que os discursos estão ligados a ações, Nicholas Onuf concorda que o ato discursivo é a forma mais importante de compreensão da construção do mundo (Onuf, 1998: 59). Onuf também afirma que as pessoas constroem a realidade através das suas ações que podem ser atos discursivos. Os atos discursivos, por sua vez, são institucionalizados em regras e representam os significados das ações humanas. Segundo ele, o ato é expressão do discurso, uma vez que, “dizer é fazer” (Onuf, 2001: 77-78). Para o autor, “as regras fazem os agentes” e definem quais atores são agentes duma determinada estrutura (Onuf *et al.*, 1998: 64).

Portanto, ao contrário dos neorrealistas e neoliberais que consideravam o poder material, político e económico enquanto o elemento principal na interação dos Estados, os construtivistas afirmam que a construção do mundo que nos rodeia e as ações dos agentes nele serão entendidos apenas se analisarmos também o poder do discurso, principalmente, e das regras que o compõem e que obrigam os agentes a agir duma determinada maneira. De facto, o agente formula as suas preferências e interesses em resultado da interação com outros agentes, onde a interação ocorre através dos discursos e o próprio discurso representa uma ação do agente que compõe essas mesmas preferências e interesses (Santos, 2010: 10).

Desta forma, o que interessa aos construtivistas que aderiram à ‘virada linguística’ são as normas e regras que constroem o discurso, o que serve para o entendimento da realidade social em que o Estado se encontra, bem como para compreender determinada ação da parte do agente (Nogueira e Messari, 2005: 168). Os construtivistas ao reforçarem a interpretação de que os estados não são os únicos objetos de estudo das Relações Internacionais, permitem considerar o papel dos media na construção das Relações Internacionais. Além disso, foi reconhecido o papel dos discursos e da linguagem na construção social da realidade. A percepção que temos relativamente aos eventos e acontecimentos que ocorrem no mundo político e a sua atuação sobre ele geralmente decorre em grande medida da difusão das ideias relativamente a esses mesmos eventos e acontecimentos pelos media.

Segundo Julia Camargo, à luz da teoria construtivista é possível entender as notícias como participantes do processo de construção do mundo e criação de significados. Para a autora, os significados transmitidos pelas notícias definem e constituem os fenómenos sociais (Camargo, 2009: 28). Na mesma linha, Cynthia Weber (2010: 74) afirma que a realidade existente é produzida e transformada através dos meios de comunicação, especialmente a televisão. É através dos media que as identidades, interesses e instituições são construídas e reconstruídas.

## **1.2. A teoria de *agenda-setting***

Uma das teorias que estuda o papel dos media na construção da realidade social e o seu peso na política e opinião pública é a teoria de *agenda-setting*. O conceito de *agenda-setting* surgiu pela primeira vez numa famosa obra do jornalista norte-americano Walter Lippmann (1922) chamada “Opinião Pública”, onde ele coloca a questão de uma realidade, inexistente ou falsa, construída através dos media. Lippmann afirma que a aceitação pelas pessoas de tal realidade permite exercer influência e controlo sobre as mesmas. Assim, os media criam na mente das pessoas uma imagem distorcida do mundo externo que se torna para as mesmas uma realidade verdadeira (Lippmann, 1922). Através da seleção e interpretação das notícias diárias, os jornalistas fornecem-nos o entendimento sobre os acontecimentos mais importantes do mundo, o que nos ajuda a construir a realidade.

Portanto, os meios de comunicação desempenham um papel essencial na ligação entre os eventos no mundo e as imagens dos mesmos na nossa mente (*idem*).

A formulação empírica de *agenda-setting* surgiu no artigo de Maxwell McCombs e Donald Shaw (1972) que foram reconhecidos como fundadores desta abordagem. Eles realizaram os primeiros estudos empíricos da abordagem durante a campanha eleitoral de 1968, em Chapel Hill na Califórnia. Estes estudos mostraram o elevado grau de correlação entre os cinco principais temas da agenda dos media e os cinco tópicos que foram considerados como mais importantes para os então cem votantes indecisos na área de Chapel Hill. Eles chegaram à conclusão que os meios de comunicação têm capacidade de moldar a agenda em campanhas políticas e produzir influência sobre a opinião pública relativamente a determinados assuntos políticos. Centenas de estudos confirmaram a premissa básica de que a saliência pelos media de certas questões leva ao aumento da relevância dos mesmos na opinião pública (McCombs, 2004: 2). Portanto, os media têm um papel importante na construção ou fabricação da nossa realidade uma vez que possuem a capacidade de influenciar a percepção dos acontecimentos na opinião pública e têm o poder para agendar temas e produzir efeitos sobre a população que o consome.

Cohen afirma que a percepção do mundo é diferente para cada pessoa, dependendo da imagem que foi construída na sua mente pelos editores, autores e jornais que leram (Cohen, 1963: 13). Neste sentido, James Dearing e Everett Rogers definiram o processo de *agenda-setting* como “*ongoing competition among issue proponents to gain attention of media professionals, the public, and policy elites. [...] The study of agenda-setting is the study of social change and of social stability*” (Dearing e Rogers, 1996: 1-2).

Estes autores concordam que o processo de definição de agenda é um processo político e identificaram três principais componentes que constituem o processo de agendamento: a agenda dos media, a agenda pública e a agenda política (Dearing e Rogers, 1996: 22). Para eles a agenda pública é medida pela discussão de determinados assuntos produzidos nos meios de comunicação. A agenda dos media é medida pela análise de conteúdo da cobertura de certos tópicos pelos meios de comunicação. A agenda política é determinada pelas ações políticas em relação a determinado assunto, como introdução de novas leis. Além disso é importante notar que uma série de estudos sugerem que os líderes

políticos e presidentes podem ter influência significativa na agenda dos meios de comunicação (Dearing e Rogers, 1996: 23).

Deste modo, a teoria de *agenda-setting* tenta explicar como os governos exercem influência sobre a agenda dos media, como os meios de comunicação hierarquizam os assuntos e privilegiam determinado aspeto e como esse aspeto se torna o assunto mais discutido pelo público. Posto isto, os media têm poder de construir a forma de ver o mundo e através dos discursos mediáticos difundir as ideias e os conceitos que o vão concretizar.

Segundo Leonardo Colling (2001), existem pelo menos três caminhos na análise de *agenda-setting*, respetivamente, o estabelecimento da agenda do público, o estabelecimento da agenda política (*policy agenda-setting*) e a construção da agenda (*agenda building*). O primeiro diz respeito ao efeito que os media exercem sobre as perceções da opinião pública e trata, assim, duma relação causal direta entre a agenda mediática e a agenda do público. O segundo foca-se na relação causal entre a agenda mediática e a agenda política e estuda como os meios de comunicação condicionam as perceções dos próprios representantes políticos. O último caminho trata da construção da agenda, ou seja, analisa quem tem poder de determinar a agenda e como isso é concretizado (Colling, 2001: 94).

### **1.2.1. O segundo nível da teoria de *agenda-setting***

Os estudos mais recentes afirmam que os meios de comunicação têm o poder não apenas de nos oferecer os assuntos sobre os quais nos iremos preocupar, mas também conseguem dizer-nos como devemos pensar sobre os temas transmitidos pela agenda mediática (Traquina, 1995: 204). Os estudiosos explicam isso usando a abordagem a um segundo nível de análise, principalmente o conceito de *framing* (enquadramento). McCombs e Show consideram a *agenda-setting* mais do que a clássica noção de que as notícias nos dizem sobre o que pensar, afirmando que as notícias nos dizem também como pensar acerca do tema. Além disso, os autores defendem que a seleção de temáticas para onde a atenção deve ser dirigida, e a seleção dos enquadramentos pensados acerca destas temáticas, constituem o ponto forte da teoria de *agenda-setting* (McCombs e Show, 1993: 62). Portanto estudiosos consideram o *framing* não como uma teoria diferente da *agenda-setting*, mas como um segundo nível de análise. Assim, o segundo nível da teoria de *agenda-setting* implica a análise mais aprofundada do tratamento da informação mediática e oferece novas oportunidades para os estudiosos.

Nos trabalhos do Gofman (1974) o *framing* está fortemente ligado ao processo da comunicação social, com foco especial na definição dos fenômenos. Ele define o conceito enquanto “a perspectiva de percepção, que cria uma definição formal da situação” (Gofman, 1974). Assim, através de certos *frames* (quadros) ocorre a percepção do mundo, a sua estruturação e organização acompanhada por significados e avaliações específicos.

Um dos estudiosos principais do *framing* é Robert Entman. Este autor define o conceito como “*act of selecting and highlighting some facets of events and issues and making connections among them so as to promote a particular interpretation, evaluation and/or solution*” (Entman, 2004: 5).

Para ele, o conceito de *framing* consiste em oferecer a base para o poder comunicativo. A análise permite entender qual é a influência sobre a consciência que acontece em resultado da transferência da informação. Assim, o autor defende que usando o *framing* é possível definir o problema, diagnosticar causas, fazer um julgamento moral e sugerir alternativas (Entman, 1993: 51-52). Outro componente importante do sistema é a cultura e o ambiente em que o *framing* se forma. Este ambiente representa o ponto de partida para a formação das especificidades do *framing* (*idem*).

A essência da análise de *framing* das mensagens é o foco sobre os processos comunicativos. O processo de comunicação é um processo dinâmico que envolve duas etapas do estabelecimento do *framing*: a construção do *frame* e sua posterior implementação (a interação entre os media e o público) (De Vreese, 2005). Na primeira fase, definem os fatores que determinam as características específicas do *frame*. Muitas vezes, trata-se da influência externa sobre os jornalistas e autores dos materiais, relativamente ao foco e acento particular sobre a política interna ou externa do Estado. O processo de criação de *framing* assim, é um resultado da interação contínua entre jornalistas e elites, e como consequência, o reflexo da posição das elites (Shoemaker *et al.*, 2009: 74). Na segunda etapa, para o *frame* ser implementado no público, ele deve coincidir com o conhecimento e as características culturais específicas da cada sociedade. Isto é importante para a percepção de informações pelo público, bem como para influenciar os processos de formação das opiniões públicas, formação de normas e atitudes sociais (Tankard, 2001: 97). De tal modo, a teoria do segundo nível de análise não se limita apenas a explicar o efeito que a cobertura mediática de

determinado evento tem sobre o público, mas também foca na compreensão da tendência e da forma como é transmitida pelos meios de comunicação.

### **1.3. Os media e as relações de poder**

O reconhecimento e a importância dos media enquanto atores das relações internacionais, envolveu-os no debate da disciplina das Relações Internacionais. O foco principal das análises sobre os media enquanto ator útil na área visa compreender como os media se comportam dentro das relações de poder. Muitas vezes os media têm apenas a função de disseminar a informação criada pelos atores económicos e políticos, que consequentemente se tornam os principais construtores da realidade internacional.

As teorias tradicionais considerando os Estados como atores principais no sistema internacional, descrevem os media como uma ferramenta ao serviço dos Estados e não como ator internacional em si (independente). Os media no campo das correntes tradicionais são apenas um meio de “*soft power*” eficaz, através do qual é possível exercer o poder sobre os outros atores (Nye, 2008). Esta visão estatocêntrica, portanto, limita o número de atores que interagem na estrutura internacional e em resultado limita a análise da realidade internacional.

Partindo do pressuposto que os media estão ativamente a participar nas dinâmicas discursivas das relações económicas e políticas no campo internacional (Oliveira, 2010), e portanto, têm capacidade de influenciar a formação da opinião pública, as identidades nacionais e as políticas do Estado, permite considerá-los como ator (independente) relevante na construção da realidade internacional. Nesta linha, Eytan Gilboa (2002) afirma que os media não podem ser entendidos apenas como promotores dos interesses políticos, mas também são atores capazes de constranger os líderes políticos na formulação da política externa. Segundo a autora, os media desempenham quatro papéis diferentes na sua atuação: um ator controlador, constrangedor, interveniente ou instrumental. No primeiro caso, os media ocupam o lugar dos *policy-makers*, principalmente nas questões que envolvem a intervenção militar. A partir das questões militares postas nas suas agendas, os políticos são obrigados a intervir em certas regiões humanitárias ou armadas, ou ao contrário a retirar as suas tropas do território. Este modelo chama-se Efeito CNN. Segundo este modelo, os meios

de comunicação são capazes de gerar manifestações da opinião pública sobre determinados factos. Neste caso os media desempenham o papel do formador das políticas relacionados com a defesa ou crise humanitária. Através da transmissão contínua dos discursos e imagem os media são capazes de afetar o processo de tomada de decisão, bem como alterar a agenda política (Camargo, 2007: 8). No segundo caso, os media têm capacidade de constranger a tomada de decisão e condicionar as políticas participando ativamente no processo de tomada da decisão. No terceiro caso, os media ocupam o lugar interventor em conflitos promovendo a intermediação da política internacional, ou seja, os agentes mediáticos nesse caso tornam-se os diplomatas e por meio da intermediação geram os acordos e resoluções. No último caso, os media desempenham um papel instrumental. Eles são utilizados por diplomatas para mobilizar a opinião pública ou criar um ambiente favorável em situações de discordância.

Os estudiosos Herman e Chomsky (1998) também procuraram introduzir os media enquanto ator relevante no campo das Relações Internacionais propondo a teoria do *Manufacturing Consent*. Contudo, neste caso os media são vistos como uma ferramenta utilizada pelos construtores da política e portanto, não são capazes de interferir no processo político. Segundo as afirmações dos autores, os media estão subordinados a determinados grupos políticos ou económicos que possuem interesses específicos e portanto, o papel dos media nesse contexto é promover a propaganda desenvolvida pelos grupos influentes. Neste contexto, a posição política e económica da maioria das instituições mediáticas leva a uma situação onde as notícias tendem a suportar as perspetivas e as visões das elites dominantes. De acordo com os autores, o governo influencia as conclusões dos jornalistas e promove a tendência dos jornalistas para a autocensura e a perceção dos eventos através de prismas políticos e culturais estabelecidos pelas elites. Portanto, Chomsky e Herman (1998) defendem a ideia que as notícias produzidas pelos media são influenciadas pelo governo, grupos políticos e económicos, em vez de serem os media a influenciar a decisão política.

Daqui entendemos, que a interação entre os media e a política é complexa e diversa, e que em determinados momentos é caracterizada por pressão mútua. Podemos dizer que a atuação dos media depende do contexto e do ambiente em que se dá, rejeitando assim uma visão rígida que considera os media apenas como detendo um papel controlador ou como uma ferramenta ao serviço dos outros atores.

#### 1.4. Discurso mediático e construção da realidade

Segundo os construtivistas da virada linguística, a realidade em que se vive é construída e reconstruída a partir das práticas discursivas (Onuf, 1998; Kratochwil, 1989), que por sua vez podem ser produzidas pelas agendas mediáticas. O construtivismo veio defender que não apenas o poder material, económico e militar define as relações entre Estados, mas também as ideias são uma forma de poder expressa através do discurso e da linguagem, e, portanto, são fontes de influência importantes no desenvolvimento das relações internacionais. Os media, neste contexto, são os atores principais na difusão dessas ideias. Para Fairclough (1995: 126) o discurso mediático é um dos meios hegemónicos que representa as relações de subordinação entre os atores sociais. Os discursos participam da construção dos aspetos da sociedade como a identidade social, relações sociais, sistemas de conhecimento e crenças. Além disso, os discursos conseguem reproduzir ou manter as identidades sociais existentes, relações e sistemas de conhecimentos e crenças, ou criar os caminhos que ajudam a transformar tais aspetos (*idem*, 55).

Portanto, “*talking is undoubtedly the most important way that we go about making the world what it is*” (Onuf, 1999: 59), onde o discurso mediático desempenha o papel importante na interpretação e apresentação dos fenómenos sociais. Na mesma linha, Herman e Chomsky (1998: 1), defendem que os media representam um sistema de comunicação que através do uso de determinados símbolos e mensagens transferem as informações dos emissores para os recetores. Entre as diversas funções dos media, os estudiosos sublinham as funções de informar, interpretar e unir os indivíduos com os valores, crenças e comportamentos como mais importantes, uma vez que essas são elementos principais para integrar os indivíduos em estruturas institucionais da sociedade. Nesta linha, os media contribuem para a construção identitária da sociedade.

Para os construtivistas a identidade do Estado é construída em resultado da interação dos Estados entre si e institucionalização das ideias sobre a cultura, ideologia, normas e valores (Wendt, 1992). Além disso, a identidade é uma ferramenta crucial na manutenção da realidade subjetiva dos estados (*idem*), construída pelos media. Contudo, a identidade é muitas vezes usada por políticos como um instrumento para influenciar as massas, uma vez que representa a orientação do estado na execução da sua política externa



e interna, e onde os estados necessitam de apoio doméstico. Essa influência geralmente é feita com o apoio dos media. Incluindo determinada informação, conceitos e imagens nas agendas mediáticas, os meios de comunicação produzem impacto significativo sobre os sentimentos patrióticos dos cidadãos, a sua autoidentificação e diferenciação perante os outros. Esta representação do “nós” manifestada em discursos mediáticos através da atribuição de características únicas, históricas, económicas ou políticas, leva à autoidentificação perante o “outro” e consolida a própria sociedade (Chernih, 2014). Assim, os media têm a capacidade não apenas de nos informar, mas também de formar a nossa perceção sobre “nós” e os “outros”.

Hoje em dia, é possível reparar como a autoidentificação da população perante as outras populações é causa de coerência entre os cidadãos, ou ao contrário, causa de divisão entre eles o que conseqüentemente reduz ou aumenta a probabilidade dos conflitos étnicos ou políticos. Como mostra o caso da Ucrânia, nem os meios de comunicação nem os governantes ucranianos após da dissolução da União Soviética (URSS) conseguiram contribuir para a formação de uma identidade ucraniana forte, o que provocou a profunda divisão entre a população, onde uma parte continua a identificar-se com os russos e apoiar a orientação russa na política externa ucraniana, enquanto a outra parte apoia a orientação europeia. No período de conflito a identidade torna-se importante uma vez que a sociedade deve partilhar consenso relativamente ao papel do estado nesse conflito. Portanto a eficiência dos media e da política do estado no âmbito da identidade é fulcral, uma vez que o estado obtém apoio através da legitimação pública das ações políticas, onde a legitimação decorre em grande parte da representação mediática dessas ações.

Em sociedades democráticas, os media são considerados como o instituto mais importante da sociedade que possui o papel intermediário entre o Estado e a sociedade. Ou seja, os media devem representar e defender os interesses da população perante a autoridade do Estado. No entanto, as autoridades do estado têm a necessidade de influenciar o conteúdo e orientação do fluxo da informação. Nos países onde o poder se encontra nas mãos duma burocracia estatal, o controlo sobre os meios de comunicação muitas vezes vai em linha com a censura oficial, e leva à noção de que os media servem os interesses das elites e têm como função principal mobilizar o apoio público para as preferências políticas das elites dominantes (Herman e Chomsky, 1998: 1). Ou seja, as relações entre os políticos e os media infiltra-se no regime democrático onde os media passam a ser alvo das manipulações e

pressões por parte dos diversos grupos políticos ou económicos que efetuam a vigilância sobre a orientação e conteúdos mediáticos, bem como o controlo sobre a sociedade. Neste caso, os meios de comunicação transferindo determinado discurso político tornam-se agentes de influência ao serviço de determinados interesses de atores políticos ou económicos e trazem carga ideológica para o público.

Wodak (1996: 18) define a ideologia como um meio especial para a construção da sociedade, que pressupõe a estrutura do poder e da sociedade desigual. Por outras palavras, a ideologia é uma política que se relaciona com o uso da linguagem, onde a linguagem se torna o meio da representação ideológica. Pressupõe-se que a linguagem pode ser estudada como fonte de objetivos políticos invisíveis. Fairclough (1992: 117) considera a ideologia enquanto o instrumento principal da construção da realidade, e que constrói essa realidade por meio da prática discursiva. Essa prática discursiva tem a capacidade de produzir, reproduzir e transformar as relações de dominação. Os discursos, por sua vez, representam as construções ideológicas onde os diferentes atores sociais usando determinada linguagem tentam manter ou estabelecer a sua hegemonia ou mudar tal realidade (*idem*). Portanto, a prática discursiva que pode ser produzida pelas agendas mediáticas contribui não só para a reprodução da ordem social e política, mas também para o processo de transformação social o que mostra o claro efeito hegemónico do discurso.

Para Fairclough (1992: 117) o instrumento importante da ideologia torna-se a consistência. A consistência é um fator crucial tanto na ideologia como na representação do discurso porque leva ao “consenso comum” da população sobre determinadas características que eles possuem, o que provoca determinada orientação ideológica. Nesta linha, os discursos mediáticos têm o papel poderoso na produção desse “consenso comum” e por isso, são muitas vezes usados pelos Estados.

Portanto, a perspectiva construtivista abriu a possibilidade de introduzir os novos atores no estudo das RI, principalmente, considerar os media como um ator construtor da realidade social. Por serem as principais fontes de informação capazes de agendar temas e salientá-los a partir dos ângulos específicos, os media acabam por ser os atores essenciais da formação de perceções e entendimentos sobre determinados assuntos da realidade no público. Devido o seu amplo alcance e confiabilidade, os meios de comunicação muitas vezes são utilizados por Estados como uma ferramenta política, que legitima as suas atuações

perante o público doméstico e/ou externo. Contudo, os media conseguem atuar enquanto os atores independentes, que por seu poder informativo têm capacidade de constranger os estados ou, ao contrario, obrigar os a intervirem no determinado assunto, bem como mobilizar a opinião pública a favor ou contra o assunto apresentado. Estas razões permitem-nos incluir os media para a análise das situações conflituosas de modo entender o papel que o discurso mediático produz sobre a resolução ou deterioração da situação.

,



## **Capítulo 2 - Introdução ao estudo de caso: A crise da Ucrânia**

Em novembro de 2013 na praça central da capital da Ucrânia – *Maidan*, centenas de ucranianos saíram à rua insatisfeitos com a decisão do governo relativa à suspensão de um possível acordo de associação com a União Europeia (UE). A assinatura deste acordo representava um evento valioso para a nova história da Ucrânia desde a sua independência, uma vez que demonstrou a vontade prática do país de aproximação aos valores e padrões democráticos ocidentais, escapando de tal maneira à influência da Rússia no país. Os protestos espalharam-se e ganharam força, ficando a ser conhecidos como *Euromaidan*, *Maidan*, e passando meio ano entraram na história como a ‘Revolução da Dignidade’. Naquele momento, ninguém podia pressupor que esta manifestação de vontade levaria a uma profunda divisão do país, à substituição antecipada do governo, à intervenção russa na Crimeia e acabaria por levar à guerra no leste da Ucrânia.

### **2.1. O caminho indeciso da Ucrânia após o fim da URSS**

Com o fim da União Soviética em 1991, a Ucrânia tornou-se independente e enfrentou inúmeros desafios na política externa e interna. Entre os principais é possível destacar a necessidade de formação de um sistema económico e político, a autodeterminação cultural e étnica, o estabelecimento de relações com outros países, bem como encontrar o lugar do país no sistema internacional (Iljin, 2014: 4).

A formação de um caminho próprio da política externa do país levou a tensões nas relações russo-ucranianas. Portando, entre as principais ameaças para a segurança nacional do país destacaram-se o expansionismo russo, a promoção dos conflitos étnicos, a divisão territorial do país e o pan-eslavismo (Doroshko, 2011: 30). Nos primeiros anos da sua independência, a Ucrânia procurou distanciar-se das antigas repúblicas soviéticas o que definia uma política diferente no espaço pós-soviético. Nas estruturas da Comunidade dos Estados Independentes (CEI) a Ucrânia oficialmente não era um membro da organização e a sua participação em todas as atividades tinha apenas carácter formal (Vorobyov *et al.*,

2010: 168). Portanto, o país não era responsável pelas decisões tomadas no âmbito da CEI o que proporcionou a oportunidade de conduzir uma política independente, que, na prática resultou no afastamento da Rússia. Os países ocidentais eram vistos como uma prioridade na política externa porque garantiam a futura adesão da Ucrânia ao clube dos países desenvolvidos.

Este vetor na política externa nos primeiros anos da independência não alterou significativamente as relações econômicas russo-ucranianas, uma vez que a Ucrânia manteve uma elevada dependência de privilégios russos. Os produtos ucranianos, o gás e a energia a preços acessíveis, e a empregabilidade para os milhões de ucranianos na Rússia, não permitiram às autoridades ucranianas afastar-se completamente das relações com a Rússia. No entanto, qualquer proposta do lado russo relativa à cooperação no âmbito da antiga União Soviética era considerada em Kiev como uma ameaça à independência ucraniana (Vorobyov *et al.*, 2010: 168). Portanto, os primeiros anos foram marcados pela tal dualidade – politicamente para o Ocidente, economicamente com a Rússia, que criou dificuldades no desenvolvimento e no fortalecimento das relações bilaterais entre os países.

A nova etapa da política externa e interna ucraniana aconteceu em 1994 com a chegada ao poder do novo presidente, Leonid Kuchma. O aprofundamento da crise econômica e o crescimento do descontentamento social da população levou à crescente consciência da necessidade de normalização das relações políticas e econômicas com a Rússia. As decisões do novo presidente tornaram-se mais equilibradas e pragmáticas. Além disso, surgiu o conceito da política multivectorial ucraniana que implicava o avanço da Ucrânia na direção ocidental ao mesmo tempo mantendo relações estáveis com a Rússia (Popov, 2007).

No entanto, no período entre 1990 e 2000 aconteceu novamente uma mudança de ênfase na política externa da Ucrânia, marcada pela melhoria das relações bilaterais entre Moscovo e Kiev, e a disponibilidade de avançar a cooperação com a Rússia. A falta de vontade por parte de Bruxelas e Washington em considerar a Ucrânia enquanto um parceiro igual, e o insucesso de Kiev no âmbito da integração euro-atlântica resultaram numa revisão das prioridades ucranianas (Vorobyov *et al.*, 2010: 169). Contudo, devido à falta do apoio doméstico, os governantes ucranianos desenvolveram uma nova direção chamada “Escolha

Europeia” e anunciaram pela primeira vez a intenção da Ucrânia de aderir à Organização do Tratado do Atlântico Norte (NATO) (ZN, 2002).

Portanto, a política no período de Kuchma foi orientada pelo alcance de objetivos opostos o que transformou o curso multivectorial numa política indecisa e pouco clara. Além disso, questionou a posição do país no sistema internacional e perturbou quer a integração europeia e aproximação com o Ocidente quer o fortalecer das relações com a Rússia.

Com a chegada ao poder de Victor Yushchenko em 2005, os acentos de política externa ucraniana foram ajustados no sentido de aprofundamento da cooperação com a UE, os EUA e a NATO. A política externa da Ucrânia conhecia um carácter pró-ocidental, e as relações com a Rússia entraram em confrontação. Além disso, a interpretação dos eventos históricos, o papel da língua russa e os problemas da cooperação energética ganharam maior atenção (Korinenko *et al.*, 2010). Durante este período as relações entre Bruxelas e Kiev avançaram no sentido de aproximação. Para as autoridades ucranianas a integração europeia servia como um guia na implementação das reformas e um instrumento na execução da política interna (Vorobyov *et al.*, 2010: 169).

No que diz respeito à NATO, a política de Yushchenko não se aproximou da adesão à Ucrânia. Sendo estritamente unidirecional e antirussa, não trouxe resultados positivos para a Ucrânia. A parceria estratégica com a Rússia foi destruída, enquanto a parceria estratégica com o Ocidente não foi criada. Como resultado, a Ucrânia e a Rússia, de parceiros estratégicos passaram a rivais geopolíticos. Além disso, no final do período de governação de Victor Yushchenko a elite política ucraniana não alcançou consenso sobre as prioridades na política externa ucraniana (Chaliy, 2010: 20).

No início de 2010, a eleição presidencial foi ganha por Victor Yanukovych, que lançou as bases para uma nova etapa na política da Ucrânia. Com a chegada ao poder de Victor Yanukovych aconteceram mudanças positivas nas relações russo-ucranianas: as negociações ativas entre a Rússia e a Ucrânia resultaram na assinatura e ratificação de um conjunto de documentos. Um dos mais valiosos para ambos os lados foi o acordo sobre a extensão da Frota do Mar Negro até 2042. Em troca, a Ucrânia recebeu 30% de desconto sobre o gás natural russo. Esta flexibilidade foi motivada pelas dificuldades socioeconómicas que existiam no país e que exigiam uma ação rápida e eficaz (Korinenko *et al.*, 2010).

No entanto, as relações com a Rússia neste período eram consideradas como uma fase de transição, necessária para a recuperação da economia ucraniana e a expansão do processo de negociação com a UE (Vorobyov *et al.*, 2010: 169). Por esta razão, a liderança ucraniana não queria reverter completamente a direção da política externa. Posteriormente o governo ucraniano aprovou o programa de integração com a UE, pretendendo tornar-se membro associado a longo prazo.

Durante o período 2011-2013, a Rússia tinha sugerido várias opções para a Ucrânia no domínio económico, uma das quais foi a proposta de se juntar ao projeto do Espaço Económico Comum (EEC). No entanto, o lado ucraniano rejeitou esta iniciativa russa e procurou acelerar o processo de aproximação à UE, desejando a rápida assinatura do acordo de associação e de uma zona de livre comércio (Vorobyov *et al.*, 2010: 170).

## **2.2. Da Associação para *Maidan***

As negociações sobre o Acordo de Associação (AA) tiveram início em 2007, quando a Ucrânia era governada pelo presidente pró-ocidental, Victor Yushchenko (MNE da Ucrânia, *s.d.*). O primeiro-ministro na época era Victor Yanukovich que em março de 2010 se torna o novo presidente do país em grande parte devido à promoção na sua campanha eleitoral da aproximação à UE (BBC, 2010). As vantagens deste discurso e política baseavam-se na aproximação da Ucrânia aos padrões democráticos europeus, bem como a promoção de aproximar a Ucrânia dos vinte países mais desenvolvidos no mundo (Yanukovich, 2010). O Acordo de Associação deveria substituir o acordo sobre a Parceria e Cooperação assinado em 1994. O novo acordo visava aprofundar as relações políticas, económicas e comerciais entre as partes, incluindo a criação de uma Zona de Comércio Livre (PE, 2014). Em contrapartida, a Ucrânia devia realizar um conjunto de profundas reformas políticas, económicas e sociais, como por exemplo a reforma do setor energético ou a reforma no âmbito das finanças estatais, bem como comprometer-se a respeitar o Estado de direito e a luta contra a corrupção (EEAS, 2015). Conferir à Ucrânia o estatuto de associação definia o caminho europeu da política externa ucraniana, bem como significou a inevitabilidade das grandes mudanças que ocorreram no país.



Até 2013, foram feitas 21 rondas de negociações (MNE da Ucrânia, *s.d.*). Apesar do texto do novo acordo ter sido finalizado ainda em 2011, as complexidades nas relações entre a UE e a Ucrânia, em particular relativamente à prisão dos líderes da oposição ucranianos, Iuliia Timoshenko e Yuriy Lutsenko, e violações de direitos na Ucrânia, adiaram a assinatura do mesmo várias vezes.

A data final da assinatura estava prevista para o dia 21 de novembro de 2013, na altura da cimeira de Vilnius da UE. No entanto, na véspera da assinatura do acordo, Yanukovich pronunciou-se publicamente sobre os benefícios pouco claros que esta maior aproximação à UE implicava, e a necessidade de desenvolver relações ainda mais próximas com a Rússia (ZN, 2013a). Nas palavras do ex-Primeiro ministro ucraniano, Mykola Azarov, “o processo de integração irá continuar, mas suspende-se por algum período de tempo devido às consequências económicas negativas para a Ucrânia” (RFI, 2013). Os líderes da UE expressaram a sua insatisfação com a decisão de Yanukovich, afirmando que a assinatura falhou devido à pressão externa da Rússia sobre o ex-presidente ucraniano (BBC, 2013). Por sua vez, Putin rejeitou as acusações da UE afirmando que a UE está a ameaçar, exercer pressão e a fazer chantagem sobre a Ucrânia (RIA, 2013).

As manifestações do *EuroMaidan* passaram por quatro fases distintas e por quatro ondas de protestos e repressões (Onuch, 2014a: 6). O anúncio do ex-presidente ucraniano sobre a suspensão do AA esteve na origem da primeira fase dos protestos contra o governo ocorridas principalmente na praça da Liberdade, no centro da capital da Ucrânia durante o período de 21 de novembro até 30 de novembro (*idem*). Nas palavras do jornalista ucraniano, Vasil Vladislav, na primeira fase, os protestos foram marcados por um clima pacífico, onde se juntaram poucos jornalistas, ativistas sociais, e os defensores da integração europeia para discutir a decisão de Yanukovich relativamente à suspensão do AA e concordar sobre alguma ação conjunta. Naquela época, ninguém planeou e esperou a grande ação ou manifestação. Contudo, as primeiras mensagens transmitidas pelos media ucranianos que no *Maidan* começam a juntar-se pessoas, levaram para a praça vários milhares de ucranianos. Portanto, sem cobertura dos media a ação seria uma pequena ação marginal (Entrevista Vasil, 2016).

As primeiras pessoas chegaram à praça com as bandeiras da UE, expressando insatisfação com a decisão do governo. Naquela altura, nasceu o slogan: “A Ucrânia - é

Europa!”. Rapidamente o número de pessoas reunidas ultrapassou as cinco mil e as demonstrações espalharam-se com grande força para outras cidades da Ucrânia (Journal 112, *s.d*), como por exemplo Lviv, Ternopil, Ivano-Frankovsk, etc. Alguns ativistas entre os jornalistas destacam ainda uma série de outros fatores que levaram ao grande número de pessoas a sair à rua em protesto, como a crise econômica, a desigualdade social, a corrupção, a pobreza e o desemprego. Para eles o acordo com a UE representava a esperança de uma vida melhor e de um país mais justo (Entrevistado Vlachkova, 2016).

O início das manifestações coincidiu com duas datas muito valiosas para a nova história da Ucrânia após a dissolução da URSS, como o nono aniversário da Revolução Laranja e o dia da Memória das vítimas *Holodomor*<sup>2</sup>. *Maidan* reuniu também os primeiros líderes da oposição, como por exemplo Vitay Klitschko do partido liberal “UDAR”, Oleg Tyahnybok do partido ultranacionalista “Svoboda”, Arseniy Yatsenyuk do partido político liberal “Front Zmin”, Yuriy Lutsenko do “Bloco Petro Poroshenko”, o deputado nacional ucraniano Andriy Parubiy, entre outros.

Os opositores ao governo começaram a apelar à mobilização dos ucranianos para uma ação chamada “Por uma Ucrânia Europeia”, instalando tendas e erguendo barricadas na praça da Independência. Contudo, o governo reagiu rapidamente e chamou para *Maidan* a unidade das forças de ordem chamada *Berkut* para desocupar a praça dos manifestantes (Journal 112, *s.d*). Nos dias seguintes ocorreram as primeiras marchas na Praça da Independência dos ucranianos insatisfeitos com a mudança da direção de Yanukovich. Esses protestos acompanharam os primeiros confrontos dos manifestantes com as forças especiais pró-governamentais (Marples, 2015), em que a polícia usou cassetetes e gás para conter a multidão, e os manifestantes responderam com pedras e coquetéis Molotov (ZN, 2013b).

Ao mesmo tempo, começaram-se a juntar para uma greve os estudantes de algumas das universidades nacionais que posteriormente se vieram a tornar a parte mais ativa e numerosa dos protestos. Na noite de 30 de novembro acontece um dos eventos mais controversos da ‘revolução’ que acaba por inspirar a segunda onda das manifestações. A polícia começou violentamente a dispersar os manifestantes do *Maidan* que na sua maioria

---

<sup>2</sup> *Holodomor* – genocídio da população ucraniana, organizado pelo comando da União Soviética em 1932-1933 por meio da criação de fome artificial, que causou enorme número de pessoas vítimas do bloqueio de alimentos (Marochko, 2004).

eram jovens universitários, causando dezenas de feridos entre eles (Onuch, 2014a: 6). Neste momento o tema dos protestos mudou-se da integração europeia para a segurança e liberdade pessoal (Journal 112, *s.d.*). A partir deste momento a manifestação deixou de ser pacífica. Nesta altura, foram formadas as primeiras unidades de autodefesa, onde se juntaram os partidos de oposição, por exemplo “Setor direita”, com o objetivo de defender o *Maidan* e promover a renúncia antecipada do presidente e a demissão do governo ucraniano (Samooborona, *s.d.*).

Essa ação por parte das autoridades enfureceu os ucranianos e nos dias seguintes surgiram apelos como: “A Ucrânia, levante-se! Kiev, vem para fora!” e saíram cerca de 30 mil pessoas para o centro do Kiev e rua central *Kreshatik* (Journal 112, *s.d.*). Uma das testemunhas afirmou que nunca havia visto tal concentração de raiva num mesmo lugar (Entrevistado Vlachkova, 2016). Segundo a explicação das autoridades, a polícia exigiu libertar a praça de Independência, com o fim de montar a árvore de Natal e prepará-la para a celebração do Ano Novo. Os provocadores, que estavam na área, ignoraram este requisito. Alguns deles começaram a mostrar agressividade, que se transformou num confronto com a polícia onde os manifestantes começaram a atirar à polícia garrafas, pedras e tubos de metal (Unian, 2013).

Portanto a segunda fase dos protestos foi marcada pelo aumento da dimensão do protesto e os confrontos violentos entre os manifestantes e as forças de ordem, mas ainda sem ocorrência de mortes. Nesta fase, no *Maidan* estavam principalmente a classe média que olhava para a UE com esperança de escapar à estagnação económica e política. Além dos jovens que representavam a maior parte dos manifestantes, dois terços eram pessoas com cerca de 30 anos de idade e eram na sua maioria do sexo masculino, entre 34 e 45% com emprego a tempo inteiro (Onuch, 2014b: 47). Relativamente aos grupos étnicos que participaram nos protestos, estes refletiram amplamente a composição nacional do país, com 92 por cento dos manifestantes ucranianos aos quais se juntaram um grande grupo de russos, motivado pelas mesmas preocupações – a corrupção e má governação (Onuch, 2014b: 49).

Um dos elementos chaves naquele momento foi a atmosfera da coesão que estava no *Maidan*. Segundo Sakwa (2015), a atmosfera tornou-se lendária. O fumo doce de queimadores de madeira misturou-se com o fumo pesado dos pneus em chamas. Os manifestantes frequentemente cantaram o hino nacional e gritaram as palavras “Glória à

Ucrânia. Glória aos heróis!”. Os edifícios governamentais à volta do *Maidan* foram ocupados e forneceram abrigo, chá e comida aos manifestantes. Para aqueles que participaram no manifesto, esta foi uma experiência transformadora do país para os que acreditam numa Ucrânia melhor governada e menos corrupta. Esta atmosfera tornou-se o símbolo da liberdade (Sakwa, 2015).

A terceira fase teve lugar depois de 16 de janeiro de 2014, acompanhada com a maior escalada de violência, quando a *Verkhovna Rada* aprovou um pacote de leis anti-protesto (Onuch, 2014a: 6) que despertou a raiva e acelerou a violência dos manifestantes. Tecnicamente as leis chamaram-se *Bondarenko-Oliynyk*, mas na sociedade foram consideradas como as leis da ditadura. Segundo estas leis, deviam ser impostas sanções sobre os manifestantes, e para os organizadores da ‘agitação de massas’ foi prevista pena de prisão de 10 a 15 anos. As medidas não foram discutidas pela *Verkhovna Rada* e foram adotadas numa sessão parlamentar através de levantamento do dedo no ar. As leis foram assinadas imediatamente, e foi acrescentada ainda a lei sobre a violação geral das regras (Wilson, 2014).

A reação da comunidade internacional foi diferente relativamente a essa decisão do governo ucraniano. Bruxelas expressou a sua preocupação com as leis adotadas afirmando que “as leis não correspondem aos princípios democráticos e limitam os direitos dos cidadãos” (The Guardian, 2014). A mesma posição tomara os EUA, afirmando que “os passos que foram dados são antidemocráticos, tiram ao povo ucraniano o direito de escolha do seu futuro” (*ibidem*). Contudo a Rússia afirmou que os protestos “ganham carácter agressivo [...] há tentativa de derrubar o governo legítimo através da força”, por isso, “as leis correspondem à prática internacional” (TASS, 2014).

Nesta fase houve o agravamento da violação dos confrontos entre os manifestantes e a polícia, ocorridos na rua *Hrushevskogo* (cerca de 600 metros de *Maidan*), o que causou as primeiras mortes entre manifestantes (Onuch, 2014a: 6). Nesta altura, os protestos massivos espalharam-se para outras cidades ucranianas, na maioria do oeste da Ucrânia, onde os manifestantes ocuparam edifícios regionais da administração pública, terminando o controlo governamental e estabelecendo as novas estruturas chamadas “*Narodna Rada*” (Conselho do Povo) (Journal 112, *s.d.*).

Desde este momento, o edifício do sindicato situado no *Maidan* foi totalmente ocupado por grupos militantes de apoio aos manifestantes. Aqui foram instalados o centro de imprensa, espaço para reuniões, sítio para prestação de primeiros socorros (Journal 112, *s.d.*). A entrada para *Maidan* começou a ser estritamente controlada, em particular pelos chamados “*titushki*”, pessoas em roupas civis contratadas pelo governo e que apoiam as forças de segurança e intimidam os manifestantes da oposição (Wilson, 2014). Deste modo, o foco das questões europeias ampliou-se até uma insurreição contra a corrupção, o nepotismo e o regime de Yanukovych. O movimento transformou-se numa revolução contra o regime existente. O protesto *Maidan* radicalizou-se, em grande parte por causa da incompetência e incapacidade do governo de responder de forma adequada à situação de emergência que se vivia (Sakwa, 2015: 85).

A quarta fase da escalada da revolução aconteceu na terceira semana de fevereiro quando o governo ucraniano decidiu implementar a operação anti-terrorista para desocupar o centro de Kiev (Onuch, 2014a: 6-7). No dia 18 de fevereiro morreram 28 pessoas, incluindo 10 homens das forças de ordem pró-governamentais. Os confrontos sangrentos resultaram em violência em massa. Dia 20 de fevereiro entrou na história como dia sangrento. Neste dia vários atiradores desconhecidos provocaram 39 mortes entre manifestantes e 17 polícias (Katchanovski, 2015). No geral, entre o dia 30 de novembro e 20 de fevereiro, pelo menos 15 polícias e 77 ativistas (entrados na história ucraniana como “cem heróis celestes”) foram mortos e cerca de 900 pessoas ficaram feridas (Sakwa, 2015; Marples, 2015: 14).

Quando a violência chegou ao seu auge, na noite de 20 para 21 de fevereiro, chegaram a Kiev os Ministros dos Negócios Estrangeiros da Alemanha (Frank-Walter Steinmeier), da Polónia (Radoslaw Sikorski) e da França (Laurent Fabius), juntamente com o chefe do departamento continental europeu – Ministério dos Negócios Estrangeiros francês (Eric Fournier) para intermediar o acordo entre a oposição e Yanukovich. No dia 21, no edifício da administração presidencial, o acordo foi assinado pelo ex-presidente Yanukovych, e por representantes de oposição, respetivamente, Yatsenyuk, Klitschko e Tyahnybok, testemunhado pelos três ministros da UE e pelo ex-embaixador da Rússia nos EUA (Segodnya, 2014).

No acordo havia 6 disposições principais que as partes se comprometeram a realizar, entre as quais estavam as eleições antecipadas, que deviam acontecer no máximo

até dezembro de 2014; a restauração da antiga Constituição de 2004, que limitava o poder do presidente; uma reforma constitucional, que deveria ser completada até setembro de 2014; a abertura de investigações para averiguar responsabilidades nos recentes atos de violência cometidos pelas autoridades e pelos manifestantes (*ibidem*). Também foi previsto que o governo da Ucrânia não iria impor mecanismos que declarassem o estado de emergência e que os manifestantes e as autoridades iriam frear qualquer escalada de violência. Já a coligação para um novo governo deveria ser formada nos dez dias seguintes. O acordo também previa que os manifestantes entregassem as armas ilegais a partir do momento em que fosse aprovada a lei que restaura a antiga Constituição (*ibidem*). Tais medidas deviam oferecer uma forma pacífica e constitucional para a resolução da crise ocorrida no *Maidan*.

No entanto, nessa noite este acordo foi rejeitado pelo *Maidan*, cujos líderes, nomeadamente Yatsenyuk, Klitchko e Tyagnibok, exigiram a demissão imediata de Yanukovich, a libertação de manifestantes presos, a assinatura do Acordo de Associação com a UE e a constituição de 2004<sup>3</sup> (Ukrainskaya Pravda, 2014a). Na noite de 21 de fevereiro Yanukovich fugiu de Kiev e tornou-se claro o colapso do regime (Wilson, 2014). Posteriormente foi nomeado o novo chefe da *Verkhovna Rada*, um dos deputados da oposição “*Batkivshina*” (Pátria), Alexander Turchinov, bem como adotada a decisão sobre a renovação da constituição de 2004, demissão do presidente causada por não cumprimento dos poderes constitucionais e data das novas eleições presidenciais. Um dos líderes de oposição, Yatsenyuk, foi nomeado pela *Verkhovna Rada* para o cargo de novo Primeiro-Ministro ucraniano. A reação da UE foi positiva, Bruxelas expressou a sua disponibilidade para ajudar a Ucrânia no período difícil e afirmou estar pronta a assinar o AA (The Guardian, 2014a), enquanto a Rússia questionou a legitimidade das novas autoridades ucranianas e expressou a sua posição negativa relativamente a alguns países ocidentais que consideram as novas estruturas de poder no país como legítimas (TASS, 2014).

---

<sup>3</sup> A Constituição do ano 2004 estabeleceu uma forma de governo parlamentar-presidencial com a redistribuição de poderes a favor da *Verkhovna Rada* da Ucrânia. O presidente teve menos poderes, particularmente não podia formar sozinho o governo, bem como demiti-lo. Este poder pertencia à *Verkhovna Rada* (Pravo-Ukraine, *s.d.*).

### 2.3. De Maidan para a Crimeia

Para entender o caso da Crimeia é necessário ter em conta o contexto histórico da região. Voltando um pouco atrás na história, o antigo líder da URSS, Nikita Kruchev, transferiu a Crimeia para a República Socialista Soviética da Ucrânia em 1954 (Katchanovski, 2015a: 82). Naquele momento, a região estava destruída na sequência da Segunda Guerra Mundial, bem como tinha pouca população e o seu valor era considerado mínimo. A decisão levantou, no entanto, muita polémica em Moscovo, questionando Kruchev enquanto político sobre esta opção. Alguns argumentam que a região estava vinculada à Ucrânia por causa dos caminhos da água que foram construídos a partir da Ucrânia e que sem incorporação na administração ucraniana a Crimeia seria um deserto, enquanto outros dizem que este gesto foi a forma de expiação perante o povo ucraniano. Por isso, apesar de fazer parte da Ucrânia, a maioria dos cidadãos da Crimeia são de origem russa (*idem*). Assim, a Crimeia foi sempre para a Rússia o caso especial, considerada pelos russos como injustiça histórica (Sakwa, 2015). Os ucranianos, por seu turno, entendem que a Crimeia é parte integrante do seu território.

Após a dissolução da URSS, a Rússia tornou-se o “estado continuador”, assumindo todas as responsabilidades e privilégios da antiga União. Mesmo no momento da transferência, Sevastopol, capital da Crimeia, tinha valor estratégico por causa da base naval russa e da sua posição geográfica, principalmente, a saída para o Mar Negro onde a Rússia tem o único porto de águas quentes. Isso significa que a zona tem relevância a nível comercial e militar para os russos, para a movimentação de cargas e controlo do canal (*idem*).

A população russa pensou sempre que a Crimeia devia ser devolvida à Rússia ainda em 1991 (Belyaev, 2014: 8). Contudo, o primeiro presidente da Federação da Rússia, Boris Yeltsin, não se preocupou com a região, assumindo que a CEI unia todas as ex-repúblicas soviéticas, bem como guardaria a livre circulação entre países (Sakwa, 2015). De notar que a Ucrânia foi juntamente com a Bielorrússia, e a Rússia, um dos três estados fundadores da CEI. A Ucrânia, assim, ganhou o máximo em termos de território da antiga URSS, mas acabou por ser o menos disposto a trabalhar no âmbito da CEI porque sempre se preocupou com a sua soberania e independência (Lazarovich, 2006).

Com a queda da União Soviética, a região da Crimeia passou por tensões extremas. Quando em 1991 a Ucrânia ganhou a independência, a Crimeia começou a procurar uma maior autonomia. Nesse mesmo ano foi feito um referendo, onde 93% da população votou a favor da criação da República da Crimeia mais autónoma e mais distanciada da Ucrânia. A região passou a ter governo e constituição próprios (Wilson, 2014).

Como já foi dito, a Crimeia é importante para a Rússia por uma série de razões, mas acima de tudo devido ao seu significado estratégico. Os acontecimentos de fevereiro ocorridos no *Maidan* causaram receio na Rússia relativamente ao estatuto da Frota do Mar Negro situada no capital da Crimeia. Sevastopol é mais do que apenas uma base naval, é uma extensa rede de aeroportos, estações de radar e estaleiros de reparação naval (Sakwa, 2015: 102). Do ponto de vista russo, a expansão da Europa alargada abriu a porta para a adesão da Ucrânia à NATO o que seria a maior ameaça para a segurança russa e representaria uma derrota estratégica.

Após do refúgio de Yanukovich, soldados não identificados estabeleceram o controlo sobre o aeroporto de Simferopol. Os soldados com uniformes sem insígnias, mais tarde identificados como membros das forças armadas russas, assumiram o controlo dos objetivos estratégicos (Suslov, 2014). Além disso, em poucos dias foi realizada a mudança de direção na Crimeia. As novas autoridades da Crimeia declararam a ilegitimidade do novo governo em Kiev e pediram o apoio da Rússia (O Conselho da República Crimeia, 2014). A Rússia negou ter enviado forças, e desde que a Rússia estava autorizada a ter 25.000 funcionários na região, em conformidade com o acordo relativo a Sevastopol (TASS, 2014), tecnicamente não estava a violar a lei, embora as forças armadas fossem implantadas de maneira que contrariassem as regras do acordo, operando além da área local (Sakwa, 2015). Os líderes russos expressaram preocupação com a população russa na Crimeia afirmando que o novo governo ucraniano viola os direitos das minorias russas, e, portanto, o objetivo da Rússia é defender os seus compatriotas (TASS, 2014b).

Por sua vez, as novas autoridades ucranianas afirmaram que o novo governo da Crimeia violou o direito ucraniano, bem como culparam a Rússia pela introdução ilegal de tropas russas, apoio aos separatistas na região, violação da soberania e integridade territorial da Ucrânia (Yatsenyuk, 2014). Os países ocidentais apelaram à Rússia para não realizar



ações que provocassem tensão na península, bem como apoiaram a integridade territorial da Ucrânia (Kerry, 2014; Ashton, 2014).

No dia 4 de março de 2014, Putin numa conferência no Kremlin afirmou que o povo da Crimeia tem direito de determinar o estatuto da sua região num referendo (Putin, 2014). Inicialmente a questão era sobre o alargamento da esfera de autonomia da Crimeia, mas quando as autoridades de Kiev lançaram as investigações criminais sobre os novos líderes da Crimeia apareceu um novo dinamismo (Sakwa, 2015). Além disso, o novo governo ucraniano que o Kremlin não reconheceu introduziu medidas que de alguma forma prejudicam os falantes russos, como por exemplo proibem usar a língua russa em documentos oficiais. Estes gestos provenientes das novas autoridades de Kiev, desagradaram ao Kremlin seguindo-se uma votação em que o Parlamento russo apelou à Rússia para reintegrar a república (*idem*). Quando perguntaram a Putin relativamente às pessoas vestidas em uniformes que se assemelhavam fortemente ao uniforme do Exército russo, ele afirmou que aqueles eram apenas elementos das unidades de autodefesa local (Putin, 2014).

No dia 16 de março na Crimeia foi feito o referendo que na sua formulação final tinha apenas duas perguntas: “A favor da reunificação da Crimeia com a Rússia como parte da Federação Russa? Ou “A favor da restauração da Constituição de 1992 e do estatuto da Crimeia como parte da Ucrânia?” (Golos Ameriki, 2014). De acordo com a comissão do referendo, participou na votação 83 por cento da população, dos quais 96,7 por cento apoiaram a reunificação com a Rússia. Assim, 82 por cento da população da Crimeia votou a favor (Korrespondent, 2014). A Rússia afirmou que o referendo foi feito de acordo como todas as normas do direito internacional e estatuto da ONU, onde a população escolheu democraticamente o seu direito pela autodeterminação, por isso, a Rússia reconhece os resultados e respeita a escolha dos habitantes da Crimeia (Putin, 2014a).

Contudo, não houve observadores ocidentais independentes e, assim, a votação inevitavelmente atraiu críticas generalizadas. As novas autoridades ucranianas declararam que a Ucrânia não reconhece nem resultados, nem referendo feito sob pressão das armas russas, afirmando que a Crimeia é território ucraniano e que as ações russas violam a constituição ucraniana e o direito internacional (Yatsenyuk, 2014). O novo presidente da Ucrânia, Olexander Turchinov, classificou o referendo de “grande farsa” do Kremlin e

avisou sobre a mobilização parcial das tropas para enfrentar a “ingerência da Rússia nos assuntos internos da Ucrânia” (Turchinov, 2014).

A reação da comunidade internacional também foi negativa. Os EUA e a UE afirmaram que o referendo foi ilegal e ilegítimo segundo a Constituição da Ucrânia e a lei internacional, por tanto, o seu resultado não será reconhecido (Obama, 2014; European Union, *s.d.*). Além disso, a UE suspendeu as negociações com a Rússia sobre a simplificação do regime de vistos e o novo acordo de parceria, bem como junto com os EUA anunciou o início de aplicação das sanções a Moscovo (European Union, *s.d.*).

Deste modo, a Rússia reagiu rapidamente perante a ameaça que identificou face aos desenvolvimentos na Ucrânia, a tomarem um curso mais pró-ocidental, e no dia 18 de março, a Crimeia tornou-se formalmente parte da Federação Russa. Antes da cerimónia de assinatura do tratado, Putin fez um discurso apaixonado no Kremlin (Putin, 2014a). Quando ele entrou, o público, incluindo membros da Assembleia Federal, ministros do governo e representantes da Crimeia, dirigiram-lhe uma ovação espontânea e entusiasta, que lembrava os congressos dos anos soviéticos (Sakwa, 2015). Putin condenou as autoridades pós-Yanukovich em Kiev como os herdeiros ideológicos de *Bandera*<sup>4</sup>, cúmplice de Hitler durante a Segunda Guerra Mundial (Putin, 2014a). Além disso, Putin afirmou que a decisão de Khrushov em 1954 representava apenas a sua própria iniciativa e violou as normas constitucionais. Insistindo na ideia de que na Ucrânia chegaram “ilegalmente” ao poder os “nacionalistas”, “russófobos” e “extremistas” que realizaram o golpe de estado planeado, Putin afirmou que nessas condições a Rússia não podia deixar os seus compatriotas (Putin, 2014a).

Desta forma, no dia 21 de março a Crimeia foi reintegrada/anexada na/pela Federação da Rússia. O artigo 65 da lei federal russa estipulou que a península se iria juntar à Rússia como duas regiões separadas – República da Crimeia entra na composição como a vigésima segunda república, enquanto Sevastopol se juntaria a Moscovo e São Petersburgo como uma “cidade de importância Federal” (Constituição da Federação da Rússia, 1993).

---

<sup>4</sup>Stepan Bandera (1909-1959) - nacionalista ucraniano que liderou a Organização dos Nacionalistas Ucranianos. Desejava livrar o território ucraniano de todos os estrangeiros: russos, judeus, poloneses, etc. No período da II GM, Bendera colaborou com os nazis com objetivo de libertar a Ucrânia do comunismo soviético e criar um estado independente ucraniano (Beyond ua, *s.d.*).

Portanto, a aquisição da Crimeia marcou uma viragem na política externa russa onde começou a ser vista claramente a nova estratégia da Rússia – apoiar o mundo russo (Laruelle, 2015: 126), defendendo os falantes russos na Crimeia, os compatriotas e os cidadãos russos nos países vizinhos. Os dirigentes do Kremlin perceberam que o país permitiu que a NATO e a UE ultrapassassem as linhas vermelhas, sobretudo no que toca o alargamento da NATO e as intervenções ocidentais nos Balcãs e no Médio Oriente, e apesar de advertir os países Ocidentais em 2008 na Geórgia, só agora mostrou que está disposto a usar quaisquer meios se aqueles continuarem a ultrapassar estas linhas (Putin, 2014a). Alguns autores afirmam que a natureza pragmática e realista da política externa se mudou para romântica-nacionalista (Sakwa, 2015) enquanto outros afirmam que com a Ucrânia a Rússia adotou uma política muito assertiva (Biersack; O’Lear, 2014).

Neste processo, a Rússia usou três justificações. A primeira diz respeito ao erro processual cometido em 1954, afirmando-se que a transferência da península não tinha cumprido as formalidades soviéticas corretas, pois não considerou que o porto de Sevastopol tivesse sido o objeto de grande significado para toda a União, e mesmo se a jurisdição da península mudasse, Sevastopol devia permanecer sob o controlo direto de Moscovo (Putin, 2014a). A segunda justificação foi relativa à defesa da população que fala a língua russa na península. Por parte do governo ucraniano, havia ações políticas que os falantes russos e o Kremlin perceberam como ameaça, nomeadamente a tentativa de abolir a lei da língua e deixar apenas a língua ucraniana como língua estatal. A última sublinha o direito dos povos à autodeterminação, um princípio fundamental do direito internacional (Putin, 2014a).

Contudo, apesar da existência desse direito o referendo na Crimeia não atendeu aos padrões previstos pelo direito internacional nesses casos. Em primeiro lugar devido à presença indevida de tropas russas na península, em segundo lugar devido à votação ter sido organizada com pressa e onde não havia presença de observadores internacionais independentes, e por fim, a contagem dos votos não foi transparente.

Deste modo, os acontecimentos do *Euromaidan* e a questão da Crimeia alteraram as relações entre a Ucrânia e a Rússia, bem como entre esta última e o ocidente. Esta análise dos acontecimentos permite-nos avançar no sentido das leituras que os media ucranianos e russos fizeram, e o modo como reportaram os eventos, incluindo as interpretações

diferenciadas que foram fazendo dos mesmos, e a forma como esta foi moldando as opiniões públicas.

## Capítulo 3 - Mapeamento das notícias

### 3.1. Os eventos do *EuroMaidan*

Na primeira fase de análise procedeu-se à escolha do período da manifestação no *EuroMaidan* entre 19 de janeiro de 2014 até 23 de fevereiro de 2014. Dentro desse período foram selecionados noticiários aleatórios de cada um dos canais com o objetivo de determinar a ideia central da mensagem e a interpretação própria do evento. Apesar de os temas relacionados com a manifestação no centro de Kiev estarem presentes quer nas agendas mediáticas ucranianas, quer nas agendas russas, o evento foi apresentado de forma muito diferente.

A distorção da realidade nos media relativamente aos protestos no *Maidan* tornou-se crítica depois do dia 19 de janeiro de 2014. Neste dia, o governo ucraniano adotou um conjunto de novas leis que proibem quase todas as formas de protesto antigovernamental. Neste período de tempo os confrontos entre manifestantes e a polícia explodiram na Ruas *Hrushevskogo* e *Institutska* perto do *Maidan* o que causou os primeiros feridos graves quer entre manifestantes quer entre forças do governo chamados “*Berkut*”. Até ao dia 17 de fevereiro, a situação nas ruas à volta do *Maidan* oscilou entre a acalmia e a violência, mas no final acabou com o confronto sangrento nos dias 18 a 20 de fevereiro, em resultado do qual mais de 50 pessoas foram assassinadas por atiradores especiais desconhecidos.

#### 3.1.1. Representação dos manifestantes e da polícia

Como já foi referido, a deterioração da situação no *EuroMaidan* em janeiro começou depois de uma grande manifestação contra as novas leis de segurança adotadas pelo governo ucraniano. Pela maioria da população ucraniana estas leis foram consideradas similares às leis da ditadura porque determinam a prisão de qualquer pessoa que bloqueie a entrada de prédios públicos, bem como a proibição do uso de máscaras ou capacetes durante manifestações.

Os canais russos, *Perviy Nacionalniy* e *Rossiya*, descreveram várias vezes os eventos naquele período na Ucrânia em termos de ‘caos’. Além disso, com a evolução dos acontecimentos o discurso dos canais ganhou mais força e intensidade. Desde os primeiros confrontos, nos noticiários russos vê-se uma clara tentativa de representar os manifestantes enquanto incentivadores do conflito:

*“Tudo<sup>5</sup> começou acerca uma hora atrás, quando a ação chamada ‘pacífica’ pelos organizadores se transformou em desordem. Os participantes protestaram contra as novas leis que introduzem a pena para os cidadãos que participam em tais ações. Molodchiki<sup>6</sup> em máscaras com os tacos de beisebol e as tábuas de madeira atacaram os policiais atirando pedras e tochas.” (ITV, 19.01.2014)*

*“Manifestantes jogaram coquetéis molotov sobre a técnica que foi usada pela polícia para bloquear o acesso ao edifício governamental [...] A responsabilidade pelas ações foi atribuída ao ‘setor de direita’ que inclui a maioria dos grupos nacionalistas radicais... Apesar da tentativa dos atacantes de provocar as forças de segurança, os “Berkut” não passaram a ação ativa. Tentaram apenas conter a multidão usando gás lacrimogéneo.” (Rossiya, 20.01. 2014)*

Neste contexto, a linguagem utilizada pelos meios de comunicação controlados pelo Estado tornou-se intensa e até mesmo hostil. Os manifestantes foram apresentados como uma multidão agressiva guiada pelas forças de extrema-direita, radicais e nacionalistas. Passando vários episódios com a tentativa dos policiais de se protegerem contra os manifestantes agressivos e violentos, criaram a imagem da polícia ucraniana enquanto inocente e que agiu de acordo com a lei.

Para além disso era cada vez mais notória a mensagem relativamente ao sentimento fascista do lado dos manifestantes e a ocultação das ações policiais contra os manifestantes. Por exemplo, de 20 a 24 de janeiro os canais passaram vários episódios sobre os feridos entre policiais e quase não falaram sobre mortes e feridos entre manifestantes:

*“Não há informação certa relativamente aos feridos entre os manifestantes. Há informação sobre 5 jornalistas atingidos nos confrontos. No entanto, mais de 70 feridos estão entre os policiais. Muitos estão hospitalizados e encontram-se em situação grave.” (Rossiya, 20.01.2014)*

*“Aqui estão tubos de metal que são entregues a todos os voluntários no EuroMaidan. Os episódios do chamado protesto ‘pacífico’ na verdade são chocantes. A polícia e as tropas internas são*

---

<sup>5</sup> Todas as notícias apresentadas neste capítulo são tradução livre da autora.

<sup>6</sup> *Molodchiki* – pessoas, geralmente jovens que violam normas sociais de conduta, capazes de cometer crimes ou vandalismo, perigosos para as outras pessoas (Dicionário *online* Ojegov).

*atacados continuamente pelos membros de organizações nacionalistas radicais. Nessas batalhas, 150 pessoas ficaram feridas, 80 polícias têm traumatismos cranianos e costelas fraturadas.” (ITV, 21.01.2014)*

*“Será possível negociar com os radicais nas ruas de Kiev? É uma questão aberta. Os últimos dias mostraram que os líderes de oposição não conseguem controlar essas pessoas. O MNE ucraniano divulgou imagens duras, em que a polícia é atacada continuamente por coquetéis molotov, transformados em tochas vivas. As vítimas neste momento estão no hospital. No total, já foram hospitalizados dezenas de agentes das forças policiais.” (ITV, 22.01.2014)*

Com a ênfase sobre o papel principal dos radicais e extremistas no *Euromaidan*, os canais russos afirmaram que os líderes de oposição apesar de iniciarem a manifestação, perderam o controle sobre os manifestantes:

*“A polícia ucraniana suspendeu duas dúzias de pessoas [...] Os manifestantes exigiram a abolição das leis que introduziram a responsabilidade por manifestações não autorizadas. No entanto, é difícil chamá-los manifestantes. Na verdade, são pessoas bem armadas e incontroláveis... Mesmo os líderes da oposição não conseguem acalmar os bandidos.” (Rossiya, 20.01.2014)*

Além disso, a interpretação dos fenômenos tinha por objetivo legitimar as ações do governo ucraniano perante a população russa:

*“Opositores veem nas leis a ditadura, apesar de o governo ucraniano rever a legislação em conformidade com a prática internacional.” (Rossiya, 20.01.2014)*

*“Victor Yanukovich procura o diálogo e compromisso com os compatriotas no Maidan e promete a salvaguarda da ordem pública usando todas as ações legais. Dirigindo-se ao povo de Kiev e outros participantes no protesto, ele pede para não seguirem aqueles que promovem a violência [...] No entanto, quando o texto apareceu no site do presidente os manifestantes radicais no centro da cidade começaram a atirar pedras e coquetéis molotov sobre a polícia que bloqueou o bairro governamental.” (ITV, 20.01.2014)*

Assim, a primeira ideia principal posta na agenda russa sobre o *EuroMaidan* é que o protesto chamado “pacífico” foi na verdade violento e iniciado por aqueles que foram contra as leis que restringem as manifestações não autorizadas. Ao longo dos primeiros confrontos o enfoque das notícias russas, *Vremya (Perviy Nacionalniy Kanal)* e *Vesty (Rossiya)*, estava na retórica específica usando conceitos como “*Bandera*”, “fascista”, “neonazi” para caracterizar a manifestação em Kiev, provocada por pessoas “radicais”, “extremistas” e “nacionalistas”. Inicialmente as reportagens dos canais russos procuram culpar os líderes do *EuroMaidan* denominando-os de “forças de extrema-direita”, e culpando também posteriormente os manifestantes, chamando-os “provocadores de desordem” e “pessoas guiadas pelos radicais”.

Além disso, para ganhar maior credibilidade os jornalistas muitas vezes usaram o discurso direto das “testemunhas que estavam no lugar”, bem como acompanharam as suas palavras com imagens dos símbolos das forças de direita, e compararam com os eventos que tiveram lugar no passado (exemplo: compararam a manifestação com as ações fascistas e nazis na segunda guerra mundial).

A imagem da multidão descontrolada foi também descrita num dos canais ucranianos, *Inter*:

*“Jovens radicais em máscaras atacaram os cordões da polícia que protegeram o bairro governamental [...] Um dos opositores, Vitaliy Klichko, tentou falar com os atacantes, mas a multidão nem o queria ouvir. A polícia também tentou acalmar os radicais avisando sobre a responsabilidade por ataques contra a polícia, no entanto, os manifestantes continuaram a atacar. As imagens mostram que o ataque provavelmente foi planeado [...] surgiu informação que os representantes do setor de direita, que é uma organização radical, capturaram um dos agentes do “Berkut” e levaram-no para chamado “Tribunal Popular” no Maidan.” (Inter, 19.01.2014)*

*“Isto é um verdadeiro massacre. Pessoas com máscaras e capacetes atiram pedras e foguetes sobre as forças de segurança. Em seguida, atacaram com coquetéis molotov e gás de origem desconhecida. Os agentes da lei não passaram para a ofensiva. Os soldados das tropas internas e Forças Especiais “Berkut” apenas mantiveram a sua posição.” (Inter, 20.01.2014)*

Portanto, a imagem que surge das reportagens é que os manifestantes são uma multidão agressiva que ataca continuamente a polícia, que se mantém pacífica, com coquetéis *molotov* e gás de origem desconhecida e, em vez de responder, as forças de segurança mantêm apenas a sua posição.

Interessante também notar que o número de feridos entre manifestantes segundo a *Inter* foi significativamente menor do que entre os agentes da polícia:

*Neste momento há cerca 30 feridos entre forças policiais, 12 agentes estão hospitalizados. Também há cerca de 12 feridos entre os manifestantes.” (Inter, 19.01.2014)*

Afirmando que o número de vítimas no conflito está a crescer continuamente, trata apenas das vítimas entre os polícias sustentando com os comentários que apoiam apenas o ponto de vista do Ministério dos Negócios Internos da Ucrânia (MNI). Para sustentar os seus argumentos, a *Inter* convidou ao estúdio um dos representantes do MNI que comentou em direito a situação no centro de Kiev culpando os manifestantes e afirmando que houve várias



tentativas de provocar a polícia a usar a força. Além disso, o apresentador acrescentou a sua própria avaliação:

*“Parece que o setor de direita está pronto a assumir responsabilidade sobre os confrontos. Com as palavras “A glória da Nação” e “morte aos bófiás”, a organização radical setor de direita foi para a ofensiva.” (Inter, 19.01.2014)*

Portanto, *Inter* transmitiu uma imagem negativa dos manifestantes e tentou demonstrá-los como ativistas da extrema-direita que atacam continuamente os agentes do MNI (*Inter*, 20.01.2014). A impressão que surge destas reportagens é que no *Maidan* está a multidão agressiva que atira os coquetéis *molotov* e ataca a polícia inocente, enquanto em resposta os agentes de segurança apenas tentam conter a multidão. Neste contexto, podemos observar que a representação dos manifestantes e da polícia é similar à dos principais canais governamentais russos.

Contudo surge uma reportagem muito interessante, onde o jornalista aparece cercado pelos manifestantes e a informação transmitida por ele é fundamentalmente diferente do apresentador:

*“As pessoas à minha volta afirmam que eles não atiraram bombas, mas que estas vêm do lado da polícia, e realmente, as forças de segurança atiram bombas sobre os manifestantes” (Inter, 20.01.2014)*

No entanto, corrige rapidamente a posição afirmando que um grupo das ativistas agressivos atacou o grupo de jornalistas da *Inter*. Segundo as palavras dele, o grupo da *Inter* tornou-se o primeiro alvo da multidão agressiva e foram obrigados a fugir para salvar as suas vidas.

Outra posição demonstrou o canal ucraniano *I+I*. Enquanto os canais russos representaram as leis que levaram a onda dos protestos como tentativa do governo ucraniano de evitar um golpe do estado, este canal apresentou as leis como ilegítimas, representando o caminho para o totalitarismo e a ditadura. Enquanto o *Inter* culpou os manifestantes da extrema-direita pelo caos que acontece em Kiev, na interpretação do *I+I* o protesto foi iniciado pelos ativistas do *EuroMaidan*.

No entanto ficou pouco clara a posição do canal relativamente aos manifestantes. Apesar de chamarem os manifestantes de ativistas, transmitiram a imagem deles com paus na mão, mas posteriormente mostram os comentários dos manifestantes com a afirmação de

que o protesto é uma guerra por direitos pessoais. Relativamente à polícia fazem afirmações neutras dizendo apenas que polícia não passou para medidas agressivas contra as pessoas no *Maidan* e apresentam alguns comentários das autoridades do MNI. Contudo, posteriormente surge a reportagem detalhada com os comentários dos jornalistas relativamente ao ataque feito pela polícia sobre a equipa de filmagem do canal (*I+I*, 19.01.2014). Portanto, apesar de tentar ser objetivos e transmitir a posição dos dois lados, muitas reportagens foram unilaterais e representaram a opinião sobre determinada situação apenas de um dos lados não incluindo os comentários do outro.

Relativamente à quantidade de feridos, *I+I* pretendeu manter neutralidade afirmando que há centenas de feridos de ambos os lados. Contudo, nas reportagens nota-se maior concentração nas vítimas entre os manifestantes mostrando mais os ferimentos dos ativistas em resultado do ataque das granadas do lado das forças de segurança (*I+I*, 20.01.2014).

No dia 22 de janeiro aconteceu o ponto da viragem na manifestação, com a morte dos primeiros manifestantes. Este evento estava em todas as agendas dos canais quer russos quer ucranianos, mas foi interpretado de acordo com o estilo inerente a cada um dos canais. Enquanto *I+I* afirma que os ativistas foram assassinados por armas de fogo das forças de segurança (*I+I*, 22.01.2014), os noticiários russos culpam as forças radicais:

*“Ainda é muito cedo para falar sobre quem disparou, mas questionar a quem beneficia é sempre útil [...] a polícia ucraniana nem tem ao seu dispor as armas de fogo, usam apenas os meios especiais para conter os radicais agressivos. Enquanto os radicais estão prontos a matar, queimar e explodir, a oposição culpa a polícia.”* (ITV, 22.01.2014)

No dia seguinte (23 de janeiro), o *I+I* começou o noticiário com um vídeo chocante onde os integrantes da tropa de choque, *Berkut*, despiram, abusaram e bateram num dos manifestantes na neve. No entanto, esse incidente foi ignorado pelo outro canal ucraniano e pelos canais russos. Mais um tema que ficou ignorada pelo *Inter* e transmitida pelo *I+I*, é o ataque do *Berkut* sobre os agentes dos media. Neste dia, *I+I* passa dois materiais relativos à proteção dos direitos dos jornalistas e às evidências de ataques:

*“Sobre os correspondentes está declarada a perseguição. Dezenas de jornalistas ficaram feridos em várias cidades. Os colegas acreditam que as forças de segurança tentam dessa maneira intimidá-los.”*  
(*I+I*, 27.01.2014)

No final do janeiro os principais temas discutidos nas agendas mediáticas ucranianas tornaram-se a renúncia ao cargo do ex-primeiro ministro da Ucrânia, Nikolay Azarov, o cancelamento da maioria das leis da “ditadura” adotadas pelo *Verhovna Rada* no dia 16 de janeiro, bem com as negociações entre o governo e a oposição. Neste dia, é observável a diferença entre a relação dos canais ucranianos com o governo. Enquanto *I+I* passa brevemente a informação sobre a renúncia e passa apenas um comentário do ex-primeiro ministro e o resto do tempo dedica a analisar a forma como vai ser formado o novo governo, *Inter* dedica uma grande parte do noticiário/emissão falando sobre a demissão, passando vários comentários de Azarov. Além disso, passa uma reportagem onde foram coletados os principais sucessos da sua carreira política, criando uma imagem positiva do político:

*“A história da Ucrânia com o primeiro-ministro Nikolay Azarov, em primeiro lugar, é caracterizada por um conjunto de reformas. A sua chefia era uma das mais vívidas e ricas em eventos em comparação com dezasseis antecessores.” (Inter, 28.01.2014)*

Um dos canais russos reagiu negativamente a essa renúncia afirmando que “a Ucrânia se encontra entre a anarquia e a desordem” (*Rossiya*, 28.01.2014). A decisão relativamente ao cancelamento das leis é considerada pouca pensada porque de acordo com esta, os radicais que provocaram a desordem e ocuparam os edifícios governamentais vão ser amnistiados (*Rossiya*, 28.01.2014). Desta vez, na agenda mediática também entra a questão da Crimeia e o seu estatuto dentro da Ucrânia. O canal *ITV* passa a reportagem da Crimeia mostrando as pessoas que estão nas ruas a apoiar o presidente e a não deixar entrar os extremistas na região (*ITV*, 28.01.2014). *Rossiya* afirmou que o protesto uniu todos os partidos políticos e movimentos a favor da autonomia da região, acrescentando informação relativamente à cidade de Sevastopol (capital da Crimeia) chamando-a de cidade russa:

*“No protesto mais ambicioso na cidade russa na Ucrânia, dezenas de milhares de pessoas saíram à rua. As pessoas saíram à rua com exigências de travar os nacionalistas radicais.” (Rossiya, 30.01.2014)*

A ideia dessa mensagem é que na capital da Crimeia acontece o protesto com o motivo de parar os radicais do *Maidan* que segundo os dados conhecidos vão na direção da Crimeia e têm por objetivo bloquear o edifício do Conselho de Ministros. A negociação entre as autoridades e opositores ocuparam também grande parte do noticiário *I+I*. Neste noticiário torna-se claro que o canal apoia os manifestantes no *Maidan* dizendo que nas negociações vão estar presentes os ativistas do *EuroMaidan*:

*“As negociações políticas devem ter uma terceira parte – os ativistas –, para ouvir o público com as suas exigências. Antes de falar sobre qualquer vitória nas negociações é necessário parar com o assédio, os espancamentos e raptos de ativistas.” (I+I, 29.01.2014)*

Portanto, como observável *I+I* já não vê nos opositores do governo a representação dos manifestantes. Enquanto *I+I*, chamou a atenção para a necessidade de envolver os manifestantes nas negociações, *Rossiya* reagiu de outra maneira:

*“Os grupos radicais ucranianos que atacaram os ministérios e administrações regionais querem tornar-se a terceira parte nas negociações entre o governo e oposição [...] Estranho é que o Ocidente está a apoiar e incentivar os radicais.” (Rossiya, 31.01.2014)*

Portanto, através das táticas de distorção da realidade, ocultação dos factos, informações não verificadas e citações fora do contexto os canais russos e ucranianos manipularam a opinião pública. Cobrindo os acontecimentos, nos noticiários apareceram as opiniões e as avaliações próprias dos jornalistas que destorciam a realidade e criaram a imagem desejada de cada evento. Enquanto os canais russos e um canal ucraniano, *Inter*, demonstraram o lado fascista do protesto, ignorando completamente a posição dos manifestantes e o apoio massivo de *Maidan* pela população da Ucrânia, o canal *I+I* tomou o lado dos manifestantes tentando distinguir os manifestantes pacíficos dos radicais, culpando o governo e oposição pelos acontecimentos. Mais uma curiosidade que é observável nas reportagens é que os canais russos e *Inter* filmaram mais reportagens do lado das forças de segurança, enquanto *I+I* filmou e entrevistou mais manifestantes e opositores do governo.

### **3.1.2. Os confrontos sangrentos em fevereiro**

Com o início dos Jogos Olímpicos em fevereiro na Rússia, o tema dos protestos na capital da Ucrânia quase desapareceu da agenda mediática russa. *Maidan* entrou em fase de trégua temporária e o período até meados de fevereiro tornou-se mais estável, o que limitou a sua relevância em termos de inclusão dessa altura para a nossa análise. Contudo, no dia 18 de fevereiro a trégua fracassa e os confrontos entre os manifestantes e a polícia reiniciaram com nova força o que atraiu a atenção dos canais russo e o tema da crise política voltou para o primeiro plano.

Os canais ucranianos punham nas suas agendas a ideia de caos e radicalismo que atingiu agora o ponto crítico (*I+I*, 18.02.2014; *Inter*, 18.02.2014).

*“Não anunciado, mas na verdade vive-se um estado de emergência na capital do país. Cerca de 6 horas expirou-se o ultimato entre o Serviço de Segurança e do Ministério do Interior por um lado e os manifestantes e opositores por outro. O objetivo era parar imediatamente os confrontos, caso contrário os siloviki<sup>7</sup> prometeram tomar medidas duras e restaurar a ordem por todos os meios previstos na lei”*  
(*I+I*, 18.02.2014)

Apesar da tentativa de representar ambos os lados do conflito, os manifestantes e a polícia, nota-se que *I+I* tomou o lado dos manifestantes. Quando a situação saiu completamente do controlo das autoridades, o governo ucraniano decidiu realizar a chamada ‘operação antiterrorista’. *I+I* chamou essa operação de “limpeza das ruas” e ao longo do dia transmitiu muitas emissões em direto. A emissão parecia pouco normal por causa de mudanças contínuas e emissões frequentes desta questão. Contudo, isso ajudava a criar na audiência um sentimento de pertença. Os correspondentes apareceram em vários diretos e na maioria do tempo descreveram os acontecimentos à luz das torturas que estavam a acontecer e da relação agressiva do lado das forças de segurança contra os manifestantes e jornalistas. Também passaram um vídeo onde mostram como a polícia atira sobre os manifestantes com pedras e coquetéis *molotov*.

*“O centro de Kiev está bloqueado. A ofensiva pacífica para o Verkhovna Rada transformou-se em confrontos mais agressivos. De todos os lados EuroMaidan está cercado pelos agentes do “Berkut” [...] Aqui acontece o pânico [...] Os agentes de “Berkut” estão muito irritados e batem em todos. Quando repararam que estavam a ser filmados, atacaram os nossos jornalistas [...] do lado dos manifestantes atiram pedras, coquetéis molotov e pranchas de metal [...] Os manifestantes dizem que desta maneira os siloviki querem dispersar as pessoas de Maidan.”* (*I+I*, 18.02.2014)

O noticiário *Inter* deu claro apoio ao lado das forças de segurança. Das palavras do apresentador e jornalistas nas reportagens sai a reação negativa do canal relativamente aos manifestantes. A ação pacífica na verdade é violenta, porque a polícia é atacada pelos manifestantes com pedras, e as forças de segurança devem proteger-se contra a multidão agressiva. Além disso, dedicaram uma reportagem para mostrar como os manifestantes atacaram os agentes da polícia e que meios usaram. Ao longo da reportagem, os jornalistas

---

<sup>7</sup> *Siloviki* – os representantes dos grupos políticos associados com os títulos de serviços de inteligência na Rússia/URSS no presente ou no passado.

persistentemente passam a ideia de que a desordem no *Maidan* foi planeada com antecedência.

*“Hoje em Kiev retomou-se e intensificou-se o confronto entre manifestantes e forças de segurança. No centro da capital - tiroteios! As pessoas morrem. Os hospitais estão cheios. Tudo começou quando os manifestantes caminharam da Praça da Independência para o Verkhovna Rada. As pessoas juntaram-se para a chamada ofensiva de paz [...] Mas a marcha pacífica falhou. A polícia começou a ser atacada com pedras. Os agentes da lei responderam com granadas de efeito mortal e gás lacrimogéneo”*  
(*Inter*, 18.02.2014)

Mais uma tentativa do canal transmitir a ideia de que os confrontos foram iniciados pelos ativistas radicais e orientados para provocar desordem. Enquanto *I+I* afirmou que os manifestantes foram provocados pelos *titushki*, o *Inter* ignorou essa informação. Também o *Inter* acrescentou a informação de que os manifestantes radicais usaram armas de fogo e nem as esconderam (*Inter*, 18.02.2014).

A reação dos media russos foi semelhante à do *Inter*, expressando apoio ao governo ucraniano e afirmaram da necessidade da operação antiterrorista para parar a desordem no país:

*“Para estabelecer a ordem no país, as autoridades ucranianas ponham em ação a operação antiterrorista [...] porque tornou-se evidente que por trás das barricadas não são manifestantes pacíficos, mas são os verdadeiros extremistas que têm ao seu dispor não apenas pedras [...] O MNE russo vê os acontecimentos enquanto resultado direto de negligência por parte dos políticos ocidentais, que, de facto, ajudaram os radicais, impedindo de restaurar a ordem e ameaçando com sanções à autoridade oficial.”*  
(*ITV*, 19.02.2014)

O dia 20 de fevereiro tornou-se o dia mais sangrento na nova história ucraniana. Nesse dia, atiradores especiais desconhecidos abriram fogo sobre a *Maidan*. Desta vez, os protestos foram acompanhados por numerosas vítimas: de acordo com estimativas, morreram mais de 70 pessoas, mais de 600 ficaram feridas. Muitos ficaram com ferimentos das balas de armas de fogo, embora nenhum dos lados admitiu abertamente o uso destas.

Apesar de ninguém saber quem foi responsável pelas mortes, os media russos não tiveram receio de culpar os manifestantes da escalada da violência e mantinham a ênfase nos feridos entre a polícia. Além disso, afirmaram que o MNI ucraniano permitiu à polícia usar armas militares só após o ataque do atirador que levou a duas dezenas de feridos entre as forças de segurança.

*“Em Kiev, atiraram sobre as pessoas com armas de fogo. Na noite passada, o presidente Yanukovych e líderes da oposição concordaram com uma trégua, que foi quebrada depois de algumas horas [...] Maidan abriu fogo sobre os agentes das forças especiais [...] Os radicais in Kiev capturaram cerca de 70 militares [...] Como podemos observar nas imagens tiradas no hotel “Ucrânia”, capturado por extremistas, homens armados abriram fogo sobre pessoas.” (ITV, 20.02.2014)*

Também durante o dia passam vários comentários dos agentes do “*Berkut*” sobre a situação:

*“As pessoas vão para ação ‘pacífica’ com machados, levam gasolina. Nós não lhes tocamos. Eles são os primeiros a provocar e atirar sobre nós. As pessoas são agressivas, há muito drogados e bêbados. Não nos deram armas, nem as temos” – comentário de um dos agentes do “Berkut.” (ITV, 20.02.2014)*

Portanto, nota-se que o canal protegeu o lado da polícia, enquanto os manifestantes são caracterizados como insurretos. Nota-se também que o canal russo tenta impor a visão de que os atiradores foram contratados pelo *Maidan*. Por seu lado, o canal *I+I*, transformou a informação completamente ao contrário referindo-se ao MNI como permitindo aos agentes da polícia usar armas militares afirmando que os atiradores foram contratados pelo governo com o objetivo de limpar as ruas dos manifestantes (*I+I*, 20.02.2014):

*“As primeiras notícias das barricadas – a polícia usa armas de fogo contra manifestantes [...] Os médicos estão a salvar vidas dos manifestantes. Aqueles que sobreviveram dizem que a polícia atira sobre as pessoas com armas de fogo.” (I+I, 20.02.2014)*

O canal acompanhou durante todo o dia a situação, houve várias emissões ao vivo de diferentes pontos de confronto, atualizaram continuamente dados sobre as vítimas e os feridos. Além disso, notou-se a tendência do uso da expressão “Guerra Heroica” ligada à luta dos manifestantes pelos direitos civis e da liberdade.

*Inter*, também desde a manhã desse dia começou a emissão em direito das várias partes do *Maidan* sobre os tiroteios, de vez em quando incluindo comunicação com os seus jornalistas. Mostraram a ofensiva dos manifestantes agressivos contra os polícias e demonstraram como a polícia é atacada com coquetéis *molotov* e bombas de efeito mortal. Afirmaram também que os manifestantes tiveram armas de fogo e atiraram sobre a polícia, atualizando continuamente a quantidade de feridos entre agentes da polícia (*Inter*, 20.02.2014). Contudo quando surge a informação sobre os atiradores o canal preferiu apenas transmitir a situação sem acrescentar as opiniões próprias, entrevistaram os manifestantes sobre as vítimas dos tiroteios e sobre o grau dos ferimentos.

Nos dias seguintes a atenção das agendas mediáticas focalizou-se na questão de quem contratou os atiradores e sobre o refúgio do ex-presidente da Ucrânia, Yanukovich. O canal *I+I* desde os primeiros segundos afirma que as pessoas foram atacadas devido à autorização do estado para abrir fogo. A queda do regime do Yanukovich é caracterizada como a vitória dos “100 Heróis Celestes”, “Heróis que não morrem” que lutaram contra a ditadura no país (*I+I*, 23.02.2014).

Uma das mudanças curiosas na interpretação do *Maidan* é observável nas notícias do *Inter* após o refúgio do ex-presidente. Ao longo do protesto em Kiev, o canal transmitiu a mensagem dos “extremistas do setor de direita” e dos “manifestantes radicais” nas manifestações, mas após 21 de fevereiro de repente começou a falar sobre os manifestantes com compreensão, chamando-os de “ucranianos”, “povo ucraniano” e “cidadãos”, nunca utilizando antes essas palavras para os caracterizar. Além disso, começou a dar os comentários dos líderes de oposição e das figuras públicas que apoiavam os protestos, enquanto o ex-presidente, o primeiro-ministro e outros poderes passaram a ser sujeitos a forte crítica. Tendo em conta que o canal no período das manifestações apoiou a posição governamental, esta mudança do discurso pode ser explicada pela orientação futura pouco clara do canal na sua política de informação provocada pelas mudanças no governo ucraniano.

Contudo, mais escandaloso e menos profissional de todos tornou-se o noticiário do canal russo *Rossiya* com Dmitry Kiselev, devido aos comentários do próprio apresentador no noticiário, moldando a opinião pública sobre o evento. De mesma maneira do *Inter*, durante os protestos as notícias passadas neste canal apoiaram o governo ucraniano, mas após o refúgio do ex-presidente ucraniano o canal começa a chamar o mesmo de traidor da população ucraniana, incompetente de garantir a segurança dos próprios cidadãos, de desenvolver estratégias de desenvolvimento do estado ou pelo menos de definir o interesse nacional do país (*Rossiya*, 23.02.2014). A responsabilidade dos tiroteios é colocada sobre os grupos radicais do *Maidan* que segundo as suas palavras desde o início foram orientados para sangue e queda do regime. Além disso, transmitiu a ideia de que o país é um estado falhado:

*“A situação neste país permite nos falar sobre um estado falhado, porque entre os principais deveres do Estado está a garantia de segurança aos seus cidadãos. Por isso, se o estado não garante essa segurança, de facto o estado não existe. Sob o slogan “Gloria à Ucrânia! Gloria aos Heróis!”, com a*



*bandeira europeia com cheiro de fumo de pneus em chamas, o país entrou em estado falhado quando a vida das pessoas se tornou irrelevante. Nesta semana, já nem contaram muito a quantidade das pessoas mortas e ainda vão matar mais.” (Rossiya, 23.02.2014)*

### **3.1.3.Reação Internacional**

Descrevendo os acontecimentos na Ucrânia, os canais russos e ucranianos na maioria dos noticiários incluíram a reação e os comentários relativamente à situação dos EUA, da UE e dos países-membros da UE. Apesar de os comentários dos atores externos serem sobre o mesmo tema – manifestações no *Maidan*, os acentos e o tom da representação dessa reação era muito diferente e essa diferença está enraizada nas orientações geopolíticas diferentes dos países, bem como na ligação dos canais com o poder doméstico.

No que diz respeito aos canais russos, os protestos em Kiev foram comentados pelas autoridades russas e mostrados pelos canais russos como eventos apoiados e financiados pelo Ocidente.

*“Temos três edifícios no centro de Kiev, onde os serviços de inteligência estrangeiros preparam os atacantes [...] tendo em conta esta informação, parece estranho a declaração do Conselho de Segurança Nacional americana publicado no site da Embaixada dos EUA em Kiev, que culpa o governo ucraniano daquilo que acontece em Kiev... assim parece que a Casa Branca entende o protesto como pacífico.”(ITV, 20.01. 2014)*

*“A Embaixada dos EUA apresentou hoje uma declaração que prevê sanções contra as autoridades ucranianas envolvidas na dispersão dos manifestantes em Kiev. O Presidente da Comissão Europeia, José Manuel Barroso também ameaçou com sanções. Além disso, quer os EUA quer a EU chamam os protestos de pacíficos. Nesses quadros nós podemos observar até que ponto o protesto é ‘pacífico’ (o vídeo mostra a agressão por parte dos manifestante contra a polícia) (ITV, 22.01.2014)*

*“[...] infelizmente, as forças políticas do Ocidente aberta ou secretamente financiam ss fascistas na Ucrânia. Fascistas que não têm nenhuns valores, incluindo os valores que são declarados na Europa como universais” – disse Sergey Zheleznyak, Vice-Presidente da Duma Estatal, membro do Partido Rússia Unida (ITV, 22.01.2014)*

No culpar o Ocidente dos acontecimentos junta-se *Inter* passando a reportagem onde se fala que a UE já não sabe o que fazer em relação à Ucrânia e citando a opinião do

chefe-editor de um jornal britânico pouco conhecido com a afirmação de que a UE e os EUA são culpados pela organização do caos e desordem em Kiev (*Inter*, 20.01.2014).

A imagem contrária passa no *I+I*, mostrando vários comentários dos deputados dos estados-membros da UE que apoiam a necessidade de cancelar as leis antidemocráticas e repressivas, bem como insistem no diálogo entre todas as partes interessadas, ou seja, governo, oposição e ativistas. Relativamente à questão quem é culpado pela desordem em Kiev passa o comentário do deputado polaco que afirma que a responsabilidade pelas ações está no governo ucraniano e que eles devem rever as leis em conformidade com as obrigações europeias e internacionais (*I+I*, 20.01.2014).

As reportagens dos canais russos também foram acompanhadas com a opinião dos especialistas, politólogos e jornalistas estrangeiros. Para dar mais credibilidade aos acontecimentos cobertos e convencer o público que o Ocidente está a provocar instabilidade na Ucrânia transmitiram o comentário de um jornalista italiano:

*“Acho que a Europa tem uma influência muito forte naquilo que acontece em Kiev. Já há muito tempo existe esta tentativa de influenciar [...] Há interferência clara por parte dos atores externos. Acho que por parte da Europa é um grande erro. Na Europa existem forças que preferem a expansão da NATO à Ucrânia. Ninguém abertamente fala sobre isso, mas acredito que um dos elementos fundamentais dessa crise é o desejo de expandir as fronteiras de NATO à custa da segurança europeia.” - disse Giulietto Chiesa (ITV, 22.01.2014)*

*“Os deputados do Kremlin têm preparado a declaração na qual apelam à oposição do governo ucraniano para não recorrer ao uso da força e para os políticos ocidentais não interferirem nos assuntos internos de um estado soberano e não fomentarem o conflito.” (Rossiya , 2014).*

A *Rossiya* foi mais longe e apresentou a reportagem onde se fala que a manifestação tinha sido planeada há muitos anos e que os manifestantes radicais foram previamente treinados por atores externos:

*“Aqui está a confirmação de que os radicais ucranianos já há muito tempo colaboram com os consultores estrangeiros. Este é o vídeo amador filmado no verão de 2006 – campo militar na Estónia, onde os nacionalistas ucranianos sob o controlo de formadores da NATO têm aulas sobre armas e explosivos e treinam ações terroristas.” (Rossiya, 27.01.2014)*

No início de fevereiro de 2014 aconteceu a conferência em Munique onde a questão ucraniana se tornou tema principal. A conferência foi coberta por todos os noticiários, mas

o comentário mais interessante foi feito por um jornalista do canal ucraniano *I+I*. Este canal transmite os comentários dos principais oradores ao mesmo tempo que o correspondente chama a atenção da audiência para a cor das gravatas dos oradores:

*“A atitude dos oradores relativamente aos manifestantes ucranianos podemos simbolicamente entender sem palavras, olhando apenas para as gravatas. Enquanto John Kerry tem a gravata verde e está a falar mais suave, o Ministro das Relações Exteriores russo, Sergiy Lavrov, tem uma gravata vermelha e faz afirmações fortes.” (I+I, 1.02.2014)*

Neste caso, o jornalista tentou usar uma imagem simples para manipular a audiência com o objetivo de criar uma atitude no público adequada à leitura que estava a fazer da situação.

Outro caso interessante, desta vez usado pelos canais russos com o objetivo de eliminar qualquer dúvida nas suas audiências sobre a pertença dos atores ocidentais aos eventos no *Maidan* é a conversa telefónica do secretário-assistente dos EUA, Victoria Nuland, com o Embaixador dos EUA na Ucrânia, Jeffrey Payette. A conversa era sobre os acontecimentos em Kiev e o papel dos opositores do governo nos protestos - Vitaly Klitschko, Anatoly Yatsenyuk e Oleh Tyahnybok onde Nuland se expressou de forma obscena relativamente à falta de esforços da UE para resolver a crise política ucraniana (*Rossiya*, 7.02.2014). Tal demonstração da conversa permitiu presumir à audiência, que os EUA têm planos próprios e concretos relativamente à Ucrânia.

Relativamente aos tiroteios em fevereiro, os canais russos afirmaram que o sangue derramado é culpa dos países Ocidentais que desde o início se reuniram com opositores ao governo garantindo que o protesto seria pacífico, em vez de travar os extremistas. Além disso, a Ucrânia aparece enquanto um estado falhado que depende economicamente do apoio externo e cujos problemas têm de ser resolvidos pelos países da UE, principalmente através da prestação de apoio financeiro:

*“Economicamente sem ajuda externa a Ucrânia não conseguirá sobreviver, politicamente – os ministros dos negócios estrangeiros da França, Polónia e Alemanha impunham a sua opinião que é necessário mudar o sistema político, as eleições devem ser antecipadas, a constituição melhorada, ao mesmo tempo que introduzem sanções contra a Ucrânia”.* (*Rossiya*, 23.02.2014)

Deste modo, os exemplos acima mostram que a reação ocidental foi tratada de diferentes maneiras nos diferentes canais. Enquanto os canais russos e um canal ucraniano

fizeram uma representação negativa do Ocidente, culpando pela situação em Kiev os países da UE, e especialmente os Estados Unidos, *I+I* transmitiu uma imagem positiva, representando o Ocidente como uma esperança para o apoio e assistência na resolução dos problemas, e os líderes da UE como os protetores dos interesses ucranianos em negociações, principalmente com a Rússia.

Representação dos manifestantes e da polícia					
Datas		<i>ITV</i>	<i>Rossiya</i>	<i>Inter</i>	<i>I+I</i>
19.01.2014 – 20.02.2014	Manifestantes	Provocadores de desordem; Fascistas; <i>Bandera</i> ; Neo-nazis; Guiados pelos radicais; <i>Molodchiki</i> ; Multidão agressiva		Radicais; Multidão agressiva	Manifestantes; Defensores dos direitos e liberdades pessoais
	Polícia	Inocente; Vítimas dos radicais; Age de acordo com a lei; Agentes da lei; Forças de Segurança			<i>Siloviki</i> Atacantes; Culpados em tiroteios
Governo e oposição					
19.01.2014 – 20.02.2014	Oposição	Radicais; Extremistas; Nacionalistas; Terroristas		Forças da extrema- direita	Opositores do governo
	Governo	Legítimo; Age de acordo com competências e prática internacional			Caminho para o totalitarismo e ditadura

**Quadro 1. Representação dos atores envolvidos no *EuroMaidan***

Ocidente					
Datas		<i>ITV</i>	<i>Rossiya</i>	<i>Inter</i>	<i>I+I</i>
19.01.2014 – 23.02.2014		Financiam os fascistas e radicais no <i>Maidan</i> ; Culpados pelos tiroteios; Apoiantes do extremismo em Kiev		Apoiantes na organização do caos e desordem em Kiev	Parceiros; Protetores dos interesses ucranianos; Assistentes na resolução dos problemas

**Quadro 2. Representação do Ocidente**

### 3.2. O caso da Crimeia

Desde o início dos protestos na Praça da Independência, os meios de comunicação russos acompanharam a situação na Crimeia. Os correspondentes especiais do *ITV* e *Rossiya* no período entre janeiro e fevereiro salientaram nos seus comentários que o apoio de Yanukovich pela população dessa região é baseada no desejo da Crimeia manter e aprofundar os laços com a Rússia, que por sua vez estavam sob ameaça dos protestos antigovernamentais no resto do país.

Desde dezembro de 2013 os principais canais de televisão russos em alguns momentos dos seus noticiários começaram a falar sobre a possibilidade de uma divisão da Ucrânia e consequente separação da Crimeia. Além disso, a representação da Crimeia na agenda da mídia como um assunto especial na situação da crise ucraniana foi orientada para a formação da imagem dos manifestantes do *Maidan* como o “outro” ou “diferente” aos olhos da população (Mezhigirsky, 2014). O noticiário *Vremya* representa claramente esta imagem:

*“a Ucrânia está atualmente dividida em duas partes. Uma parte pretende derrubar o governo e quer a integração com a União Europeia, enquanto outra prefere preservar a estabilidade.” (ITV, 04.12.2013)*

Na mesma linha seguiu *Vesty* afirmando que *“a crise aprofunda-se e torna-se cada vez mais claro que a Ucrânia começa a dividir-se pelas fronteiras regionais.” (Rossiya, 12.12.2013)*

Quando os protestos no *EuroMaidan* se agravaram, os manifestantes começaram a bloquear os edifícios governamentais e a situação no centro de Kiev tornou-se mais intensa, os canais russos começaram a falar abertamente que os eventos no *Maidan* levarão à divisão da Ucrânia:

*“A crise ucraniana alcançou um estado onde são claramente visíveis três cenários de desenvolvimento. A primeira opção é uma dualidade de poderes em que algumas das regiões ficarão sob a autoridade do chamado Conselho do Povo, ou seja, a oposição realmente deixa de obedecer a Kiev e Yanukovich. No caso de uma evolução desta forma, é evidente que a Ucrânia vai dividir-se num futuro próximo. As outras duas opções não são melhores: introdução do estado de emergência, que irá resultar numa perda de controlo sobre a parte da Ucrânia ocidental e confrontos sangrentos em Kiev, em resultado*

*disso Yanukovich vai perder o poder, e a Ucrânia perderá as regiões do leste e do sul do país.” (ITV, 26.01.2014)*

Nessa construção da imagem, os canais russos não funcionaram sozinhos. Nos noticiários do canal ucraniano *Inter*, a população da Crimeia podia ver a confirmação das palavras dos apresentadores e jornalistas russos, que ao longo do período do *EuroMaidan* descreveram os eventos e os atores semelhante aos canais russos. Assim, ao longo dos confrontos no *Maidan*, os canais russos transmitiam a ideia de que a Ucrânia está um caos e começa a dividir-se, e apenas a intervenção da Rússia conseguirá manter pelo menos uma parte do país unida.

Quando o ex-presidente ‘fugiu’ da Ucrânia, a Crimeia tornou-se um dos principais temas da televisão russa (Mezhigirsky, 2014). A partir do final do fevereiro, os canais russos já não tinham dúvidas sobre a separação da Crimeia num futuro próximo, mas ainda não no sentido de autodeterminação. O ponto de viragem tornou-se a decisão do novo governo em Kiev relativamente à abolição da lei sobre o estatuto regional da língua russa<sup>8</sup>. Passados poucos dias, os deputados russos no Kremlin começaram a discutir como proteger os direitos da população russa na Crimeia.

Os media russos começaram logo a transmitir a mensagem de que os habitantes da Crimeia são ameaçados afirmando que “*A lei leva à destruição dos direitos da população de língua russa, ao abandono dos direitos para a língua nativa, à destruição do direito à história independente*” (*Rossiya*, 26.02.2014).

Posteriormente todas as notícias foram orientadas para a necessidade de salvaguardar as minorias russas ou aqueles que falam a língua russa dos fascistas ucranianos. A mesma narrativa foi usada pelo Kremlin para justificar a sua entrada na Crimeia, e foi transmitida em todos os meios de comunicação estatais (Dougherty, 2014: 4).

Muitas vezes, as reportagens acompanharam as declarações e comentários das autoridades locais e dos líderes das organizações pró-russas. Além disso, passaram os

---

<sup>8</sup> A lei sobre a língua política foi adotada em 2012 por iniciativa do partido Regiões (partido do ex-presidente ucraniano). A lei previa que nas regiões ucranianas onde a língua não-estatal, como a russa, é materna pelo menos para dez porcentos da população, seja atribuído um estatuto regional. Este estatuto significava que a língua regional pode ser usada no trabalho, nos documentos oficiais e na comunicação entre as autoridades locais e cidadãos (*Verkhovna Rada, s.d.*).

comentários negativos dos participantes nas manifestações nas cidades da Crimeia relativamente ao novo governo ucraniano.

*“Nós somos ameaçados pelo fascismo. O verdadeiro fascismo. Aquilo que eles fazem com o país assusta. Eles vão tentar vir para Crimeia - disse uma residente de Sevastopol [...] Já tentam desligar os canais que nós estamos a ver. Amanhã eles vão obrigar-nos falar em língua ucraniana. Não podemos deixar isso assim - afirma outro residente da cidade.” (ITV, 25.02.2014)*

Contudo, o canal ucraniano *I+I* representa a situação de outro ângulo, começando por definir os manifestantes contra o novo regime em Kiev enquanto “ativistas pró-russos” e “separatistas”.

*“Sevastopol não reconhece o novo governo, e não vai mais obedecer ao Verkhovna Rada da Ucrânia. Mais de dez mil pessoas expressaram a sua desconfiança face às autoridades locais e elegeram o novo presidente da câmara. Contudo, segundo a lei ucraniana, Sevastopol não tem direito de escolher os chefes locais.” (I+I, 24.02.2014)*

Assim, *I+I* nos noticiários seguintes recordou continuamente que a nova governação na Crimeia está sujeita à Rússia e é ilegal porque segundo a lei ucraniana a região não tem direito de escolher os governantes. Durante os próximos dias, *I+I* ativamente evidenciou os comentários e sessões extraordinários do novo governo ucraniano relativamente à Crimeia e a “*entrada da região em histeria separatista*” (*I+I*, 25.02.2014). Por sua vez, o outro canal ucraniano, *Inter*, não fez conclusões relativamente aos manifestantes, passando apenas uma reportagem com a informação que “*a Rússia vai emitir os passaportes aos habitantes da Crimeia*” incluindo uma afirmação do deputado da Duma governamental sobre a adesão da Crimeia à Rússia. Na reportagem aparece também uma afirmação interessante do jornalista que “*a anexação da Ossétia e da Abcázia começou também da distribuição dos passaportes russos aos residentes locais*” (*Inter*, 25.02.2014).

No dia 26 de fevereiro na cidade de Simferopol aconteceram duas manifestações, uma maioritariamente composta por tártaros, que insistiu na ideia de que a Crimeia deve continuar dentro da Ucrânia, enquanto outra maioritariamente composta por russos étnicos, com o líder Sergiy Aksenov, exigiram a independência da Crimeia pedindo o apoio da Rússia (Expert, 2014). Os canais russos preferiram demonstrar as demandas apenas dos segundos.

*“As manifestações na Crimeia reúnem milhões de pessoas. No edifício do Conselho Supremo até levantaram a bandeira russa. As pessoas afirmam que querem-se proteger contra a vontade imposta por Kiev e exigem a realização de um referendo sobre o estatuto da região.” (ITV, 26.02.2014)*



*I+I*, falando sobre as manifestações apresenta as opiniões dos dois lados, no entanto introduz informação relativamente aos provocadores desconhecidos.

*“Perto do Parlamento juntaram-se os tártaros e os locais Maidanivci<sup>9</sup>. Também ao lado estão os apoiantes das forças pró-russos. Entre eles estão a polícia. De repente, entre a multidão, aparecem pessoas desconhecidas que começam a provocar ambos os lados, exigindo remover as bandeiras russas e ucranianas.”* (*I+I*, 26.02.2014)

*Inter* também falou dos defensores da territorialidade da Ucrânia e daqueles que querem a separação da Crimeia do país, mas denomina os “ativista pró-russos” enquanto os organizadores da manifestação (*Inter*, 26.02.2014).

Além disso, ambos os canais ucranianos falaram sobre os estudos não programados do exército russo perto da fronteira ucraniana. No entanto, relativamente à sua circulação dentro da Ucrânia, esta foi mencionada apenas no *I+I*.

*“Na entrada de Sevastopol foram montados postos de controlo, no centro da cidade apareceu um veículo blindado de transporte de pessoal. Em Sevastopol formam as unidades de opolchenie<sup>10</sup> [...] Surgiu informação sobre a circulação de militares russos na península.”* (*I+I*, 26.02.2014).

No dia seguinte, os homens não identificados invadiram o prédio do Conselho Supremo. Foi convocada uma sessão extraordinária, resultado da qual foi despedido o atual Primeiro-ministro da Crimeia, Anatolii Mohyliov, e nomeado o líder do partido Unidade Russa, Serguey Aksyonov, como novo Primeiro-ministro da região.

*I+I* deu a notícia com informação não verificada e passando as suas suspeições, afirmando que *“ninguém sabe no momento quem foram as pessoas que invadiram o edifício, mas nas palavras de alguns, os invasores eram parecidos a militares russos e identificaram-se como russos”* (*I+I*, 27.02.2014). *Inter* também passou a notícia com comentários na mesma linha e testemunhas que afirmaram que os invasores eram da Rússia. Relativamente ao novo Primeiro-ministro, o canal afirma que *“a legitimidade dessa decisão tomada sob a pressão e bandeira de outro país é questionável”* (*Inter*, 27.02.2014). Os canais russos, por

---

<sup>9</sup> *Maidanivci* - participantes, apoiantes os protestos da oposição na Ucrânia no final de 2013-2014.

<sup>10</sup> *Opolchenie* - formação militar, compostos da população civil (principalmente voluntários) criados durante a guerra ou conflito para ajudar o exército.

sua vez, ignoraram a informação sobre a invasão passando apenas a informação sobre a nomeação do novo primeiro-ministro.

Em seguida, nos canais russos aparecem reportagens com o exemplo clássico da propaganda do ódio e intimidação. Como exemplo serve a reportagem do *ITV* onde se descreve o ataque dos manifestantes do *Maidan* sobre os escritórios dos apoiantes do antigo regime, e a ocupação de edifícios administrativos noutras cidades ucranianas, em particular no leste e sul do país. Também observaram atenciosamente a situação na Crimeia.

*“Na Crimeia, opolchenci estão a construir barricadas e preparam-se para defender dos rebeldes a autonomia da região com as armas na mão. As unidades militares das Forças Armadas ucranianas na Crimeia passam voluntariamente para o lado da governação da Crimeia.” (ITV, 28.02.2014)*

Assim, nas notícias russas surgiu a informação sobre a passagem massiva dos militares das Forças Armadas da Ucrânia para o lado das forças armadas da Crimeia. Surgiu, assim, nas notícias o apoio direto às pessoas defensoras da autonomia na região e opositores ao novo governo em Kiev.

Por sua vez, os canais ucranianos já não tiveram dúvidas de que na Crimeia começou a operação militar em grande escala das tropas russas, começando a expressamente chamar os militares como russos e expressando a sua desconfiança na nova governação da região.

*“O aeroporto do Simferopol está sob o controlo de homens camuflados. Os soldados admitiram que são russos. No entanto, no parlamento da Crimeia afirmam que eles são as unidades de autodefesa voluntárias” (I+I, 28.02.2014)*

No entanto, do lado russo os canais passam as afirmações das autoridades russas sobre não interferência do estado russo nos assuntos internos ucranianos e que não há nenhuma evidências relativamente ao envolvimento de militares russos nos eventos na Crimeia. Contudo notou-se o apoio a Sergiy Aksenov, que por circunstâncias pouco claras se tornou o novo primeiro-ministro da Crimeia. Pelos noticiários russos, ele foi visto como o poder necessário para impedir *“as ondas de desordem e provocações do Maidan”* na região. A rápida organização do referendo sobre a autonomia da Crimeia que inicialmente foi previsto para o dia 25 de maio de 2014, mas por causa da *“situação complexa do conflito que vai para além do razoável”* passou para final de março, foi apoiada ativamente pelos canais russos (*Rossiya*, 1.03.2014).

Quando no dia 1 de março, o Conselho da Federação russa adotou a decisão sobre o uso das Forças Armadas russas no território da Ucrânia, os canais russos interpretaram a decisão como necessária para proteger os habitantes da região autónoma da violência (*ITV*, 1.03.2014; *Rossiya*, 1.03.2014). Contudo, pelos canais ucranianos tal decisão foi considerada como uma “*invasão militar da Ucrânia*” (*I+I*, 1.03.2014; *Inter*, 1.03.2014).

No dia 6 de março realizou-se mais uma sessão extraordinária do Supremo Conselho da Crimeia, o resultado da qual foi a decisão de realizar o referendo daí a 10 dias. Tal decisão sobre o referendo antecipado foi interpretada pelos canais como consequência natural da afirmação dos nacionalistas do *Maidan* que “*A Ucrânia é só para os ucranianos*” (*Rossiya*, 6.03.2014). Os canais ucranianos afirmaram que a decisão sobre o referendo é ilegal e feita pela pressão das armas russas, e representa um ataque à integridade do país. Além disso, os canais afirmaram que a nova governação da Crimeia preparava os resultados falsificados dos habitantes tártaros no referendo (*Inter*, 6.03.2014; *I+I*, 6.03.2014). Contudo, *Inter* também mostrou as opiniões dos outros habitantes da Crimeia que geralmente apoiavam o referendo e a Rússia.

Durante as semanas de março que se seguiram, os principais canais russos mostraram as reportagens com as manifestações das cidades russas que expressaram o seu apoio aos cidadãos da Crimeia.

*“As pessoas saíram às ruas com slogans que refletem a sua atitude em relação aquilo que se passa no país vizinho [...] o título dessa ação “Estamos juntos”. A Rússia está com a Crimeia [...] “Não vamos deixar as nossas pessoas” – está escrito nos cartazes [...] Nós não devemos deixar os nossos compatriotas nas mãos dos nazis. Devemos apoiar os nossos concidadãos.”* (*ITV*, 7.03.2014)

Em simultâneo, os apresentadores e os jornalistas deixaram de considerar a população da Crimeia enquanto povo ucraniano chamando-os de “compatriotas na Ucrânia”, “habitantes da Crimeia” ou “falantes russos”. Aqueles que chegaram ao poder em Kiev continuaram a caracterizá-los como “*banderas*”, “nazis” e “fascistas”. Deste modo, transmitiam a ideia de que a Rússia deve salvaguardar os ucranianos que falam a língua russa dos poderes acima mencionados que governam o país.

No que diz respeito aos canais ucranianos, nos principais noticiários do *I+I*, os jornalistas e apresentadores falaram abertamente sobre a presença de soldados russos e até começaram a chamá-los de invasores e ocupantes da região, a Rússia foi considerada como

“agressor”, enquanto a autodefesa voluntária da Crimeia diretamente ligada ao Kremlin. Contudo, *Inter* tomou uma posição isolada, uma vez que os jornalistas ao descreverem os acontecimentos na Crimeia, na maioria dos casos, mantiveram silêncio sobre a presença dos militares russos, embora tenham falado abertamente em fevereiro sobre isso.

O dia mais agitado tornou-se 16 de março – dia do referendo. Durante o dia os media observaram atenciosamente a situação, interpretando-a de várias maneiras. As matérias dos media ucranianos maioritariamente expressaram uma avaliação negativa em relação ao referendo, insistindo na ideia de que é ilegal, preparado no prazo de dez dias, e os resultados de qualquer modo seriam falsificados devido às listas de votação incluírem pessoas com cidadania russa, pessoas que já morreram, não incluindo, no entanto, os habitantes ucranianos (*Inter*, 16.03.2016). Nesse dia, *I+I* começou o seu noticiário da seguinte maneira:

*“O referendo é artificial e sob a arma russa. A votação não é reconhecida nem pela comunidade internacional, nem por Kiev, nem da parte dos habitantes da península [...] O Primeiro-ministro ilegítimo, Aksenov, decidiu o destino da Crimeia antes da abertura da votação, escrevendo no seu Twitter que a Crimeia vai ser parte da Rússia. Para garantir a presença no referendo, testemunhas afirmam que chegaram a casa com a polícia. Os jornalistas foram impedidos de filmar”* (*I+I*, 16.03.2014)

Além disso, o canal preparou uma reportagem com informação para convencer a população de que o referendo é ilegal, salientando dois pontos principais: a pressa na sua organização e ignorância absoluta do direito (*I+I*, 16.03.2014).

Contudo, enquanto nos media ucranianos tudo foi representado como ilegítimo e ilegal, os media russos afirmaram que o referendo se realiza de acordo com todos os princípios democrático e os standards internacionais. Ambos os canais, nos seus noticiários afirmaram que os processo do referendo controlam especialistas internacionais de 23 países, *Rossiya* até passou um comentário de um representante sérvio. Além disso, Kiselev afirmou que “os países ocidentais tentaram impedir um referendo histórico”, mas a Rússia não o permitiu. Salientou também que a Rússia não criou os problemas na Ucrânia e na Crimeia, apenas está envolvida nos acontecimentos que lhe foram impostos. No que diz respeito à votação, passou uma reportagem onde o correspondente afirma que as pessoas chegaram aos locais de votação antes de os sítios abrirem, o que demonstra que a realização do referendo foi um sonho da população. Afirma também que houve uma elevada taxa de participação dos habitantes, incluindo os tártaros (*ITV*, 16.03.2014; *Rossiya*, 16.03.2014).

Quando os resultados foram publicados, os media russos entraram em estado de euforia e alegria, demonstrando como os habitantes da Crimeia e a população da Rússia se uniram para celebrar o “*regresso da região a casa*”, que segundo os media “*esperaram ao longo de vinte e três anos*” (Rossiya, 23.03.2014). Portanto, a ‘adesão’ da Crimeia à Rússia foi considerada como o único cenário possível onde o referendo foi a operação pacífica que salvou vidas e garantiu o direito à autodeterminação dos povos. Além disso, disseram “*se o Ocidente não está a gostar dos resultados isso não significa que é ilegítimo*” (ITV, 17.03.2014). Assim, o principal tema da agenda mediática russa após o referendo era a expressão “A Crimeia é nossa!”. Vale a pena salientar também que os media ativamente promoveram a ideia de que “*a vitória na Crimeia se tornou possível só porque a Rússia é governada por Vladimir Putin*” (Rossiya, 23.03.2014).

Por sua vez, os canais ucranianos após o referendo apoiaram a posição do “*governo oficial de Kiev*” afirmando que no referendo não havia nada semelhante nem com democracia nem com o direito internacional. Além disso, os canais concordaram em três pontos: em primeiro lugar, que uma parte da Ucrânia foi ‘roubada’, em segundo lugar que tudo está sob responsabilidade do governo russo, e em terceiro lugar, que a anexação é temporária, e mais cedo ou mais tarde a Crimeia será novamente parte da Ucrânia. Em ambos os canais, o referendo foi considerado um ato ilegal de ocupação de território de um estado soberano. *I+I* foi até mais longe, comparou a anexação da Crimeia com as anexações dos territórios pelos fascistas que causaram a segunda guerra mundial. A UE foi considerada enquanto aliado da Ucrânia no sentido de travar a agressão russa.

**Quadro 3. Principais mensagens dos media sobre o referendo**

Canais russos	Canais ucranianos
Reconhecimento do referendo e dos seus resultados como legítimos. O processo cumpriu todas as normas internacionais.	O referendo é ilegítimo. Violou a legislação ucraniana e o direito internacional.
As autoridades russas reconhecem os resultados.	O novo governo ucraniano não reconhece os resultados.
A população tártara incluída nas listas.	A população tártara contra o referendo e não incluída nas listas.
Elevada taxa de participação, também entre população tártara.	Baixa taxa de participação. No referendo votam os cidadãos russos, as listas incluíram pessoas que já morreram.
Os militares russos da Frota do Mar Negro não interferiram no processo.	A invasão militar da Rússia influencia as decisões tomadas pelo Parlamento da Crimeia.
Os políticos ocidentais tentam prevenir o referendo histórico.	Os políticos ocidentais acham que o referendo ameaça a estabilidade das fronteiras na Europa.
O bloqueio do aeroporto e outras infraestruturas de transporte são necessários para prevenir a mobilização das forças de Kiev para a península, que tentam impedir o referendo sobre o estatuto da região.	Na Crimeia aconteceu a captura do poder pelos separatistas. Separatistas ocuparam o aeroporto e as instalações militares.
Passagem massiva dos militares ucranianos para o lado da governação da Crimeia.	Não houve a passagem massiva dos militares ucranianos para lado dos separatistas, os medias russos manipularam esses factos
Reintegração/Reincorporação da Crimeia/ regresso para casa	Anexação da Crimeia

## Capítulo 4 – Discussão das notícias

### 4.1. Ligação dos media ao poder estatal

#### 4.1.1. Ucrânia – oligarcas nos media

De acordo com as sondagens de opinião pública realizadas pelo Instituto Internacional de Sociologia em Kiev (KIIS), a televisão ucraniana funciona como a fonte primária de notícias diárias para a maioria da população ucraniana (KIIS, 2014). Em sociedades democráticas os media são considerados o “quarto poder”, pelo que devem ser independentes e transmitir informação objetiva. No caso da Ucrânia os principais canais de televisão pertencem aos grandes grupos financeiros ou industriais. Para esses grupos os media são uma forma de influência sobre a política e uma ferramenta para a proteção dos seus interesses comerciais (Dutsyk, 2015: 10).

Apesar do facto de em 2014, os meios de comunicação terem sido obrigados a divulgar informações sobre os seus proprietários, as estruturas de propriedades continuam a não ser transparentes e a informação permanece opaca na prática. Daí resulta a dificuldade de analisar a ligação entre os canais e os seus proprietários. Contudo, todos sabem que a maioria do setor mediático é controlado por um pequeno grupo de ricos empresários que têm interesses na política, economia ou em outras áreas. Atualmente os grupos de media televisivos mais influentes permanecem ligados aos oligarcas Dmytro Firtash / Serhiy Lyovochkin (*Inter*), Ihor Kolomoyskyi (*I+I*), Victor Pinchuk (*StarLightMedia*) e Rinat Akhmetov (*Ukraina*). Todos os proprietários referidos têm os seus interesses políticos e pessoais que se ajustam continuamente às condições políticas e se refletem na política editorial dos media (*ibidem*, 2015: 10). Por exemplo, as guerras permanentes entre os oligarcas Ihor Kolomoyskyi e Dmytro Firtash são visíveis na cobertura de notícias nos seus canais. Isso justificou a escolha dos canais como *Inter* e *I+I* para a análise das notícias transmitidas no período de crise da Ucrânia, como referido.

A maior parte dos lucros dos canais provém de publicidade. No ano 2014 devido ao agravamento da crise ucraniana houve uma queda acentuada do mercado publicitário em 20% em relação ao ano de 2013 (WNAC, 2014). Além disso, os acontecimentos ao longo do *EuroMaidan*, e posteriormente o crescente sentimento pró-russo na região do Sul da Ucrânia estimularam a procura de notícias em tempo real e o surgimento de um conjunto de canais online, como por exemplo a *Hromadske TV*.

Esta deterioração da situação no mercado televisivo ucraniano levou ainda a uma maior competição entre os oligarcas e os canais resultando na atração de novo público e na manutenção da audiência existente, bem como impulsionou a criação de incentivos, extra-financiamento, e a formulação de novas leis governamentais (Dovzhenko, 2015a: 25). Assim, para competir e ganhar mais audiência os canais, especialmente *1+1* e *Inter*, mudaram o conceito dos programas informativos, introduzindo a linha de notícias durante o dia e prolongando as edições da noite. Nos momentos mais intensos, quando era óbvio que as pessoas precisavam de informação em tempo real, passaram muitas horas a emitir em direto. Além disso, quer o primeiro quer o segundo canal, convidaram para os seus estúdios diferentes especialistas, como o exemplo que foi dado no capítulo anterior relativamente ao *Inter*. O canal *1+1* também convidou oradores com opiniões e visões opostas de modo a aumentar a audiência.

Além disso, durante os protestos no centro de Kiev os canais interpretaram os acontecimentos de forma diferente. Afirma-se que tal interpretação nos noticiários está ligada à orientação do seu proprietário. Do capítulo de mapeamento parece claro que, ao longo dos protestos no *EuroMaidan* o grupo *1+1* foi um dos poucos canais ucranianos que assumiu uma posição pró-*Maidan* e que tentou proteger o lado dos manifestantes. Ao longo das manifestações foram convidados ao estúdio do canal os líderes de *Maidan* e os representantes dos manifestantes. Além disso, em 2012 quando a Ucrânia começou a preparar-se de forma mais ativa no sentido de maior integração com a UE, o canal levou em conta as mudanças na política externa do país e posicionou-se enquanto “a empresa com os valores europeus que cria um conteúdo que muda a forma como as pessoas pensam sobre o mundo e sobre si mesmos” (*1+1*). Assim, a principal missão do canal é promover os “valores corretos” na sociedade. De acordo com as palavras do diretor geral do canal *1+1*, Oleksandr Tkachenko, “O nosso proprietário compartilha os mesmos valores que defende para a empresa” (Mediasat, 2014). Esta frase do diretor geral mostra uma clara ligação entre o



conteúdo das agendas mediáticas e a orientação dos seus proprietários. Portanto, tal coincidência entre a posição do canal e a do proprietário pode ser ligada aos interesses que Kolomoyskyi tinha, nomeadamente o seu interesse na redistribuição dos poderes nas esferas de influência na Ucrânia que permitisse ao oligarca sair da “sombra” e da dependência dos poderes existentes no país (Entrevista Vasil, 2016).

Em 2014, na rede social “youtube” circulou uma audiogravação de uma conversa entre dois homens cujas vozes são semelhantes às do proprietário do 1+1, Ihor Kolomoisky, e ao diretor geral do canal, Oleksandr Tkachenko. Na gravação Kolomoisky supostamente dá instruções ao Diretor-Geral do *I+I* sobre a composição da agenda mediática e clarifica que os materiais sobre o presidente russo, Vladimir Putin, devem ser removidos da agenda (Korrespondent, 2014a).

O ponto final que demonstra o interesse próprio de Kolomoyskyi na queda do regime de Yanukovich, foi a nomeação dele enquanto Presidente da Administração Regional da cidade Dnipropetrovsk (terra onde ele nasceu) pelo novo governo ucraniano em março de 2014 com o objetivo de travar o separatismo no Leste ucraniano e fornecer apoio aos militares ucranianos. Os principais ativos do oligarca foram localizados nesta região que naquela altura estava sob alto risco de desestabilização por parte da Rússia. Estando no lugar em que estava ele foi capaz de influenciar a situação e proteger o seu negócio (Kononczuk, 2015). A partir daqui, transformou-se num dos políticos protetores da Ucrânia que apoia a ideia da “Ucrânia unida” e soberana, apesar de uma das exigências nas manifestações no período do *EuroMaidan* ter sido livrar a Ucrânia do poder dos oligarcas (Leshchenko, 2014). Portanto Kolomoyskiy apoiando claramente os eventos no *Maidan* seguia cálculos puramente económicos (Entrevista Vasil, 2016). Para ele o falhanço do regime do Yanukovich ofereceu a oportunidade de declarar-se, não apenas como um dos maiores banqueiros ucranianos, mas como um político de escala nacional (*idem*).

Relativamente ao outro canal, *Inter*, também se nota a ligação forte da agenda mediática aos donos do canal<sup>11</sup>. Este canal é um caso interessante porque em vários

---

<sup>11</sup> A autora realizou um estágio neste canal com duração de dois meses no ano 2016. O estágio ocorreu no departamento da edição das notícias internacionais. Ao longo do estágio foi possível compreender o ambiente em que atuam os jornalistas e editores, bem como entender a política interna do canal. Relativamente à perceção e observação própria, os jornalistas têm total independência na escolha da informação relativamente aos assuntos sociais, contudo no que diz respeito aos assuntos ligados à política externa ucraniana, principalmente

momentos da sua emissão mudou completamente a orientação dos seus noticiários e assim, contradisse em vários momentos as suas palavras. Por exemplo, em julho de 2013, os proprietários do canal e o próprio canal ativamente promoveram a integração europeia, passando nos seus noticiários caricaturas de Putin. Contudo, em outubro o mesmo canal afirmou que ninguém na UE quer a Ucrânia e que o país deve manter amizade com a Rússia (Dovzhenko, 2015b).

A nova mudança radical na agenda mediática, como foi apresentada no capítulo anterior, apareceu depois do tiroteio sangrento no *EuroMaidan*. Em janeiro e fevereiro de 2014 quando Yanukovich permaneceu no poder, o governo influenciava o conteúdo das notícias através dos proprietários dos canais pró-governamentais, que por sua vez influenciaram os editores e jornalistas (Entrevistado 1, 2016). Além disso, um dos proprietários do canal Sergiy Leovochkin, até janeiro de 2014 foi chefe da administração do presidente Yanukovich e, portanto, apoiava a posição governamental.

Contudo, após a saída do ex-presidente ucraniano, *Inter* que denominou os manifestantes desde o início dos protestos como “radicais governados por extremistas do setor direita”, passou a chamá-los de “povo e cidadãos ucranianos”. Também começou a discutir os eventos que ocorreram durante os protestos incluindo os comentários dos líderes da oposição. Além disso, criticaram fortemente as ex-autoridades ucranianas que antes eram vistas enquanto defensoras do regime e ordem no país.

Tais mudanças ao longo do tempo foram acompanhadas da mudança de diretores dos noticiários. Contudo, segundo as palavras de um jornalista do *Inter*, “todos os novos diretores foram pessoas ligadas aos mesmos oligarcas e as mudanças foram feitas apenas por visibilidade. Os oligarcas mudaram as orientações do canal de acordo com a situação que estava no país naquele determinado momento. Mas para disfarçar as suas flutuações e visualmente criar a imagem de media independente, mudaram a direção dos programas informativos” (Entrevista 1, 2016).

Além disso, no regime do Yanukovich, Firtash estava entre os oligarcas cujos ativos aumentaram durante este período de governação. Firtash também é visto como um empresário que tinha ligações com a Rússia, envolvido na venda de gás russo em cooperação

---

com a Rússia, EUA e UE, os jornalistas são instruídos pelos editores chefe sobre os temas que devem ser postos na agenda mediática e quais ao contrário devem ser retirados da agenda.

com a Gazprom, a Ucrânia e a UE durante muitos anos, e este negócio foi a fonte principal do seu rendimento (Kononczuk, 2015). Assim, oferecendo apoio ao regime através do próprio meio de comunicação, os oligarcas em troca garantem decisões políticas favoráveis para os seus negócios. Por isso, apoiando o lado do governo nas manifestações em janeiro-fevereiro 2014, *Inter*, seguiu a linha dos interesses do seu proprietário.

Para os próprios jornalistas desses canais, o ano 2014 tornou-se o ano mais difícil. No ranking dos “Repórteres sem Fronteiras” a posição da Ucrânia caiu para o lugar 129, e os jornalistas tornaram-se alvos de violência (RSF, 2016). Durante todo o ano, jornalistas ucranianos trabalharam em condições extremas: a pressão das autoridades durante o *EuroMaidan* e, posteriormente, pressão e violência por parte de diferentes atores na Crimeia afetaram os padrões profissionais. Além disso, devido à forte censura os editores e os jornalistas foram obrigados a seguir a política editorial imposta de cima (Entrevista 2, 2016).

Além disso, o nível de censura na Ucrânia está acompanhado com os governantes no poder ucraniano. Durante os eventos do primeiro *Maidan* em 2004-2005, cada canal recebia recomendações específicas diretamente da Administração Presidencial sobre o que deve estar na agenda mediática, como deve ser representado e interpretado, bem como quais temas devem ser ocultados (Entrevista Vasil, 2016). Ao longo da chefia de Yanukovich, o sistema foi alterado. As recomendações não eram tão óbvias e os principais acentos foram determinados ao nível dos proprietários dos canais e administração superior. A censura aconteceu através da escolha dos momentos “corretos”, os jornalistas que seguiram uma posição independente foram demitidos e substituídos por jornalistas menos ambiciosos e obedientes (*idem*). Atualmente a esfera mediática mudou-se para o sistema chamado de “autocensura”, ou seja, os jornalistas sabem o que os donos dos media querem ver nas agendas mediáticas (*idem*).

Desta forma, o sistema dos meios de comunicação revela-se paradoxal, por um lado os oligarcas precisam dos media para promover os seus interesses e ganhar influência política, por outro lado os próprios canais não conseguem sobreviver sem os oligarcas e o financiamento deles e como resultado passam a informação que vai na mesma linha dos interesses dos seus proprietários.

#### 4.1.2. Rússia – autocracia mediática

No caso da Rússia, o governo russo desempenha o papel decisivo na formação das agendas mediáticas, criando e reforçando instrumentos de controlo da opinião pública (Arutunyan, 2009: 13). Durante o século passado, dois elementos foram da maior importância no estado dos media russos: o modelo autoritário que dominava todas as esferas da vida e a rápida ascensão paralela dos media eletrónicos (*idem*). Com o fim da União Soviética, os meios de comunicação na Rússia enfrentaram uma grande transformação. O surgimento de meios eletrónicos como rádio, cinema e televisão, bem como as formas de novos media substituíram em grande parte a imprensa escrita e tornaram-se ferramentas poderosas de manipulação da consciência da população russa.

Com a chegada de Vladimir Putin ao poder os meios de comunicação tornaram-se uma ferramenta política mais poderosa o que resultou no aumento da intervenção do Estado nos assuntos mediáticos. A maior atenção aqui dirige-se para a aquisição pelo governo de canais de televisão como *NTV*, *Rossiya* e *ORT* (atualmente *Perviy Nacionalniy Kanal*), argumentando que alguns oligarcas promoveram os seus próprios interesses através dos seus canais (Heywood-Lonsdale, 2010: 2; Gehlbach, 2010: 80; Dun, 2014: 1427). Atualmente esses canais cobrem 99% do território russo e foram classificados como os três canais de televisão mais populares na Rússia em 2014 (Oshakalo, 2015).

Nas áreas de impressão e da Internet o Kremlin exerce menos influência principalmente porque a imprensa escrita tem menos potencial para influenciar e manipular as massas do que a televisão (Heywood-Lonsdale, 2010: 3). Assim, determinadas fontes, e principalmente a televisão nacional, são rigidamente controladas, enquanto outras fontes, incluindo a Internet, têm algum grau de liberdade e pluralismo de opinião (Dun, 2014; Lipman, 2009).

Segundo os dados de *World Press Freedom Index* de 2015, a Rússia encontra-se em 152º lugar de 180 países do mundo (RSF, 2015). Contudo, a lei dos media na Rússia afirma que os princípios fundamentais da legislação de media são a liberdade de pensamento e de expressão, a proibição de propaganda em suas diversas manifestações, a proibição da censura, o pluralismo ideológico e a liberdade de criatividade (Constituição da Federação da Rússia, 1999). No entanto, muitos jornalistas têm medo de uma reação dos seus chefes ou

das autoridades, ou sentem a necessidade de seguir determinadas regras (Arutunyan, 2009: 77). Isto é um claro exemplo do legado Soviético existente nos media russos que perturba a transmissão de informação objetiva. Sarah Oates (2007) fala sobre um modelo “Neossoviético” dos meios de comunicação e afirma que os meios de comunicação russos conseguiram manter as funções que existiam durante o período soviético, mas uma diferença importante é que o sistema atual não é uma estrutura monolítica.

Além disso, o sistema de controlo mediático atualmente tem três características distintas: seletividade no regime de censura, uso das ferramentas da propaganda para moldar em vez de controlar as narrativas nos media, e ênfase nos métodos legais e económicos na eliminação das vozes independentes (NED, 2014). Hoje em dia o controlo sobre os media não é similar aquele que existia durante a União Soviética. O estado não controla todo o mercado mediático, mas controla aquele que permite reforçar a sua imagem positiva na sociedade e legitimar as suas ações para posteriormente por meio das conversas os cidadãos controlaram-se a si próprios através de autocensura.

Entre tais media estão em primeiro lugar os media televisivos. De acordo com os dados do Levada-Centro, a televisão é a principal fonte de informação para a maioria da população russa independentemente do seu local de residência, estatuto social e nível de educação (Levada Centro, 2015). Hoje em dia, a televisão russa é uma mistura de dois modelos, onde o primeiro é controlado pelo Estado, por empresários e empresas leais ao estado; e o segundo modelo é comercial, fornecendo conteúdo de entretenimento. Independentemente da estrutura da propriedade, a televisão russa é principalmente financiada através de publicidade e patrocínios (Khvostunova, 2013).

Os canais analisados no capítulo anterior, *ITV* e *Rossiya*, são os canais do primeiro modelo e que têm o maior alcance de audiência, 14,5 % e 13,2% respetivamente (Oshkalo, 2015). Os dois canais são controlados pelo Estado: as ações do *ITV* pertencem maioritariamente ao *Rosimushchestvo* (Agência Federal de Gestão de Propriedade do Estado). Outros acionistas incluem o *National Media Group* (controlado por Yuri Kovalchuk, Presidente do Conselho de Banco *Rossiya*, e amigo de Vladimir Putin, e por Roman Abramovich, aliado de Putin). *Rossiya* pertence a parte da *VGTRK (All-Russia State Television and Radio Broadcasting Company)* (*ibidem*, 2015). Ao longo do período do *EuroMaidan* e posteriormente face à complicação da situação na Crimeia esses canais nos

seus noticiários não só apoiaram fortemente as ações e decisões do Estado, mas também refletiram a posição do Estado.

A informação nos canais russos é estritamente e manualmente controlada pelo Estado. Um ex-funcionário do VGTRK numa entrevista para o jornal russo “Colta” (s.d.) descreveu como as agendas mediáticas foram construídas e influenciados pelo Kremlin no período da crise ucraniana:

*“Cada semana os dirigentes dos canais reúnem-se em Kremlin para receber a o plano de impressão com informação que deve ser promovida nas agendas, bem com a indicação como deve ser apresentada. Posteriormente os dirigentes reúnem os gestores de topo/editores mais próximos no canal para discutir os pontos mais delicados, os acentos e interpretações dos determinados eventos. Os eventos na Ucrânia deviam ser cobertos no máximo, era obrigatório incluir uma reportagem ampla da Crimeia, de Kiev, do Donetsk. Após o referendo, o canal recebeu a “tarefa tradicional” do Kremlin – todos os dias passar pelo menos uma reportagem da Crimeia contando como a Crimeia desenvolve-se, como desenvolve-se a ciência e artesanato na região, como cresce o bem-estar e alegria dos habitantes “voltados para casa”.*

*Ninguém discutiu o lado a partir do qual devia ser representada a noticia, nem havia a dúvida se for necessário dar opinião daqueles habitantes que estão descontentes com situação.”* (Ex-funcionario VGTRK, s.d. a)

Neste contexto, onde toda a informação relativamente a Ucrânia passou de cima para baixo, os jornalistas e correspondentes, portanto, despenharam apenas o papel formal e técnico na formação do conteúdo da noticia. Além disso, segundo as palavras desse funcionário todo os canais transformaram-se numa única entidade da propaganda estatal:

*“Não havia nenhuma concorrência entre os canais. Da administração do Presidente foi recebida a ordem de parar concorrer entre si para captar o material mais exclusivo. Todos canais foram obrigados passar a circular entre si as imagens, os comentários dos alto falantes, os contatos dos especialistas”* (idem).

Apesar de os chefes editores têm algum grau de liberdade para colocar determinados temas na agenda mediática, geralmente esses temas não estão relacionados com a política interna ou externa do Estado.

*“Chefe editor tem a liberdade para colocar ou não na agenda qualquer acidente que aconteceu em Moscovo, mas no que diz respeito as questões da grande política, guerra e paz - ele não tem liberdade a escolher [...] O modo manual de controlo se estendeu até mesmo ao previsão meteorológica, se haviam as instruções diretas da cima.”* (Ex funcionário VGTRK, s.d. b).

Concluindo esta ligação profunda dos media com o Estado representa a política autoritária dos governantes russos, bem como é o resultado o legado do passado do país. Promovendo através dos canais os seus interesses, as autoridades atingem o apoio público e legitimam as suas ações, o que para eles representa a garantia da estabilidade do seu regime.

## **4.2. Agenda-setting em ação**

Como foi observável no capítulo de mapeamento, os temas cobertos pelos canais ao longo dos meses de janeiro e fevereiro foram os mesmos, a exceção foi apenas o evento dos Jogos Olímpicos que foi amplamente coberto pelos canais russos, representado também pelo canal ucraniano *Inter*, e quase totalmente ignorado pelo *I+I*. Contudo, a natureza da interpretação dos temas nos quatro canais foi muitas vezes diferente. Por isso, o grande interesse do presente trabalho foi a análise da componente substantiva das notícias, o conteúdo, o foco, avaliações e significados. Para analisar essas questões, foi utilizado o segundo nível da teoria de agendamento – *framing*. O objetivo deste ponto é considerar como os noticiários russos e ucranianos falando de temas iguais, selecionaram certos aspetos da realidade e tornaram-nos mais visíveis do que outros, e de tal maneira, definiram e interpretaram os eventos de ângulos diferentes.

### **4.2.1. EuroMaidan**

Durante o período do *EuroMaidan* escolhido para análise, foi possível observar a diferença da cobertura das manifestações pelas agendas mediáticas. Nesta fase, surgiram algumas dificuldades com a identificação de *framing* das notícias porque os acontecimentos se desenvolviam rapidamente e exigiam uma resposta imediata por parte dos canais. Apesar disso, foi possível identificar algumas tendências na cobertura dos eventos.

Em particular, os canais russos e o canal ucraniano, *Inter*, descreveram os acontecimentos que tiveram lugar naquele tempo na Ucrânia, em termos de caos e desordem. Com a evolução dos acontecimentos, o discurso dos canais russos tornou-se mais forte e intenso relativamente aos manifestante e aos líderes da oposição, enquanto nas notícias do

*Inter* a retórica que foi muito forte inicialmente posteriormente mudou-se para mais cuidada. No que diz respeito ao outro canal ucraniano, *I+I*, aqui os eventos foram apresentados desde o início de forma mais intensa. Por exemplo, frequentemente nos noticiários apareceram frases como “100 Heróis Celestes”, “Os Heróis não morrem”, “Os Heróis do *Maidan*”. Em geral, nesse canal, foi notável a tendência de usar a frase “Guerra Heroica” ligada à luta dos manifestantes pelas liberdades e direitos civis.

**Quadro 4. A lista dos frames "EuroMaidan"**

Nº	Nome do <i>frame</i>	Indicador do <i>frame</i>
Neutros		
1	Mudanças no governo	- Renúncia do ex-primeiro ministro ucraniano
Positivos		
2	Leis	- Tentativa do governo ucraniano evitar o golpe do estado e restaurar a ordem no país; - Cumprem a prática internacional
3	Ocidente	- Ações orientadas para apoio dos manifestantes
4	Operação antiterrorista	- Necessária para estabilizar o país e restaurar a ordem;
5	Queda do regime de Yanukovich	- Vitória do <i>Maidan</i>
6	Mudanças no governo	- Renúncia do ex-Primeiro Ministro
Negativos		
7	Leis	- Ilegítimas e ditatoriais; - Caminho para o totalitarismo
8	Caos	- Manifestação violenta; - Irresponsabilidade e impunidade
9	Oposição	- Extremistas e nacionalistas, cujo objetivo é realizar o golpe do Estado;
10	Confrontos	- Multidão agressiva e descontrolada ataca as forças de segurança; - Os ativistas são atacados pelas forças de segurança
11	Vítimas dos confrontos	- Ativistas assassinados por armas de fogo das forças de segurança; - Polícia exerce tortura sobre os manifestantes;



		- Os radicais do <i>EuroMaidan</i> matam pessoas com armas de fogo
12	Ocidente	- Fonte dos problemas e tensões em Kiev
13	Operação antiterrorista	- Limpeza das ruas de ativistas
14	Queda do regime do Yanukovich	- Yanukovich traidor da população ucraniana
15	Fascistas	- Opositores que promovem as ações radicais nas manifestações

A análise dos enquadramentos baseia-se na divisão do tom comum das notícias, “neutros”, “positivos” e “negativos”.

Entre os enquadramentos neutros nos noticiários, apenas as mudanças no governo ucraniano causados pela renúncia do ex-Primeiro Ministro ucraniano devem ser mencionadas. O canal *I+I* falou dessa decisão superficialmente, e ambos os noticiários russos afirmaram apenas que o país se encontra entre a anarquia e a desordem, onde as autoridades renunciam ao poder, enquanto o líder da oposição, Yatsenyuk, recusa a proposta de Yanukovich para nomear-se para o cargo. No entanto, apenas um canal, *Inter*, transmitiu uma imagem positiva do político, chamando-o de reformador da Ucrânia e que levou o país para um futuro com melhores padrões da vida.

Alguns enquadramentos aparecem na tabela quer como quadros positivos quer negativos. Isto deve-se ao facto de, por exemplo, o Ocidente nos canais russos e no canal ucraniano, *Inter*, em geral ser considerado de uma forma negativa, pois apoia e financia os manifestantes, enquanto no *I+I* o Ocidente foi apresentado de forma positiva. Ligava-se a sua atuação a um sentimento de esperança num futuro melhor. Especialmente, a UE foi representada como protetora da Ucrânia nas negociações com a Rússia e como um ator que levará o país para uma nova era mais democrática.

O quadro ligado às leis que proíbem as formas de protesto antigovernamental apareceu no *I+I* enquanto tentativa do governo levar o país para o totalitarismo e ditadura. Por isso, os manifestantes pró-europeus reuniram-se no centro de Kiev para uma manifestação pacífica contra as leis adotadas. No entanto pelos canais russos e pelo *Inter*, o protesto antigovernamental foi caracterizado como violento e organizado por pessoas “radicais” e “agressivas” guiadas pelos “extremistas” e “fascistas”. Ao contrário dos

manifestantes “agressivos”, a polícia foi apresentada como uma força necessária para estabilizar a situação e promover a ordem no país, usando para tal todos os meios legítimos.

O enquadramento sobre a operação antiterrorista que aconteceu devido ao rompimento da trégua entre os manifestantes e opositores por um lado, e o governo ucraniano por outro, pelos canais russos foi vista como uma medida necessária para parar o radicalismo crítico na Praça de Independência e promover a ordem no país. Por seu turno, *I+I* não legitimou as ações do governo chamando-as de tentativa de “limpar as ruas” dos “manifestantes pacíficos”.

Pelo *I+I*, a queda do regime de Yanukovich apresentou a vitória de todos os manifestantes que lutaram no *Maidan* por longo período por melhores padrões da vida. O ex-presidente ucraniano, Victor Yanukovich, foi apresentado enquanto o inimigo do povo ucraniano influenciado pelo Kremlin que renunciando assinar a Associação com a UE, retirou o direito do povo à liberdade e à escolha do seu próprio destino. Pelo *Inter*, *ITV* e *Rossiya* o ex-presidente foi inicialmente considerado como defensor da ordem e estabilidade no país que até adota as leis previstas na prática internacional para parar a violência. Contudo, quando fugiu do país passou ser visto como traidor da população ucraniana e incapaz de garantir a segurança e a ordem no país.

Os confrontos em Kiev em todos os canais foram representados como confrontações entre os manifestantes e forças de segurança. Contudo, enquanto no *I+I* os manifestantes foram apresentados com um grupo coeso que luta pela justiça social, para os restantes três canais os manifestantes eram radicais guiados pelos opositores refletindo as “forças da extrema-direita”, cujo propósito era gerar mais violência, destabilizar o país e derrubar o regime político existente. Ao contrário, a polícia foi vista como uma vítima dos ataques contínuos do lado dos manifestantes e forçada a defender-se com todos os meios previstos na lei, enquanto o *I+I* representou-a como uma ‘ferramenta’ violenta usada pelo ex-governo ucraniano para dispersar os manifestantes. Embora *I+I* mencione algumas ações violentas por parte dos manifestantes que levaram a vítimas entre a polícia, as suas ações foram frequentemente descritas de forma menos violenta do que as ações da polícia contra os manifestantes.

No que diz respeito às vítimas dos confrontos, notou-se uma tendência por parte dos canais russos, de frequentemente atualizar os dados sobre as vítimas e descrever o grau

de ferimentos entre as forças de segurança, enquanto quase não havia menções relativamente às vítimas entre os manifestantes. *I+I* nesse aspeto tentou apresentar os dois lados, atualizando informação sobre as vítimas das duas partes, mas focou-se mais na apresentação dos feridos entre os manifestantes.

#### 4.2.2. Crimeia

Com a queda do regime de Yanukovich e a chegada ao poder do novo governo composto pelos líderes de oposição e as manifestações na região do sul da Ucrânia, o foco dos canais dirigiu-se para a Crimeia. Caracterizando a cobertura dos meios de comunicação deve-se notar que quase todas as matérias transmitidas pelos media ucranianos têm um tom negativo relativamente aos acontecimentos naquela região. No que diz respeito aos resultados da análise dos *frames* dos media russos, deve-se notar que a situação é completamente oposta. Em todas as reportagens ligadas à Crimeia domina um tom positivo, o tom negativo notou-se apenas nas reportagens ligadas ao novo governo ucraniano.

*Quadro 5. A lista dos frames "Crimeia"*

Nº	Nome do <i>frame</i>	Indicador do <i>frame</i>
Neutros		
1	Lei sobre a língua regional	- O novo governo ucraniano aboliu a lei
2	Mudança da data do referendo	- Referendo antecipado
Positivos		
3	Referendo na Crimeia	-Vontade do povo “regressar a casa”; - Legítimo e legal; - Reintegração da região
4	Manifestações na Crimeia	- Manifestações pacíficas realizadas pelos defensores da autonomia na região
5	Manifestação na Rússia	- Expressão do apoio dos russos aos habitantes da Crimeia

Negativos		
6	Referendo na Crimeia	- Ilegítimo e ilegal; - Não inclui os interesses das minorias tártaras; - Resultados falsificados
7	Mudanças dos poderes na Crimeia	- Captação dos poderes por separatistas
8	Lei sobre a língua regional	- Viola os direitos dos falantes-russos
9	Novo governo ucraniano	- Fascistas; - O poder é ilegal
10	Manifestações na Crimeia	- Feitas pelas ativistas “pró-russos” e “separatistas”
11	Violação da soberania e integridade territorial da Ucrânia	- Intervenção militar da Rússia

O único enquadramento que foi neutral em todos os noticiários está ligado a mudanças nas datas do referendo. Inicialmente foi marcado para o final de maio, mas por decisão do novo governo na Crimeia foi remarcado para 30 de março. Contudo, devido às afirmações do novo Primeiro-ministro sobre a situação complexa do conflito, a última data do referendo passou para 16 de março.

Quanto à abolição da lei sobre as línguas regionais, nos noticiários ucranianos passaram brevemente a informação focando-se mais nas manifestações no Sul do país que provocou tal decisão. Contudo, na agenda russa a decisão assumiu um tom muito negativo. Passou a ser considerada como a ameaça aos falantes russos e uma violação dos direitos humanos. Foi acompanhada várias vezes da indicação da percentagem da população russa que vive na Crimeia e da necessidade de intervir na situação para salvaguardar os compatriotas.

O enquadramento ligado às manifestações na Crimeia classifica-se como positivo nas agendas mediáticas russas porque os manifestantes foram apresentados enquanto pacíficos e defensores da autonomia na região. Contudo, nos media ucranianos as manifestações foram feitas por pessoas “pró-russas” e “separatistas” apoiadas pelo Kremlin, cujo objetivo era desestabilizar a situação na região e promover a divisão da Ucrânia. Além

disso, nas agendas russas notou-se também a introdução do enquadramento ligando as manifestações na Rússia feitas pela população russa com o objetivo de expressar o seu apoio aos habitantes da Crimeia para escolher o seu futuro.

O enquadramento “referendo” apareceu em duas partes da tabela porque pelos noticiários russos foi expresso num tom positivo, enquanto pelos ucranianos – negativo. De acordo com os media russos o evento representou a vontade do povo voltar à sua terra natural e corrigir um erro soviético por parte da Rússia. O acento foi no processo democrático e legítimo do referendo, supervisionado por especialistas internacionais. Os resultados das votações foram apresentados pelos media como a ideia de que a Crimeia fez sempre parte da Rússia e, assim, integrar o país foi a vontade natural do povo. De acordo com os media ucranianos, a ênfase foi na ilegitimidade e violação das normas e direito internacional. Os media expressaram apoio ao governo ucraniano e não reconheceram os resultados, declarando-os falsificados.

Os enquadramentos negativos por parte dos media russos estão ligados ao novo governo ucraniano que foi comparado com os governos fascista e nazi, e assumido ilegalmente através da realização do golpe do estado. Os enquadramentos negativos notados na agenda mediática ucraniana estão ligados à violação da soberania e integridade territorial da Ucrânia, através da intervenção militar das tropas russas na Crimeia e das mudanças de poder na Crimeia através da invasão dos separatistas e captação do poder sob a arma e bandeira russa.

Concluindo, a análise feita nesse ponto mostrou que, apesar de temas semelhantes, a natureza e o foco da cobertura de notícias pelos canais foi muito diferente. Verificou-se também a evolução do número de reportagens dedicadas aos acontecimentos ao longo do tempo, exceção feita apenas na época dos Jogos Olímpicos quando a tema da Ucrânia quase desapareceu da agenda mediática russa. Em ambos os períodos, do *EuroMaidan* e da Crimeia, os eventos foram postos na primeira linha de todos os noticiários, repetiram-se ao longo das emissões e acompanharam-se com símbolos culturais de modo a torná-las mais visíveis, compreensíveis e memoráveis para a população. Grande parte do tempo de noticiário foi dedicado a estes dois acontecimentos o que demonstrou o grau de importância do problema para os países analisados.

### **4.3. Influência dos discursos e das agendas mediáticos sobre a identidade**

Este ponto concentra-se nos discursos que os canais usavam no período do *EuroMaidan* e Crimeia para (des)legitimar as ações do seu governo e dos atores envolvidos no conflito. Além disso pretende-se observar como os media influenciam a identidade nacional de ambos os países.

#### **4.3.1. Rússia**

O papel dos media russos e da própria Rússia no conflito é particularmente interessante devido à sua história comum e compartilhada ao longo do tempo com a Ucrânia. Ao longo do desenvolvimento da situação, os discursos russos e dos media foram-se alterando e adotaram uma retórica cada vez mais específica. No período do *EuroMaidan*, as principais narrativas mediáticas foram orientadas para demonizar os manifestantes, opositores no *Maidan* e os políticos ocidentais aos olhos da população russa. Para atingir esse objetivo os media estatais dominantes como a *ITV* e *Rossiya*, usaram nas suas agendas mediáticas o discurso do ódio introduzindo a ideia de aquisição de poder na Ucrânia pelos “nazis”, “*banderas*”, “nacionalistas” financiados e corrompidos pelo ocidente cuja missão é derrubar o governo legítimo ucraniano.

Promovendo esses discursos, os media construíram a imagem dos manifestantes enquanto os “maus” financiados pelo “inimigo” ocidental. Além disso os protestos no *Maidan* foram representados pelos media como uma ameaça externa para a identidade russa. A imagem da ameaça construiu-se através da utilização de certos conceitos, ideias e imagens. Um dos conceitos mais frequentemente usados está ligado ao sentimento fascista nas manifestações. Para a Rússia o fascismo representa uma ameaça real que o país enfrentou no passado e, portanto, identificando os opositores do governo como fascistas deslegitimaram todas as ações deles. O termo “fascismo” para a população russa não é apenas o tempo para descrever os acontecimentos, é um termo que leva a emoção e a lembranças fortes entre a população, associados a imagens e associações terríveis (Gaufman, 2015: 144). Nas agendas mediáticas, a construção da imagem do “fascismo” na Ucrânia foi acompanhada pelas imagens dos símbolos fascistas e pelas comparações das ações dos

opositores com as dos fascistas. Por isso, este termo representou uma ferramenta poderosa para construir a ameaça à existência do país.

Desta forma, espalhando estas ideias através dos media o poder político russo conseguiu moldar as percepções negativas entre a população russa sobre o *EuroMaidan*, gerindo os comportamentos e os julgamentos feitos. Além disso, o regime atual russo conseguia assim ganhar maior apoio doméstico e legitimar as suas ações subsequentes.

Como foi referido acima, os noticiários transmitiram a ideia da ameaça externa para a identidade nacional. A construção da identidade do Estado acontece em resultado da interação com outros atores da sociedade, o que leva à relação entre “si” e o “outro”, e o que posteriormente define a sua identificação (Tsygankov, 2010: 15). Desde o fim da Guerra Fria, os EUA têm sido reconhecidos como o “outro” que representa uma ameaça para a identidade russa (Trenin, 2009: 15) que protege os valores tradicionais face aos valores liberais universais como a democracia, os direitos humanos e o Estado de direito.

A identidade neste sentido refere-se portanto à forma como o Estado vê o seu caminho dentro desse mundo e se identifica perante os outros. No caso da Rússia, a identidade ainda se encontra em processo de construção, definida pelas influências europeias e asiáticas (Freire, 2011: 44). Tsygankov definiu três tradições na ideologia russa – ocidentalistas, estatistas e civilizacionistas. Os ocidentalistas veem o Ocidente como a civilização mais viável e progressista do mundo (Tsygankov, 2010) e portanto, a Rússia deve incorporar os valores ocidentais, como a democracia, os direitos humanos e o mercado livre. Os estatistas preferiam ver a Rússia como um estado forte capaz de preservar a ordem social e política. Para eles a ameaça à independência da Rússia vem de todos os lados, quer dos países ocidentais que dos países orientais (*idem*). Os Civilizacionistas consideraram a Rússia enquanto a “*civilization in its own right*” apostando nas ameaças que vêm quer do lado ocidental quer do não ocidental. Para eles os valores ortodoxos, ideologia pan-eslava, socialismo e eurasiatismo representam o caminho especial da Rússia (Tsygankov e Tsygankov, 2010: 669). Dentro dos civilizacionistas há uma parte radical que é caracterizada como de nacionalistas de “*hard line*” ou eurasiatistas que defendem a restauração do império russo através de alianças internacionais e contra as nações ocidentais. Os eurasiatistas defendem a expansão geopolítica da Rússia para resistir à influência do Ocidente (*idem*).

Daí resulta que a lógica da construção do inimigo comum através dos media está ligada a aspirações civilizacionistas por parte das autoridades russas, cujo objetivo é diminuir o valor dos elementos ocidentais na identidade nacional russa (Shakhai, 2015: 29).

Além disso, a Ucrânia é para a Rússia o país mais importante de toda a CEI, principalmente pelo seu valor simbólico e que algumas cidades ucranianas representam na ideologia russa. A própria capital da Ucrânia – Kiev, muitas vezes é referida como “A mãe das cidades russas” ou o “berço” de ambas as nações. Além disso, vários eventos ocorridos no território ucraniano que por si são parte da história russa, como por exemplo, a Batalha de Poltava em 1709 ou o Cerco de Sevastopol em 1854-1855 (Samoilenko, 2014). Para promover as aspirações civilizacionistas, em 2011, foi iniciado o processo de criação da União Euroasiática que procurou juntar a maioria das outras ex-repúblicas soviéticas. A Ucrânia era vista como uma peça fundamental da construção deste puzzle. Contudo, a Ucrânia escolheu o vetor ocidental e começou a integração para a UE. Os outros países da CEI também não expressaram a vontade desejada pelo Kremlin e assim, a ideia da identidade euroasiática e do “mundo russo” ficou ameaçada.

Portanto, de modo a assegurar apoio interno ao seu caminho os políticos russos usando os media estatais sublinharam as diferenças entre a UE e os EUA por um lado, e a Rússia por outro. Demonizaram os opositores de *Maidan* com o fim de ganharem o apoio da população para a política do Estado e legitimar o papel do país na crise ucraniana. Repetindo a mensagem que o povo russo teve um papel decisivo na Segunda Guerra Mundial insistiram na necessidade da Rússia “parar o ressurgimento do fascismo na Europa” (ITV, 2014). Além disso, através de demonização do “outro” conseguiram motivar os sentimentos pró-russos na população russófona na Ucrânia e mobilizar a população na Crimeia.

A região da Crimeia representou para o país não apenas uma região de importância estratégica, mas com forte importância histórica e identitária. Por isso, é importante entender quais as ideias que sustentaram as ações do governo russo e como posteriormente foram aceites pela população russa. Quando o regime de Yanukovich sofreu o falhanço e chegaram ao poder alguns líderes da oposição, a Rússia não os reconheceu como legítimos e viu nas ações deles um crescente nacionalismo, cujo objetivo era retirar os direitos dos falantes russos. Transmitindo continuamente pelos media estatais a ideia de que chegaram ao poder na Ucrânia “fascistas” e “nacionalistas” ucranianos, que ameaçam a população russa na



Crimeia, salientaram a necessidade da intervenção da Rússia para defender e proteger os russos e falantes russos. Putin prometeu fazer todo o possível para resolver a crise humanitária em grande escala no sudeste da Ucrânia (Putin, 2014). Ao concretizar esta missão, a Rússia restaurou a “justiça histórica” e “reincorporou” a península no seu território através do referendo.

Essa decisão contém os elementos das duas ideologias descritos acima, estatistas e civilizacionistas, porque ao legitimar a sua intervenção noutro país soberano usaram os media para despertar dentro da Crimeia e na população russa sentimentos nacionalistas e patrióticos. Ao longo do período de preparação do referendo na Crimeia em março de 2014, houve várias referências mediáticas que ligavam a Crimeia à história da Rússia, por exemplo “Sevastopol é cidade de marinheiros russos” (*Rossiya*, 2014). A “história comum” com a região já era razão suficiente e aceite pelos canais russos para intervir na Crimeia. No primeiro aniversário da Crimeia como parte integrante da Rússia em 2015, Putin justificou a adesão da Crimeia como um meio de restaurar uma parte importante da identidade histórica da Rússia (*ITV*, 2015). Portanto, as ações do Kremlin inicialmente foram legitimadas pelas agendas mediáticas estatais que posteriormente promoveram uma emoção compartilhada entre a população russa acompanhada das palavras de alegria “Crimeia é nossa”.

#### **4.3.2. Ucrânia**

A informação nos noticiários sobre os eventos no *EuroMaidan* divergiu em ambos os principais canais ucranianos no período entre janeiro e fevereiro. Afirma-se que a diferença na cobertura dos protestos no *EuroMaidan* é causada pela pressão que as autoridades ucranianas exerceram sobre os proprietários dos canais de televisão ou pela pressão que os próprios donos dos canais exerceram sobre os editores e jornalistas para promover os seus interesses próprios.

Os principais termos com os quais o canal de propriedade do oligarca pró-governamental *Inter* caracterizou os eventos em Kiev eram a “radicalização dos protestos” e o “caos”. Os manifestantes foram apresentados como “radicais” guiados pelas “forças de extrema-direita” que posteriormente perderam o controlo sobre a multidão incontrolável. *Inter* continuamente atualizou o número de vítimas entre polícias e apresentou os

argumentos que legitimaram as ações das forças de segurança para se defender (mostraram como um agente da polícia foi apanhado e espancado pelos “radicais”). Além disso, o canal dando essa informação baseou-se apenas nos dados fornecidos pelo MNI, não apresentando a visão do outro lado, dos opositores do governo e dos manifestantes. Essa imagem da “anarquia” e situação incontrolável no centro de Kiev criada pelos editores e jornalistas justificou e legitimou todas as ações do governo ucraniano. Além disso, a visão desse canal coincidiu com a visão dos canais russos sobre o *EuroMaidan*, o que gerou debate interno na Ucrânia sobre o serviço do canal ao Kremlin e a traição ao povo ucraniano. No entanto, os noticiários desse canal foram orientados para atribuir o seu apoio a uma determinada parte da população ucraniana, aquela que não apoiava a integração do país na UE e preferia continuar com laços mais estreitos com a Rússia. Contudo, com o fim do regime de Yanukovich notou-se uma mudança completa na linguagem utilizada e na cobertura dos eventos. Por exemplo, as manifestações na Crimeia começaram a ser descritas como “pró-russas”, enquanto os participantes foram vistos como “separatistas”. No entanto, notou-se a ocultação dos factos relativamente à existência militar russa na região e cuidado nas avaliações das decisões do Kremlin.

Outro canal, *I+I* cobriu os eventos de outro ângulo, legitimando as ações dos manifestantes e dos opositores no *Maidan*. Nos noticiários notou-se a expressão da compreensão dos manifestantes. Os jornalistas, apresentadores e correspondentes nos seus comentários muitas vezes adotaram uma abordagem crítica às declarações e ações do governo oficial ucraniano. *I+I*, abertamente glorificou as manifestações e apoiou os manifestantes chamando-os de “ativistas pró-europeus” cuja meta é “o futuro melhor para o país”, enquanto a própria manifestação no final de fevereiro começou a ser chamada “A revolução da dignidade”, “Guerra Heroica”. As ações do governo ucraniano naquele momento foram apresentadas como “ditatoriais”, “ilegítimas” e “totalitárias” contra os “manifestantes pacíficos”. A polícia foi considerada como ferramenta do governo para intimidar os manifestantes e várias vezes ultrapassou as suas competências. Portanto, esse canal tornou-se fundamental para a parte da população ucraniana que apoiou o *Maidan* e o futuro da Ucrânia dentro da UE. No caso da Crimeia, o canal lançou a guerra contra o “inimigo externo”, demonizando o presidente da Rússia, Vladimir Putin. As primeiras manifestações na Crimeia foram definidas pelo canal como organizadas pela Rússia, os manifestantes foram representados como “separatistas”, o novo governo da Crimeia

considerado ilegítimo e estabelecido “sob pressão da arma russa”. A Rússia em geral passou a ser vista como o “outro”, país “agressor” e “*ocupante*” que interveio ilegalmente no território de outro estado soberano.

Analisando os discursos produzidos nos dois canais é possível afirmar que ambos utilizaram determinada retórica para legitimar as ações dos lados que mais apoiavam. Em ambos os canais se notou o predomínio de um único ponto de vista, favorecendo alguns lados e ignorando completamente os outros. Essa divergência na cobertura de acontecimentos influenciou negativamente a identidade nacional que até ao momento não foi definida completamente.

Um dos problemas da identidade ucraniana representa o uso das duas línguas no seu território, donde resulta a preferência de parte da população em receber a informação em língua ucraniana, e de outra parte em língua russa. Assim, afirma-se que *I+I* tinha mais influência na parte central e ocidental da Ucrânia, enquanto o *Inter* na parte sudeste do país. E, portanto, os media que deviam ajudar a criar a identidade nacional para assegurar coesão social e, assim, garantir a integridade territorial e segurança nacional não cumpriram a sua tarefa apresentando uma realidade distorcida e divergente.

Além disso favoreceram a ideia da “nação partilhada”, onde uma parte está cheia de desejos democráticos e vê o futuro do país com a UE, e a outra tem saudades e recordações da União Soviética, preferindo continuar a cooperar com a Rússia. A orientação de ambos os canais para audiências distintas levou a uma perceção de parca coexistência pacífica destas duas unidades históricas e culturais distintas num único país.

Além disso, uma parte significativa da sociedade ucraniana recebeu informações sobre os acontecimentos na Ucrânia através dos noticiários russos o que também ao longo da Independência do país afetou a identidade nacional. Através da popularidade dos canais russos na Ucrânia, principalmente na parte do país com maioria de russos étnicos (Crimeia), as autoridades russas garantiram o apoio para as suas ações não apenas a nível interno, mas também externo, enquanto os media russos tiveram o papel principal na legitimação das ações e na mobilização dos étnicos russos contra o novo governo ucraniano.

Concluindo, a demonização do adversário esteve presente nas agendas mediáticas de ambos os países. Para a Rússia, essa técnica ajudou a deslegitimar as manifestações e os

atores envolvidos, as ações do novo governo ucraniano, e a gerar sentimentos patrióticos na população russa para a Crimeia. Além disso, a representação dos acontecimentos de maneira específica confirmou as aspirações civilizacionistas e estatistas das autoridades russas. No caso da Ucrânia essa tática levou a uma dualidade causada por agendas mediáticas divergentes, onde os primeiros legitimaram as manifestações e posteriormente a chegada do novo governo, enquanto os segundos criticaram esses mesmos eventos. Contudo, com a invasão da Rússia no território do país (Ucrânia) e a apresentação da Rússia como o “mal”, permitiu mobilizar a população ucraniana contra o “agressor externo”, o que pode ser visto como uma solução temporária para o problema da identidade ucraniana.

#### **4.4. Sondagens de opinião como evidência da influência mediática**

Todos os canais analisados tiveram um impacto poderoso sobre a entrada de certos assuntos e percepções específicos sobre a crise da Ucrânia na agenda pública. A agenda pública pode ser caracterizada como a hierarquia de questões num determinado período de tempo e geralmente é mediada pelo questionário da opinião pública em relação a um certo evento (Dearing e Rogers, 1996: 40-41).

De acordo com os dados da Levada Centro, o questionário que foi feito entre a população russa mostra o número de russos que acompanharam os desenvolvimentos na Ucrânia desde dezembro de 2013, número que quase triplicou no ano 2014 (Levada, 2014). Assim, é possível afirmar que a agenda dos media russos definiu a agenda pública (Dearing e Rogers, 1996: 50) valorizando e introduzindo no centro da discussão pública os eventos ucranianos. Segundo as palavras do Diretor do centro analítico e sociológico russo, Lev Gudkov, em novembro e dezembro de 2013, a maioria da população russa percebeu o *Maidan* com compreensão e lamento das pessoas que não conseguiram viver mais sob o regime de Yanukovich (Levada, 2014a).

Contudo, as três principais narrativas espalhadas pelos media russos forçaram a população a reconsiderar os seus pontos de vista: toda a revolução de *Maidan* é inspirada pelo Ocidente; ao governo ucraniano chegaram as forças da extrema-direita, fascistas, banderas e nazis – aqueles que lutaram contra a URSS; a Rússia recupera a parte do seu

território que havia sido apreendido ilegalmente, ou seja, retorna o seu poder como grande potência (Gudkov, 2015).

No início de janeiro de 2014 as sondagens de opinião feitas pelo Levada Centro sobre a Ucrânia demonstraram que os 66% dos entrevistados tiveram a percepção “bom” ou “em geral bom” sobre o país, e 26% expressaram a percepção “mau” (Levada, 2014a). Passados quatro meses foi feito novo inquérito com a mesma pergunta, onde os números mudaram completamente. A percepção “bom” da Ucrânia obteve apenas 35% de respostas dos entrevistados, enquanto a percepção “mau” foi expressa por 49% (Levada, 2014d).

**Tabela 1. A relação dos russos relativamente à Ucrânia (%)**

	janeiro 2014	maio 2014
Bom/geralmente bom	66	35
Mau/geralmente mau	26	49
Difícil de responder	9	17

Relativamente às manifestações ocorridas no *Euromaidan*, 67% dos entrevistados tiveram uma percepção negativa, e apenas 4% tiveram uma percepção positiva. 84% da população concordou que na Ucrânia aconteceu uma tentativa de golpe de estado e apenas 4% concordaram que as manifestações em Kiev foram pacíficas (Levada, 2014a).

Segundo as opiniões da população russa o motivo que levou as pessoas para a manifestação foi a influência dos líderes ocidentais cuja missão era integrar a Ucrânia nos seus interesses políticos (44%), 35% responderam que as pessoas saíram para as manifestações por causa dos sentimentos nacionalistas, e apenas 14% acreditaram que os manifestantes estavam a lutar contra o regime corrupto de Yanukovich (*ibidem*).

**Tabela 2. O que levou sair as pessoas para os protestos (%)**

A influência do Ocidente	44
Sentimentos nacionalistas	35
Regime corrupto do Yanukovich	14
Desejo de libertar a Ucrânia da relação económica e política forte com a Rússia	10
Desejo de ver Ucrânia como o país civilizado, como os outros países europeus	8
O sentimento da dignidade civil	7
O protesto contra as medidas duras do “ <i>Berkut</i> ”/forças internas de segurança	5

Outras razões	2
Difícil de responder	13

A retórica antiocidental esteve presente nos canais russos desde o início das manifestações no *Euromaidan*. O sentimento “bom” da população relativamente aos EUA no início de 2014 foi claro em 43% da população, e “mau” em 44% dos entrevistados (Levada, 2014b). No fim do ano de 2014 o sentimento “bom” foi expresso apenas por 18% dos inquiridos, enquanto o sentimento “mau” reuniu 74% das opiniões (Levada, 2015). Além disso, em dezembro de 2014, 53% dos inquiridos responderam que o Ocidente promove uma política hostil relativamente à Rússia, e apenas 2% discordaram com esta visão (Levada, 2014b).

**Tabela 3. Relação dos russos relativamente ao Ocidente (EUA) %**

	Janeiro 2014	Dezembro 2014
Bom/em geral bom	43	18
Mau/em geral mau	44	74
Difícil de responder	12	8

Relativamente aos acontecimentos no *EuroMaidan*, 37% dos russos culpavam a oposição, 33% culpavam os líderes ocidentais e uma percentagem igual culpou Yanukovich e o governo ucraniano.

**Tabela 4. Quem é responsável pela escalada do conflito (%)**

Oposição	37
Governo dos países ocidentais	33
Governo ucraniano chefiado por Yanukovich	33
Governo da Rússia	3
Difícil de responder	17

24% da população nesse conflito apoiava a posição de Yanukovich, 9% apoiavam a oposição. No entanto, mais de metade dos entrevistados (58%) não apoiaram “nem um nem outro lado” (Levada, 2014a).

As sondagens referidas acima podem ser consideradas como o resultado do bom trabalho das agendas mediática russas que refletiram a visão anti-*maidan* das autoridades russas. O *Maidan*, para o regime político da Rússia, representava duas ameaças principais: a maior república da ex-URSS, começou a sair da zona de influência de Moscovo, e assim, afetou o projeto da União Eurasiática onde a Rússia pretende manter todas as ‘construções narrativas’ e poderes do passado. O próprio modelo da revolta contra o regime corrupto transformado em golpe de estado constituía uma forte ameaça ao regime russo (Gudkov, 2015). Portanto, para evitar semelhante cenário na Rússia, foi introduzida a propaganda política refletida em todos os canais estatais.

Quando o regime de Yanukovich falhou e chegou ao poder o novo governo, 37% concordaram que o poder na Ucrânia foi capturado pelos nacionalista radicais, 36% dos entrevistados acreditavam que na Ucrânia não havia naquele momento um governo único. E portanto, 62% afirmaram que a Ucrânia se encontrava em anarquia e não tinha governo legítimo, 15% apoiavam Yanukovich como presidente legítimo do país (Levada, 2014c).

O inquirimento feito após o referendo na Crimeia mostra, que a favor da adesão da Crimeia foram 88% dos inquiridos o que levou a emoções positivas relacionadas com sentimentos de justiça, orgulho pelo país e alegria. 62% da população russa reconhecia a necessidade de proteger as minorias russas dos nacionalistas radicais ucranianos e 38% foram a favor do restabelecimento da justiça histórica. A responsabilidade pela deterioração das relações entre a Rússia e a Ucrânia foi atribuída por 37% da população russa aos países ocidentais e por 35% à política não-constructiva das autoridades ucranianas. Apenas 8% dos entrevistados concordaram que a adesão da Crimeia é anexação (Levada, 2014e). Durante o tempo pós-soviético na opinião pública esteve sempre presente a convicção de que a Crimeia devia ser devolvida, 84% acreditavam que a região foi injustamente dada à Ucrânia (*ibidem*). Portanto, todos os acontecimentos na Ucrânia foram percebidos pela população russa como a restauração da grande e forte potência russa, protetora da sua população. Esse sentimento patriótico bloqueou a insatisfação e desrespeito da população para com as autoridades russas, que cresceu ao longo dos anos (Gudkov, 2015).

Além disso, o ranking do Presidente Putin cresceu significativamente após a adesão da Crimeia à Rússia. A aprovação das ações de Putin entre a população atingiu 82% dos entrevistados (VTsIOM, 2014). Gudkov afirmou que esse resultado é combinação da

educação patriótica da população com a propaganda antiocidental (Gudkov, 2015), bem como o desejo do Putin ficar na história como grande líder. Essa política foi introduzida em resultado da queda contínua do apoio do regime russo evidenciado desde o ano 2010 até ao ano 2013 (Levada, 2014). Em 2013 a percepção sobre Putin foi negativa, as pessoas culpavam o presidente pelo aprofundamento da crise económica e da corrupção, mostrando-se cansados e frustrados com a sua estadia no poder (Gudkov, 2015). Para mudar essa situação as autoridades russas apelaram para o passado, o passado heroico, para os valores da grande potência (*idem*, 2015). Por isso, em toda a leitura feita pelo media russos no período do *Euromaidan* e Crimeia a ênfase foi dada às conquistas da União Soviética – vencedora do fascismo e libertadora da Europa.

No que diz respeito à Ucrânia, o inquérito feito pelo Instituto Internacional Sociológico de Kiev entre o janeiro e fevereiro de 2014 demonstrou que as opiniões dos ucranianos sobre os protestos se dividiram quase igualmente. O número de entrevistados que apoiam os protestos foi 47%, enquanto aqueles que não apoiavam 46% (KIIS, 2014a).

**Tabela 5. População e apoio dos protestos (%)**

Apoio totalmente	27
Apoio mais do que não apoio	21
Não apoio mais do que apoio	15
Não apoio totalmente	31
Difícil de responder	6

Também o estudo identificou as preferências dos ucranianos na orientação da Ucrânia na sua política externa. 44,5% dos ucranianos apoiaram a aproximação à União Europeia, e 36,1% foram a favor da adesão à União Aduaneira, se o referendo se realizasse num futuro próximo (*ibidem*). Essas preferências mudaram-se com o caso da Crimeia. Em abril e maio de 2014, a percentagem de ucranianos dispostos a aproximar-se da UE cresceu até 47%, enquanto a vontade de aderir a União Aduaneira baixou até 27% (KIIS, 2014b).

**Tabela 6. Orientação da Ucrânia na sua política externa (%)**

	janeiro/fevereiro 2014	abril/maio 2014
Votaria aderir à EU	45	47
Votaria aderir à União Aduaneira	36	27



Não iria participar no referendo	10	12
Não tenho resposta	10	14

Relativamente à questão sobre qual foi a principal razão que levou as pessoas a saírem para os protestos, 43% afirmaram que foi o regime corrupto de Yanukovich, 30% afirmaram a influência do Ocidente que procura integrar a Ucrânia nos seus interesses políticos (a opinião pública por região divergia: tais posições tiveram 57% dos entrevistados no Leste e 44% no Sul, e apenas 17% no Centro e 5% no Ocidente ucraniano concordaram com essa visão) (*ibidem*).

**Tabela 7. O que levou as pessoas a sair para os protestos (%)**

A influência do Ocidente	30
Sentimentos nacionalistas	26,4
Regime corrupto de Yanukovich	42,9
Desejo de libertar a Ucrânia da relação económica e política forte com a Rússia	12,2
Desejo de ver Ucrânia como país civilizado, como os outros países europeus	27,4
O sentimento da dignidade civil	24,9
O protesto contra as medidas duras do “ <i>Berkut</i> ” (forças internas de segurança)	25,5
Outras razões	4,5
Difícil de responder	9,4

Relativamente à questão “quem é responsável pela escalada do conflito na Ucrânia”, 49% dos ucranianos culpam o governo chefiado por Yanukovich, 34% culpam a oposição, 18% dos entrevistados viram a culpa do governo ocidental (menos na parte ocidental da Ucrânia, e mais na parte do leste do país), 7% culpam o governo russo pelos acontecimentos (KIIS, 2014b).

**Tabela 8. Quem é responsável pela escalada do conflito (%)**

Oposição	34
Governo dos países ocidentais	18
Governo ucraniano chefiado por Yanukovich	49
Governo da Rússia	7
Difícil de responder	16

Relativamente às simpatias a um determinado lado no conflito, 32% responderam que não simpatizaram com nenhum lado, ao lado dos manifestantes apoiavam 40% dos ucranianos, enquanto do lado do governo liderado por Yanukovich estiveram 23% dos inquiridos (*ibidem*).

**Tabela 9. Lado que mais apoiaram os ucranianos (%)**

O lado do governo liderado por Yanukovich	23
O lado dos manifestantes	40
Não apoiam nenhum dos lados	32
Difícil de responder	5

Relativamente à questão da Crimeia, 78% dos entrevistados concordaram que foi anexação, 11% não concordaram com essa visão, 12% não deram resposta (KIIS, 2015).

**Tabela 10. Adesão da Crimeia à Rússia (%)**

Adesão é anexação	78
Adesão não é anexação	11
Difícil de responder	12

No que diz respeito à percepção da Rússia pelos ucranianos, esta deteriorou-se consideravelmente após a anexação da Crimeia. Em fevereiro de 2014 uma atitude positiva em relação à Rússia reunia 78% dos ucranianos (maioritariamente positiva do sudeste do país), as atitudes negativas foram apenas de 13% dos entrevistados (maioritariamente negativa nas regiões centrais e ocidentais da Ucrânia) (KIIS, 2014c). Em comparação com a pesquisa de fevereiro o número de ucranianos com atitude positiva em relação à Rússia desceu até 52% em maio de 2014, enquanto a atitude negativa aumentou e quase triplicou, chegando aos 38%. Houve uma queda acentuada da atitude positiva e crescimento da atitude negativa nas regiões do Sul, do Centro e do Oeste da Ucrânia (KIIS, 2014d).

**Tabela 11. Relação dos ucranianos face à Rússia (%)**

	fevereiro 2014	maio 2014
Bom/Em geral bom	78	52
Mau/Em geral mau	13	38
Difícil de responder	9	10

Os resultados dessas sondagens podem ser comparados com a informação que a população ucraniana e russa recebeu dos noticiários de televisão ucraniana no período de conflito. Como foi possível notar, a opinião pública russa refletiu no seu todo a opinião que foi transmitida pelas agendas mediáticas russas, que por sua vez refletiram a posição das autoridades russa. No caso da Ucrânia, no capítulo do mapeamento foi observável que as agendas mediáticas dos dois canais ucranianos *I+I* e *Inter* divergiam bastante no período do *EuroMaidan*, o que causou a divergência das posições dos ucranianos relativamente às manifestações, aos seus participantes e aos atores envolvidos. Contudo, com o início das manifestações pró-russas e medidas ativas aprovadas pelas autoridades russas, como a autorização de entrada das tropas russas na Crimeia, as agendas mediáticas alinharam as suas posições e a Rússia passou a ser considerada enquanto o agressor externo que ameaça a integridade da Ucrânia, o que levou à deterioração da relação ucraniana para com a Rússia, ao aumento do desejo ucraniano de se integrar na UE, bem como representou uma solução temporária para a identidade ucraniana ainda indecisa.

Concluindo, esta análise dos eventos ocorridos na Ucrânia demonstrou a importância dos media para os estudos das RI. Os meios de comunicação dos países analisados, atualmente, encontram-se em situação pouco favorável para atuar independente e são enfrentados constantemente com a pressão das autoridades estatais ou grupos financeiros o que afeta a objetividade das agendas e dos discursos mediáticos. Apesar de falar de temas iguais sobre crise ucraniana, as leituras que os media fizeram e a maneira como reportaram os acontecimentos foram bastante diferentes o que criou o entendimento e a percepção contraditória nos ambos países. Ao selecionar certos aspetos da realidade e tornaram-nos mais visíveis do que outros, os media definiram e interpretaram os eventos de ângulos que serviram para os interesses do Estado ou dos seus proprietários. Além disso, por serem fontes de informação mais importantes e mais influentes sobre a população russa e ucraniana, as agendas mediáticas influenciam a identidade nacional de ambos os países, bem como moldaram as opiniões que (des)legitimaram as ações das autoridades estatais.



## Conclusão

O presente trabalho foi dedicado à análise da leitura feita pelos media televisivos ucranianos e russos dos acontecimentos que tiveram lugar na Ucrânia em 2014. Em resultado desta investigação foi comprovada a hipótese sobre as semelhanças dos temas presentes nas agendas mediáticas dos canais russas e ucranianos sobre os eventos selecionados e o período temporal escolhido para análise. Contudo, foram destacadas as diferenças de atenção aos temas, bem como as divergências nos focos, acentos e avaliações. Frequentemente houve manipulação da agenda pública onde o discurso mediático apresentou os factos de modo a refletir os próprios interesses do canal ou dos seus proprietários. Um exemplo, foi a apresentação dos manifestantes numa primeira fase considerados pelos canais russos e por um canal ucraniano como “*banderas*”, “*nazis*”, “*nacionalistas*” guiados pelas forças de “*extrema-direita*”, enquanto o canal ucraniano *I+I* os apresentou como defensores de direitos e liberdades pessoais.

Além disso, foram destacados os temas ocultadas pelos diferentes canais nos diferentes períodos de tempo. Por exemplo, no período dos Jogos Olímpicos 2014 a maioria do tempo do noticiário russo foi dedicada a esse evento e a crise ucraniana quase desapareceu da agenda. O canal ucraniano *Inter* incluiu a competição olímpica na sua agenda, mas o tema da crise interna permaneceu no primeiro plano do noticiário. No que diz respeito ao outro canal ucraniano, *I+I*, foi dada pouca importância ao tema dos Jogos Olímpicos, limitando-se a apresentar os resultados dos atletas ucranianos. Maioritariamente a informação relacionada com a organização olímpica foi negativa, sublinhando a sua “*dimensão imperial*” e o desejo de Putin criar a imagem de líder forte, em vez de promover a reputação da Rússia como um país moderno. Ao contrário dos jogos, o tema da presença de tropas russas na região da Crimeia foi totalmente ocultado pelos canais russos, enquanto ambos os canais ucranianos cobriram amplamente este assunto.

Comprovou-se também o facto de que a agenda política construída pelo Estado russo e pelas elites ucranianas nesses países faz pressão sobre as agendas mediáticas, reproduzindo a realidade que serve para a promoção dos seus próprios interesses. No caso da Ucrânia, o próprio sistema dos media televisivos revela-se paradoxal porque para sobreviver no mercado mediático competitivo os canais precisam do financiamento dos

oligarcas. No que diz respeito à Rússia, o sistema mediático atual representa o legado do passado soviético, mantendo uma política de controlo estatal. Deste modo, a população russa e ucraniana têm menor probabilidade de receber informação objetiva sobre os eventos e maior probabilidade de perceção distorcida da realidade.

Na parte do mapeamento dos discursos mediáticos foi possível notar que a leitura que os media televisivos dos países referidos fizeram relativamente aos eventos na Ucrânia é de facto oposta, o que resultou em diferenciais de opinião pública na Ucrânia e na Rússia. Como foi observável nas sondagens de opinião, dentro da Ucrânia houve divergência nas posições dos ucranianos relativamente aos eventos do *EuroMaidan*, o que pode ser comparado com os discursos mediáticos divergentes nos canais naquele período. No entanto, quando as agendas dos canais alinharam as suas posições com o caso da Crimeia, a opinião pública passou ser mais unida relativamente às ações das autoridades russas na região do Sul, às ameaças externas e ao caminho futuro do país. Por sua vez, a opinião pública russa refletiu no seu todo a opinião que foi transmitida pelas agendas mediáticas russas, que por sua vez refletiram a posição das autoridades russas.

Além disso, o discurso mediático produzido teve consequências na identidade de ambos os países. No caso da Rússia, o discurso construído à volta dos eventos do *EuroMaidan* e da Crimeia afetou positivamente a identidade e comprovou as suas aspirações civilizacionistas e estatistas. Demonizando o novo governo ucraniano aos olhos da população russa e sublinhando as diferenças entre o Ocidente e a Rússia, o Estado por meio dos media despertou os sentimentos patrióticos e mobilizou a população russa a fim de ganhar apoio para a sua política e legitimar o papel do país na crise ucraniana, principalmente, na Crimeia. Ao contrário dos media russos, os canais ucranianos afetaram negativamente a identidade ucraniana. As agendas mediáticas divergentes e a orientação de ambos os canais para audiências distintas favoreceram a ideia da “nação partilhada” e questionaram a coexistência pacífica destas duas unidades históricas e culturais distintas num único país. Contudo, com a invasão do vizinho no território da Ucrânia, os canais alinharam os seus discursos mediáticos e demonizando a Rússia, mobilizaram a população ucraniana contra o “agressor externo”, o que representa uma solução temporária para a identidade ucraniana.

Portanto, o objetivo do estudo foi comparar as agendas mediáticas para apresentar ao leitor a imagem dos eventos ucranianos criados dentro da Rússia e da Ucrânia, uma vez que as consequências da crise influenciaram a política externa e interna de ambos os países. Contudo, a análise do papel dos media na crise ucraniana não é limitada apenas pelos eventos do *Euromaidan* ou pela Crimeia. As diferenças na cobertura e representação mediática foram notáveis também no período das eleições presidenciais ucranianas em maio de 2014, na questão das sanções aplicadas sobre a Rússia, na representação das negociações sobre o estatuto de Donbass e nos eventos no Leste ucraniano, na leitura da atividade de *Normandy format*. A análise dos acontecimentos sugeridas permitiram traçar a dinâmica da mudança das relações entre os países e a cristalização dos interesses das partes. Além disso, o estudo pode ser complementado com a análise das agendas mediáticas de outros atores chaves na crise ucraniana, especialmente, os EUA e a UE.

Os resultados do estudo podem ser interessantes para investigadores de questões relacionadas com a representação de conflitos, para especialistas geopolíticos, profissionais das áreas dos meios de comunicação e jornalismo, bem como aqueles que analisam as peculiaridades das relações entre a Ucrânia e a Rússia, porque demonstram a importância dos meios de comunicação enquanto o ator construtor da realidade internacional.





## Lista das referências bibliográficas

Adler, Emanuel (1997) “Seizing the Middle Ground: Constructivism in World Politics” *European Journal of International Relations*. 2 (3), 319-363.

Adler, Emanuel (2009) “Constructivism and International Relations” *in*: Carlsnaes, Walter; Risse, Thomas; Simmons, Beth A. (eds.) *Handbook of International Relations*, 1st Edition. London: SAGE Publications Ltd.

Arutunyan. A. (2009) *The Media in Russia*. Open University Press: Berkshire.

Ashton, Catherine (2014) “Statement by EU High Representative Catherine Ashton on the developments in Ukraine's Crimea”, EU External Action, 4 March 2014. Retrieved July, 4, 2016, from [http://eeas.europa.eu/statements/docs/2014/140301\\_01\\_en.pdf](http://eeas.europa.eu/statements/docs/2014/140301_01_en.pdf)

Barnet, Michael (2001) “Social Constructivism” *in*: Baylis, John; Smith, Steve (eds.) *The Globalization of World Politics*. Oxford: OUP.

BBC (2010) “Виктор Янукович: цель - безвизовый режим с ЕС через год (Victor Yanukovych: O objetivo - regime de isenção de vistos com a UE no próximo ano)”, 2 de Março

[http://www.bbc.com/russian/international/2010/03/100301\\_yanukovitch\\_interview.shtml](http://www.bbc.com/russian/international/2010/03/100301_yanukovitch_interview.shtml)  
[25.01.2016].

BBC (2013) “EU rejects Russia 'veto' on Ukraine agreement”, 29 de Novembro  
<http://www.bbc.com/news/world-europe-25154618> [8.07.2016].

Becker, J. (2004) “Lessons from Russia Neo-Authoritarian Media System” *European Journal of Communication*. 19 (2), 139-163.

Belyaev D; Starikov N (2014) *Россия.Крым.История (Rússia. Crimeia. Historia)*. SPB: Piter [http://lit.md/files/nstarikov/Rossia\\_Krym\\_Istoriya.pdf](http://lit.md/files/nstarikov/Rossia_Krym_Istoriya.pdf) [05.06.2016].

Beyond ua (*s.d.*) “Stepan Bandera”, em <http://beyond.ua/ru/stepan-bandera> [15.07.2016]

Biersack, John; O’Lear, Shannon (2014) “The geopolitics of Russia’s annexation of Crimea: narratives, identity, silences, and energy” *Eurasian Geography and Economics*. 55 (3), 247-269 <http://dx.doi.org/10.1080/15387216.2014.985241> [6. 05. 2016].

Brandão, Nuno Goulart (2002) *O espetáculo das notícias: a televisão generalista e a abertura dos telejornais*. Lisboa: Editorial Notícias.

Camargo, Julia (2007) “O papel dos atores domésticos no processo de tomada de decisão em política externa: uma análise da mídia” <http://www.santiagodantassp.locaweb.com.br/br/simp/artigos/camargo.pdf> [8/07/2016]

Camargo, Julia (2009) *Mídia e relações internacionais: lições da invasão do Iraque em 2003*. Jurua.

Castro, Thales (2012) *Teorias das Relações Internacionais*. Brasília: Fundação Alexandre de Gusmão.

Chaliy, Oleksandr (2010) “Зовнішня політика України на новому етапі (A política externa da Ucrânia numa nova etapa)” *Center Razumkova*. Nº2 [http://www.razumkov.org.ua/ukr/files/category\\_journal/NSD113\\_ukr\\_3.pdf](http://www.razumkov.org.ua/ukr/files/category_journal/NSD113_ukr_3.pdf) [04-04-2016].

Checkel, Jeffrey (2004) “Social Constructivisms in Global and European Politics” *Review of International Studies*. 30 (3), 235-254.

Cohen, Bernard (1963) *The Press and Foreign Policy*. Princeton: Princeton University Press.

Colling, Leonardo (2001) “Agenda-setting e framing: reafirmando os efeitos limitados” *Revista Famecos*. Nº 14, 88-101. Porto Alegre

Colta (s.d.) “Как делают ТВ пропаганду: четыре свидетельства (Como fazem TV propaganda: quatro evidencias)” <http://www.colta.ru/articles/society/8163> [20-07-2016].

Constituição da Federação da Rússia (1993) “Artigo 29: liberdades e direitos pessoais”. Portal oficial de Presidente da Federação da Rússia. Consultado a 15.05.2016, em <http://www.constitution.ru/10003000/10003000-4.htm>

Constituição da Federação da Rússia (1993) “Artigo 65: a estrutura federal”. Portal oficial de Presidente da Federação da Rússia. Consultado a 1.03.2016, em <http://www.constitution.ru/10003000/10003000-5.htm>

Cunha, Isabel (2011) *Análise dos media*. Imprensa da Universidade de Coimbra.

De Vreese, Claes H. (2005) “News framing: Theory and typology” *Information design journal+ document design*. 13 (1), 51-62.

Dearing, James; Rogers, Everett (1996) *Agenda-Setting*. Thousand Oaks: Sage Publications.

Doroshko M.S. (2011) *Геополітичні інтереси та зовнішня політика держав пострадянського простору (Os interesses geopolíticos e política externa dos países do espaço pós-soviético)*. Kiev: Nika-Center.

Dougherty, Jill (2014) “Every one lies: the Ukrainian conflict and Russian’s media transformations” <http://shorensteincenter.org/everyone-lies-ukraine-conflict-russias-media-transformation/> [14.06.2016]

Dovzhenk, Othar (2015) “Television”. *KAS Policy Paper* [file:///C:/Users/Iuliia/Desktop/kas\\_43639-1522-1-30.pdf](file:///C:/Users/Iuliia/Desktop/kas_43639-1522-1-30.pdf) [29.06.2016]

Dunn, John (2014) “Lottizzazione Russian Style: Russia's Two-tier Media System” *Europe-Asia Studies*. 6 (9), 1425-1451. London, Routledge.

Dutsyk, Diana (2015) “Ukrainian media during war: 2014 – 2015”. *KAS Policy Paper* [file:///C:/Users/Iuliia/Desktop/kas\\_43639-1522-1-30.pdf](file:///C:/Users/Iuliia/Desktop/kas_43639-1522-1-30.pdf) [29.06.2016]

Dyczok, Marta (2013) “Ukraine’s Media in the Context of Global Cultural Gonvergence” [https://www.gwu.edu/~ieresgwu/assets/docs/demokratizatsiya%20archive/GWASHU\\_DEMO\\_22\\_2/FUW271337N0VJ1G4/FUW271337N0VJ1G4.pdf](https://www.gwu.edu/~ieresgwu/assets/docs/demokratizatsiya%20archive/GWASHU_DEMO_22_2/FUW271337N0VJ1G4/FUW271337N0VJ1G4.pdf) [3/11/2015]

EEAS: European Union External Action (2015) “A look at the EU-Ukraine Association Agreement” [http://eeas.europa.eu/top\\_stories/2012/140912\\_ukraine\\_en.htm](http://eeas.europa.eu/top_stories/2012/140912_ukraine_en.htm) [3.03.2016]

Entman, Robert (1993) “Framing: toward clarification of a fractured paradigm” *Journal of Communication*. 43 (4), 51-58. New York: Oxford University.

Entman, Robert (2004) *Projections of Power: Framing News, Public Opinion, and US Foreign Policy*. Chicago: University of Chicago Press.

Entrevistado 1 (2016) Jornalista de telecanal *Inter*. Kiev: 14 de fevereiro.

Entrevistado 2 (2016) Jornalista de telecanal *Inter*. Kiev: 29 de janeiro.

European Union (s.d.) “EU sanctions against Russia over Ukraine crisis”. Consultado a 7 de Julho de 2016, em [http://europa.eu/newsroom/highlights/special-coverage/eu\\_sanctions\\_en](http://europa.eu/newsroom/highlights/special-coverage/eu_sanctions_en)

Expert (2014) “Правительство Крыма отправили в отставку (O governo da Crimeia despedido)”, 27 de Fevereiro <http://expert.ru/2014/02/27/majdan-peremestilsya-v-kryim/> [6.04.2016].

Fairclough, Norman (1992) *Discourse and social change*. Cambridge: Polity Press.

Fairclough, Norman (1995) *Media Discourse*. London: Bloomsbury Academic.

Freedom House (2014) Map of Press Freedom – Europe [https://freedomhouse.org/regions/europe#.VSgxG\\_nF8z4](https://freedomhouse.org/regions/europe#.VSgxG_nF8z4) [5/05/2016]

Freire, Maria (2011) *A Rússia de Putin: Vectores Estruturantes de Política Externa*. Coimbra: Almedina.

Gaufman, Lisa (2015) “Memory, Media, and Securitization: Russian Media Framing of the Ukrainian Crisis” *Journal of Soviet and Post-Soviet Politics and Society*. 1(1), 141-173 [https://www.academia.edu/12842869/Memory\\_Media\\_and\\_Securitization\\_Russian\\_Media\\_Framing\\_of\\_the\\_Ukrainian\\_Crisis](https://www.academia.edu/12842869/Memory_Media_and_Securitization_Russian_Media_Framing_of_the_Ukrainian_Crisis) [29.06.2016]

Gehlbach, Scott (2010) “Reflections on Putin and the Media” *Post-Soviet affairs*. 26 (1), 77-87.

Gilboa, Eytan (2002) “Global Communication and foreign policy” *Journal of Communication*. 54 (4), 731-748.

Goffman, E. (1974) *Frame analysis: An essay on the organization of experience*. London: Harper and Row.

Golos Ameriki (2014) “Референдум в Крыму: ответ «нет» не предусмотрен (O referendo na Crimeia: não existe resposta “não”)", 11 de Março <http://www.golos-ameriki.ru/content/world-ukraine-crisis-referendum/1869197.html> [2.03.2016].

Gudkov, Lev (2015) “Sobre a eficácia da propaganda russa”, The village <http://www.the-village.ru/village/people/city-news/228271-society> [4.07.2016].

Herman, Edward; Chomsky, Noam (1988) *Manufacturing consent. The Political Economy of the Mass Media*. New York: Pantheon Books.

Hopf, Ted (1998) “The promise of Constructivism in international relations” *International Security*. 23 (1), 171-200. The MIT Press.

Ilijin, Yevgeniy (2014) “Ukraine between Russia and Europe” *International Affairs*. №3  
[https://interaffairs.ru/virtualread/eng/contents60\\_3.pdf](https://interaffairs.ru/virtualread/eng/contents60_3.pdf) [4/04/2016]

James Heywood-Lonsdale (2010) “Анализ факторов ограничивающих свободу медиа (Análise dos fatores que restringem a liberdade dos media russos)” *University of Bristol*  
<http://www.bris.ac.uk/sml/undergraduates/stuinfo/yaassign/russheywood.pdf> [4.11.2015]

Joseph Nye (2008) “Public diplomacy and Soft Power” *The ANNALS of the American Academy of Political and Social Science*. 616, 94-109.

Journal 112 (s.d.) “Хроника Евромайдана (Cronologia do EuroMaidan)”  
<http://journal.112.ua/maydan/> [27.01.2016].

Katchanovski, Ivan (2015) “The Snipers Massacre on the Maidan in Ukraine”. School of Political Studies. Ottawa  
[https://www.academia.edu/8776021/The\\_Snipers\\_Massacre\\_on\\_the\\_Maidan\\_in\\_Ukraine](https://www.academia.edu/8776021/The_Snipers_Massacre_on_the_Maidan_in_Ukraine)  
[15.02.2016].

Katchanovski, Ivan (2015a) “Crimeia: people and territory before and after annexation” in: Pikulicka-Wilczewska, Agnieszka; Sakwa, Richard (eds.) *Ukraine and Russia: People, Politics, Propaganda and Perspectives*. Bristol: E-international Relations.

Kerry, John (2014) “Remarks by State Secretary on the situation in Ukraine”. Retrieved July 4, 2016, from <http://www.state.gov/secretary/remarks/2014/03/222720.htm>

Khvostunova, Olga (2013) “A brief history of Russian media”, *The Interpreter*  
<http://www.interpretermag.com/a-brief-history-of-the-russian-media/> [29.06.2016]

Konończuk, Wojciech (2015) “Oligarchs after the Maidan: the old system in a 'new' Ukraine” *Centre for Eastern Studies*. №162, 1-8  
<http://www.osw.waw.pl/en/publikacje/osw-commentary/2015-02-16/oligarchs-after-maidan-old-system-a-new-ukraine> [27.06. 2016].

Korinenko P.S.; Barmak M.V.; Tereshchenko V.D.; Stark V.V (2010) *Курс лекцій з історії України XX початку XXI (Palestras sobre a história da Ucrânia XX - início do século XXI)*,  
<http://zno.academia.in.ua/course/view.php?id=18> [04.04.2016].

Korrespondent (2014) “Итоги референдума (Os resultados do referendo)”, 17 de Março <http://korrespondent.net/ukraine/politics/3320437-ytohy-referenduma-za-vkhozhdenye-kryma-v-sostav-rossyy-proholosovalo-9677-yzbyratelei> [2.03.2016].

Korrespondent (2014a) “Sobre o Putin. Audiogravação de uma conversa entre dois homens cujas vozes são semelhantes a Ihor Kolomoisky e Oleksandr Tkachenko”, 30 de Setembro <http://korrespondent.net/ukraine/politics/3425610-o-putyne-opublikovana-zapys-razghovora-yakoby-kolomoiskoho-y-hendyrektora-11>

Kratochwil, Friedrich V. (1989) *Rules, norms, and decisions: on the conditions of practical and legal reasoning in the international relations and domestic affairs*. Cambridge: Cambridge University Press.

Lazarovich, M.V. (2006) *История Украины (Historia da Ucrânia)* [http://uchebnikonline.com/istoria/istoriya\\_ukrayini\\_-\\_lazarevich\\_mv/vidnosini\\_derzhavami\\_snd.htm](http://uchebnikonline.com/istoria/istoriya_ukrayini_-_lazarevich_mv/vidnosini_derzhavami_snd.htm) [15.03.2016].

Leschenko Sergiy (2014) “Ukrainian oligarchs are still calling the shots” *Foreign Policy*, <http://foreignpolicy.com/2014/08/14/ukraines-oligarchs-are-still-calling-the-shots/> [27.06.2016].

Lipman, Maria (2009) “Media Manipulation and Political Control in Russia” *Carnegie Moscow Center*, <http://carnegie.ru/publications/?fa=37199> [5/05/2016]

Lippmann, Walter (1922) *Public Opinion*. New York: Macmillan.

Marochko V.I. (2014) *Територія Голодомору 1932-1933 (Territorio de Holodomor 1932-1933)*, [http://shron.chtyvo.org.ua/Marochko\\_Vasyl/Terytoriia\\_Holodomoru\\_1932-1933\\_pp.pdf](http://shron.chtyvo.org.ua/Marochko_Vasyl/Terytoriia_Holodomoru_1932-1933_pp.pdf) [20/07/2016]

Marples, David (2015) “Ethnic and social composition of Ukraine’s regions and voting patterns” in: Pikulicka-Wilczewska, Agnieszka; Sakwa, Richard (eds.) *Ukraine and Russia: People, Politics, Propaganda and Perspectives*. Bristol: E-international Relations [https://www.gwu.edu/~ieresgwu/assets/docs/demokratizatsiya%20archive/GWASHU\\_DEMO\\_22\\_2/FUW271337N0VJ1G4/FUW271337N0VJ1G4.pdf](https://www.gwu.edu/~ieresgwu/assets/docs/demokratizatsiya%20archive/GWASHU_DEMO_22_2/FUW271337N0VJ1G4/FUW271337N0VJ1G4.pdf) [29.06.2016]

McCombs (2004) *Setting the Agenda: The Mass Media and Public Opinion*. Cambridge, UK: Polity Press. 2004.

McCombs, Maxwell; Shaw, Donald (1972) “The agenda-setting function of mass media” *The public Opinion Quarterly*. 36(2), 176-187.

McCombs, Maxwell; Shaw, Donald (1993) “The Evolution of Agenda-Setting Research: Twenty-Five Years in the Marketplace of Ideas” *Journal of Communication*. 43 (2), 58-67.

Mediasat (2014) “Российские СМИ создают не новости, а другую реальность — Ткаченко (Os medias russos cria a outra realidade – entrevista Tkachenko)”, 28 de Abril <http://mediasat.info/2014/04/28/rossijskie-smi-sozdajut-ne-novosti-a-druguju-realnost-tkachenko/> [27.06.2016].

Mezhygirsky, Andriy (2014) “Как российские СМИ поощряли сепаратизм в Крыму (Como meios de comunicação russos incentivaram o separatismo na Crimeia)” [http://osvita.mediasapiens.ua/monitoring/ru\\_zmi/kak\\_rossiyskie\\_smi\\_pooschryali\\_separati\\_zm\\_v\\_krymu/](http://osvita.mediasapiens.ua/monitoring/ru_zmi/kak_rossiyskie_smi_pooschryali_separati_zm_v_krymu/) [18.03.2016]

MNE: Ministério dos Negócios Estrangeiros da Ucrânia (*s.d*) “Acordo da Associação com a EU” <http://mfa.gov.ua/ua/about-ukraine/european-integration/ua-eu-association> [25.01.2016].

Mundo (2014) “Entenda o que muda na Crimeia apos referendo aprovar adesão à Rússia”, 17 de Março <http://g1.globo.com/mundo/noticia/2014/03/entenda-o-que-muda-na-crimea-apos-referendo-aprovar-adesao-russia.html> [15.06.2016].

Nogueira, João Pontes; Messari, Nizar (2005) Teoria das relações internacionais: [correntes e debates]. Rio de Janeiro : Elsevier/Editora Campus.

O Conselho da República Crimeia (2014) “Обращение Председателя Совета министров АРК Сергея Аксенова (Declaração do Ministro Sergiy Aksenov)” [http://crimea.gov.ru/news/01\\_03\\_14](http://crimea.gov.ru/news/01_03_14) [05.06.2016].

Oates, Sarah (2007) “The neo-Soviet model of the media” *Europe-Asia Studies*. 59 (8), 1279-1297. London, Routledge.

Obama, B. (2014) “Executive Order -- Blocking Property of Additional Persons Contributing to the Situation in Ukraine”, 17 de Março 2014. Consultado a 7 de Julho de 2016, em <https://www.whitehouse.gov/the-press-office/2014/03/17/executive-order-blocking-property-additional-persons-contributing-situat>

Onuch, Olga (2014) “The Maidan and Beyond. Who were the proeyesters?” *Journal of democracy*. 25 (3), 44 – 51.

Onuch, Olga (2014) “The Maidan Past and Present: Orange Revolution (2004) and the EuroMaidan (2013-2014)” *in*: Marples, David; Mills, Frederick V. (eds.) *Euromaidan*. Columbia University Press: New York.

Onuf, Nicholas (1998) *World of Our Making: Rules and Rule in Social Theory and International Relations*. Columbia: University of South Carolina Press.

Onuf, Nicholas (2001) “Speaking of Policy” *in* Kubalkova, Vendulka (eds.) *Foreign Policy in a Constructed World*. London: Routledge.

Onuf, Nicholas (2013) *Making Sense, Making Worlds: Constructivism in Social Theory and International Relations*. 1<sup>st</sup> Edition. London: Routledge.

Oshkalo, A. (2015) “Posted top 10 Russia’s largest media in 2014”, em <http://www.russiansearchtips.com/2015/01/top-10-russias-largest-media-2014/> [20.06.2016].

Parlamento Europeu (2014) “Parlamento Europeu aprova Acordo de Associação com a Ucrânia” [http://www.europarl.europa.eu/pdfs/news/expert/infopress/20140915IPR62504/20140915IPR62504\\_pt.pdf](http://www.europarl.europa.eu/pdfs/news/expert/infopress/20140915IPR62504/20140915IPR62504_pt.pdf) [25.07.2016].

Ропов, Eduard (2007) *Внешняя политика Украины (2005-2007) (Política externa ucraiano (2005-2007)*  
[http://www.perspektivy.info/table/vneshnaja\\_politika\\_novejshej\\_ukrainy\\_2005-2007\\_\\_zakat\\_i\\_renessans\\_strategii\\_mnogovektornosti\\_chast\\_1\\_2007-08-27.htm](http://www.perspektivy.info/table/vneshnaja_politika_novejshej_ukrainy_2005-2007__zakat_i_renessans_strategii_mnogovektornosti_chast_1_2007-08-27.htm) [04-04-2016].

Pravo-Ukraine (s.d) “Конституция Украины 2004 (Constituição da Ucrânia 2004)” <http://pravo-ukraine.org.ua/resyrsi/kz/konstitutsiya-ukrainy-2013/13434-konstitutsiya-ukrainy-2004-obnovlennaya-konstitutsiya-ukrainy-2014> [14.06.2016].

Putin, Vladimir (2014) “Conferência de Vladimir Putin sobre a Ucrânia”, 4 de Março <http://kremlin.ru/events/president/news/20366> [5.06.2016]



- Putin, Vladimir (2014a) “Presidente da Federação da Rússia sobre a Crimeia”, 18 de Março [http://www.mid.ru/web/guest/foreign\\_policy/news/-/asset\\_publisher/cKNonkJE02Bw/content/id/70194](http://www.mid.ru/web/guest/foreign_policy/news/-/asset_publisher/cKNonkJE02Bw/content/id/70194) [10.06.2016]
- Rahman, Bushra Hameedur (2014) “Pakistani Media as an Agent of Conflict or Conflict Resolution: A Case of Lal Masjid in Urdu and English Dailies” *Pakistan Vision*. 15 (2).
- RFI (2013) “Азаров: подготовка к ассоциации с ЕС продолжается (Azariv: preparação para associação com UE continua”, 27 de Novembro <http://ru.rfi.fr/ukraina/20131127-azarov-podgotovka-k-assotsiatsii-s-es-prodolzhaetsya> [8.07.2016].
- RIA (2012) “Путин назвал шантажом высказывания Евросоюза в адрес Украины (Putin afirmou que as afirmações da EU relativamente a Ucrânia é chantagem)”, 22 de Novembro <http://ria.ru/world/20131122/979024045.html> [8.07.2016].
- RSF (2015) “World Press Freedom Index 2015: decline on all fronts” <https://rsf.org/en/news/world-press-freedom-index-2015-decline-all-fronts> [25.06.2016].
- RSF (2016) “Facing reality after the EuroMaidan” [https://rsf.org/sites/default/files/journalists\\_and\\_media\\_in\\_ukraine\\_-\\_rsf\\_2016.pdf](https://rsf.org/sites/default/files/journalists_and_media_in_ukraine_-_rsf_2016.pdf) [25.06.2016].
- Rusakova, Olga (2010) “Виртуальная власть медиа (O poder virtual dos media)” *Discurso*. № 1-2 (9), 33-37 <http://cyberleninka.ru/article/n/virtualnaya-vlast-mass-media> [04.01.2016]
- Ryabinska, Natalya (2014) “Media Capture in Post-Communist Ukraine: Actors, Methods, and Conditions” *Problems of Post-Communism*. 61 (2), 46-60.
- Sakwa, Richard (2015) *Frontline Ukraine: Crisis in the Borderlands*. London: I. B. Tauris, 2015.
- Samoilenko, S. (2014) “The situation in Ukraine: One or many realities?” *Russian Journal of Communication*. Vol. 6.
- Samooborana (s.d.) “Самооборона Майдану (Auto-defese de Maidan)” [http://www.samooborona.ua/%D0%BF%D1%80%D0%BE\\_%D0%BD%D0%B0%D1%81\\_ua\\_287cms.htm](http://www.samooborona.ua/%D0%BF%D1%80%D0%BE_%D0%BD%D0%B0%D1%81_ua_287cms.htm) [17.07.2016].

Santos, Bárbara Soares Lima (2010) “O papel da mídia em situações de conflito: a retirada dos EUA da Somália entre 1993 e 1994” *Belo Horizonte*. 9 (17), 7– 27.

Segodnya (2014) “Полный текст соглашения об урегулировании кризиса в Украине (O texto do acordo relativamente a resolução da crise Ucrainiana)”, <http://www.segodnya.ua/politics/laws/polnyy-tekst-soglasheniya-ob-uregulirovanii-krizisa-v-ukraine-497583.html> [16.06.2016].

Shakhrai, Ina (2015) “The legitimization of authoritarian rule through constructed external threats: Russian propaganda during the Ukrainian crisis” *East European Quarterly*. 43 (1), 29-54.

Shoemaker P. J.; Vos T. P.; Reese S. D. (2009) “Journalists as gatekeepers” in: Wahl-Jorgensen, Karin; Hanitzsch, Thomas (eds.) *The handbook of journalism studies*, 1st Edition. New York: Routledge.

Suslov, Mikhail (2014) “[Crimea Is Ours!] Russian popular geopolitics in the new media age” *Eurasian Geography and Economics*. 55:6, 588-609.

Szostek, Joanna (2014) “Russia and the News Media in Ukraine: A Case of “Soft Power”?” *East European Politics and Societies and Cultures*. 28 (3), 463 –486.

Tankard, J. W. (2001) “The empirical approach to the study of media framing” in: Reese, S. D., Gandy O. H. e A. E. Grant (eds.) *Framing public life: perspectives on media and our understanding of the social world*. Mahwah, NJ: Lawrence Erlbaum.

TASS (2014) “Украина. Хроника Евразийского раскола (Ucrânia. Cronologia da divisão euroasiática), <http://tass.ru/ukraina/hronologiya/1584152?menu=hronologiya-2014> [25.05.2016].

The Guardian (2014a) “Agreement on the Settlement of Crisis in Ukraine”, 21 de Fevereiro <https://www.theguardian.com/world/2014/feb/21/agreement-on-the-settlement-of-crisis-in-ukraine-full-text> [10.06.2016]

Traquina, Nelson (1995) “O paradigma do agenda-setting: Redescoberta do poder do jornalismo” *Revista Comunicação e Linguagens*. Nº 21 e 22.

- Trenin, Dmitry (2009) *Одиночное плавание (Solo Voyage)*. Moscow: Carnegie Moscow Center [http://carnegieendowment.org/files/Trenin\\_Solo\\_voyage.pdf](http://carnegieendowment.org/files/Trenin_Solo_voyage.pdf) [25.04.2016]
- Tsygankov, A. P.; Tsygankov, P.A. (2010) “National Ideology and IR Theory: Three Incarnations of the [Russian Idea]” *European Journal of International Relations*. 16(4), 663-686.
- Tsygankov, Andrei (2010) *Russia’s Foreign Policy, Change and continuity in national identity*. Rowman & Littlefield Publishers, INC.
- Turchinov, Olexander (2014) “O referendo na Crimeia é uma farsa e crime”, *Vekhovna Rada*, 12 de Março 2014. Consultado a 7 de Julho de 2016, em <http://rada.gov.ua/news/Povidomlennya/89277.html>
- Ukrainskaya Pravda (2014a) “Pessoas colocaram um ultimato para a demissão de Yanukovych na parte da manhã”, 21 de Fevereiro <http://www.pravda.com.ua/rus/news/2014/02/21/7015590/> [10.02.2016].
- Unian (2013) “Стало известно что отдал приказ Беркута идти на Майдан (Tornou-se conhecido, quem deu a ordem a Berkut ir para o Maidan)”, 30 de Novembro <http://www.unian.net/politics/857906-stalo-izvestno-kto-otdal-prikaz-berkuta-idti-na-maydan.html> [28.01.2016].
- Vasil, Vladislav (2016) Jornalista, consultor de combate PR preto. Membro do Comitê Executivo Central do partido de “Sector direita” de 2014 até 2015. Kiev: 15 de março.
- Verkhovna Rada* (s.d.) “Lei da Ucrânia sobre estatuto da língua” <http://zakon4.rada.gov.ua/laws/show/5029-17/ed20121128> [14.05.2016]
- Vlachkova, Nadya (2016) Jornalista. Kiev: 25 de fevereiro.
- Voroboyv V.P; Gilcov S.S; Shutov A.D (2010) *Эволюция политики России на постсоветском пространстве (Evolução da política russa no espaço pós-soviético)*. Moscovo: Vostok-Zapad.
- Weber, Cynthia (2010) *International relations theory : a critical introduction*, 3rd Edition. London: Routledge.

Wendt, Alexander (1987) “The Agent — Structure Problem in International Relations Theory” *International Organization*. 41 (3), 335–370.

Wendt, Alexander (1992) “Anarchy is What States Make of It: The Social Construction of Power Politics” *International Organization*. 46 (2), 391-425.

Wendt, Alexander (1999) *Social Theory of International Politics*. Cambridge: Cambridge University Press.

Wilson, Andrew (2014) *Ukraine Crises: What it means for the West*. Yale University Press.

Wodak, Ruth (1996) *Disorders of discourse*. London: Longman.

Yanukovich, Victor (2010) “Предвыборная компания Януковича (Campanha eleitoral do Yanukovich)” <http://vibori.in.ua/kandidaty/predvibornie-programy/427-predvibornaya-programa-yanukovicha.html> [7.07.2016].

Yatsenyuk, Arseniy (2014) “Украина не признает референдум в Крыму (Ucrânia não reconhece o referendo em Crimeia)”, <http://gordonua.com/news/politics/yacenyuk-ukraina-nikogda-ne-priznaet-referendum-v-krymu-peregovory-pod-dulami-avtomatov-nevozmozhny-14235.html> [15.06.2016].

ZN: Zerkalo Nedely (2002) “Европейский выбор добрался до парламента” (A escolha europeia chegou ao parlamento), 31 de Maio [http://gazeta.zn.ua/POLITICS/evropeyskiy\\_vybor\\_dobralsya\\_do\\_parlamenta.html](http://gazeta.zn.ua/POLITICS/evropeyskiy_vybor_dobralsya_do_parlamenta.html) [04.04.2016].

ZN: Zerkalo Nedely (2013a) “Правительство Азарова отказалось от ассоциации с ЕС (O governo desistiu da associação com EU)”, 21 de Novembro <http://zn.ua/POLITICS/pravitelstvo-azarova-otkazalos-ot-associacii-s-es-v-polzutamozhennogo-soyuza-133327.html> [10.07.2016].

ZN: Zerkalo Nedely (2013b) “Более 100 тысяч человек на Евромайдане в Киеве требуют ассоциации с ЕС (Mais de 100 mil pessoas no Evromaidan requerem associação com a EU)”, 24 de Novembro <http://zn.ua/UKRAINE/bolee-100-tysyach-chelovek-na-evromaydane-v-kieve-trebuyut-associacii-s-es-133519.html> [27.01.2016].

Chernih, Alla (2014) *Мир современных медиа (O mundo do media contemporâneos)*,  
[http://thelib.ru/books/alla\\_chernyh/mir\\_sovremennyh\\_media-read.html](http://thelib.ru/books/alla_chernyh/mir_sovremennyh_media-read.html) [29.06.2016]

## Lista das sondagens de opinião

KIIS (2014) “Media e confiança da população”, disponível em <http://www.kiis.com.ua/?lang=rus&cat=reports&id=425>

KIIS (2014a) “O clima na Ucrânia”, disponível em <http://www.kiis.com.ua/?lang=rus&cat=reports&id=227&page=21>

KIIS (2015) “As opiniões e pontos de vista da população da Ucrânia sobre métodos de resistência invasores / ocupantes”, disponível em <http://www.kiis.com.ua/?lang=rus&cat=reports&id=546&page=8>

KIIS (2014b) “Meio ano do *EuroMaidan*”, disponível em <http://www.kiis.com.ua/?lang=rus&cat=reports&id=336&page=17>

KIIS (2014c) “Relações entre Ucrânia e Rússia”, disponível em <http://www.kiis.com.ua/?lang=rus&cat=reports&id=236&page=21>

KIIS (2014d) “Como mudou a relação da população ucraniana relativamente a população russa”, disponível em <http://www.kiis.com.ua/?lang=rus&cat=reports&id=347&page=16>

Levada Centro (2014) “Media russos: televisão, imprensa, internet”, disponível em <http://www.levada.ru/2014/06/17/rossijskij-media-landshaft-televidenie-pressa-internet/>

Levada Centro (2014a) “Eventos na Ucrânia. Maidan”, disponível em <http://www.levada.ru/2014/01/29/sobytiya-v-ukraine-majdan/>

Levada (2014b) “A relação dos russos relativamente os outros países”, disponível em <http://www.levada.ru/2014/02/26/otnoshenie-rossiyan-k-drugim-stranam-3/>

Levada (2014c) “Situação na Ucrânia e Crimeia”, disponível em <http://www.levada.ru/2014/03/13/situatsiya-v-ukraine-i-v-krymu/>

Levada (2014d) “Relação dos russos relativamente os outros países”, disponível em <http://www.levada.ru/2014/06/05/otnoshenie-rossiyan-k-drugim-stranam-6/>

Levada (2014e) “Acontecimentos na Crimeia, Ucrânia, reação da Rússia”, disponível em <http://www.levada.ru/2014/03/26/proishodyashhee-v-ukraine-krymu-i-reaktsiya-rossii/>

## **Lista de noticiários**

### *EuroMaidan*

#### **1+1 (2014)<sup>12</sup> - TSN**

- 19.01 <https://www.youtube.com/watch?v=t5ZCsd4Jdb8>
- 20.01 <https://www.youtube.com/watch?v=dTgtCbuV2dU>
- 22.02 <https://www.youtube.com/watch?v=uC2Jo7kvsfg>
- 23.01 <https://www.youtube.com/watch?v=QEQXCJyJMNc>
- 27.01 <https://www.youtube.com/watch?v=qaXxA30N9VU>
- 29.01 <https://www.youtube.com/watch?v=cr7COoeZ5Dw>
- 1.02 [https://www.youtube.com/watch?v=BdVKAk6\\_Qzs](https://www.youtube.com/watch?v=BdVKAk6_Qzs)
- 18.02 <https://www.youtube.com/watch?v=fFErWX1MSb8>
- 20.02 <https://www.youtube.com/watch?v=fEQth3CVMGU>
- 23.02 <https://www.youtube.com/watch?v=b6kasMS9d5U>

#### **Inter (2014) - Podrobnosti**

- 19.01 <http://podrobnosti.ua/news-release-list/2014/1/19/20/0/>
- 20.01 <http://podrobnosti.ua/news-release-list/2014/1/20/20/0/>
- 22.01 <http://podrobnosti.ua/news-release-list/2014/1/22/20/0/>
- 23.01 <http://podrobnosti.ua/news-release-list/2014/1/23/20/0/>
- 28.01 <http://podrobnosti.ua/news-release-list/2014/1/28/20/0/>
- 12.02 <http://podrobnosti.ua/news-release-list/2014/2/12/20/0/>
- 18.02 <http://podrobnosti.ua/news-release-list/2014/2/18/17/45/>
- 19.02 <http://podrobnosti.ua/news-release-list/2014/2/19/20/0/>

---

<sup>12</sup> Noticiários visualizados no youtube

20.02 <http://podrobnosti.ua/news-release-list/2014/2/20/9/0/>

23.02 <http://podrobnosti.ua/news-release-list/2014/2/23/20/0/>

**1TV (2014) - Vremya**

19.01 <http://www.1tv.ru/news/2014/01/19/>

21.01 <http://www.1tv.ru/news/2014/01/21/>

22.01 <http://www.1tv.ru/news/2014/01/22/>

23.01 <http://www.1tv.ru/news/2014/01/23/>

28.01 <http://www.1tv.ru/news/2014/01/28/>

7.02 <http://www.1tv.ru/news/2014/02/07/>

12.02 <http://www.1tv.ru/news/2014/02/12/>

19.02 <http://www.1tv.ru/news/2014/02/19/>

20.02 <http://www.1tv.ru/news/2014/02/20/>

23.02 <http://www.1tv.ru/news/2014/02/23/>

**Rossiya (2014) - Vesty**

20.01 [https://russia.tv/video/show/brand\\_id/5402/episode\\_id/960853/](https://russia.tv/video/show/brand_id/5402/episode_id/960853/)

23.01 [https://russia.tv/video/show/brand\\_id/5402/episode\\_id/961469/](https://russia.tv/video/show/brand_id/5402/episode_id/961469/)

24.01 [https://russia.tv/video/show/brand\\_id/5402/episode\\_id/961730/](https://russia.tv/video/show/brand_id/5402/episode_id/961730/)

27.01 [https://russia.tv/video/show/brand\\_id/5402/episode\\_id/962339/](https://russia.tv/video/show/brand_id/5402/episode_id/962339/)

28.01 [https://russia.tv/video/show/brand\\_id/5402/episode\\_id/962465/](https://russia.tv/video/show/brand_id/5402/episode_id/962465/)

29.01 [https://russia.tv/video/show/brand\\_id/5402/episode\\_id/962713/](https://russia.tv/video/show/brand_id/5402/episode_id/962713/)

31.01 [https://russia.tv/video/show/brand\\_id/5402/episode\\_id/963205/](https://russia.tv/video/show/brand_id/5402/episode_id/963205/)

19.02 [https://russia.tv/anons/show/brand\\_id/5402/episode\\_id/968308/](https://russia.tv/anons/show/brand_id/5402/episode_id/968308/)



23.02<sup>13</sup> <https://www.youtube.com/watch?v=0oFTZLdc3Mc>

## **Crimea**

**1+1 (2014)<sup>14</sup> - TSN**

24.02 <https://www.youtube.com/watch?v=XcCwju8KrDk>

25.02 <https://www.youtube.com/watch?v=d1MFTxSsl1s>

26.02 <https://www.youtube.com/watch?v=DRb9Nv1aAS0>

27.02 [https://www.youtube.com/watch?v=bLkcvumqv\\_4](https://www.youtube.com/watch?v=bLkcvumqv_4)

28.02 <https://www.youtube.com/watch?v=zk1Ca748xAg>

1.03 <https://www.youtube.com/watch?v=b6UDesMzQ9s>

6.03 [https://www.youtube.com/watch?v=6fRvoQJ2\\_hk](https://www.youtube.com/watch?v=6fRvoQJ2_hk)

16.03 <https://www.youtube.com/watch?v=p9rLpbpRHWs>

18.03 [https://www.youtube.com/watch?v=F0CR0\\_9xFRY](https://www.youtube.com/watch?v=F0CR0_9xFRY)

23.03 <https://www.youtube.com/watch?v=zugsrDHEe2s>

## **Inter (2014) - Podrobnosti**

24.02 <http://podrobnosti.ua/news-release-list/2014/2/24/20/0/>

25.02 <http://podrobnosti.ua/news-release-list/2014/2/25/20/0/>

26.02 <http://podrobnosti.ua/news-release-list/2014/2/26/20/0/>

27.02 <http://podrobnosti.ua/news-release-list/2014/2/27/20/0/>

01.03 <http://podrobnosti.ua/news-release-list/2014/3/1/20/0/>

06.03 <http://podrobnosti.ua/news-release-list/2014/3/6/20/0/>

10.03 <http://podrobnosti.ua/news-release-list/2014/3/10/20/0/>

16.03 <http://podrobnosti.ua/news-release-list/2014/3/16/20/0/>

---

<sup>13</sup> Noticiário visualizado no youtube

<sup>14</sup> Noticiários visualizados no youtube

18.03 <http://podrobnosti.ua/news-release-list/2014/3/18/20/0/>

23.03 <http://podrobnosti.ua/news-release-list/2014/3/23/20/0/>

**1TV (2013) - Vremya**

04.12 <http://www.1tv.ru/news/2013/12/04/>

**Rossiya (2013) - Vesty**

12.12 [https://russia.tv/video/show/brand\\_id/5402/episode\\_id/939149/](https://russia.tv/video/show/brand_id/5402/episode_id/939149/)

**1TV (2014) - Vremya**

26. 01 <http://www.1tv.ru/news/2014/01/26/>

25.02 <http://www.1tv.ru/news/2014/02/25/>

26.02 <http://www.1tv.ru/news/2014/02/26/>

28.02 <http://www.1tv.ru/news/2014/02/28/>

01.03 <http://www.1tv.ru/news/2014/03/01/>

07.03 <http://www.1tv.ru/news/2014/03/07/>

16.03 <http://www.1tv.ru/news/2014/03/16/>

17.03 <http://www.1tv.ru/news/2014/03/17/>

23.03 <http://www.1tv.ru/news/2014/03/23/>

**Rossiya (2014) - Vesty**

24.02 <http://tv-novosti.ru/date/2014-02-24/rossiya/17-00>

26.02 [https://russia.tv/video/show/brand\\_id/5402/episode\\_id/970186/](https://russia.tv/video/show/brand_id/5402/episode_id/970186/)

28.02 [https://russia.tv/video/show/brand\\_id/5402/episode\\_id/970741/video\\_id/976060/](https://russia.tv/video/show/brand_id/5402/episode_id/970741/video_id/976060/)

02.03 <https://www.youtube.com/watch?v=sIqnkd-EkeY>

06.03 [https://russia.tv/video/show/brand\\_id/5402/episode\\_id/972264/](https://russia.tv/video/show/brand_id/5402/episode_id/972264/)

10.03<sup>15</sup> <https://www.youtube.com/watch?v=pOn0t4QQvAc>

16.03<sup>16</sup> <https://www.youtube.com/watch?v=a5Ym9VmHUiA>

18.03 <http://tv-news-online.com/vechernie-novosti-bolshie-vesti-na-telekanale-rossiya-18-03-2015/>

23.03 [https://russia.tv/video/show/brand\\_id/5206/episode\\_id/976156/](https://russia.tv/video/show/brand_id/5206/episode_id/976156/)

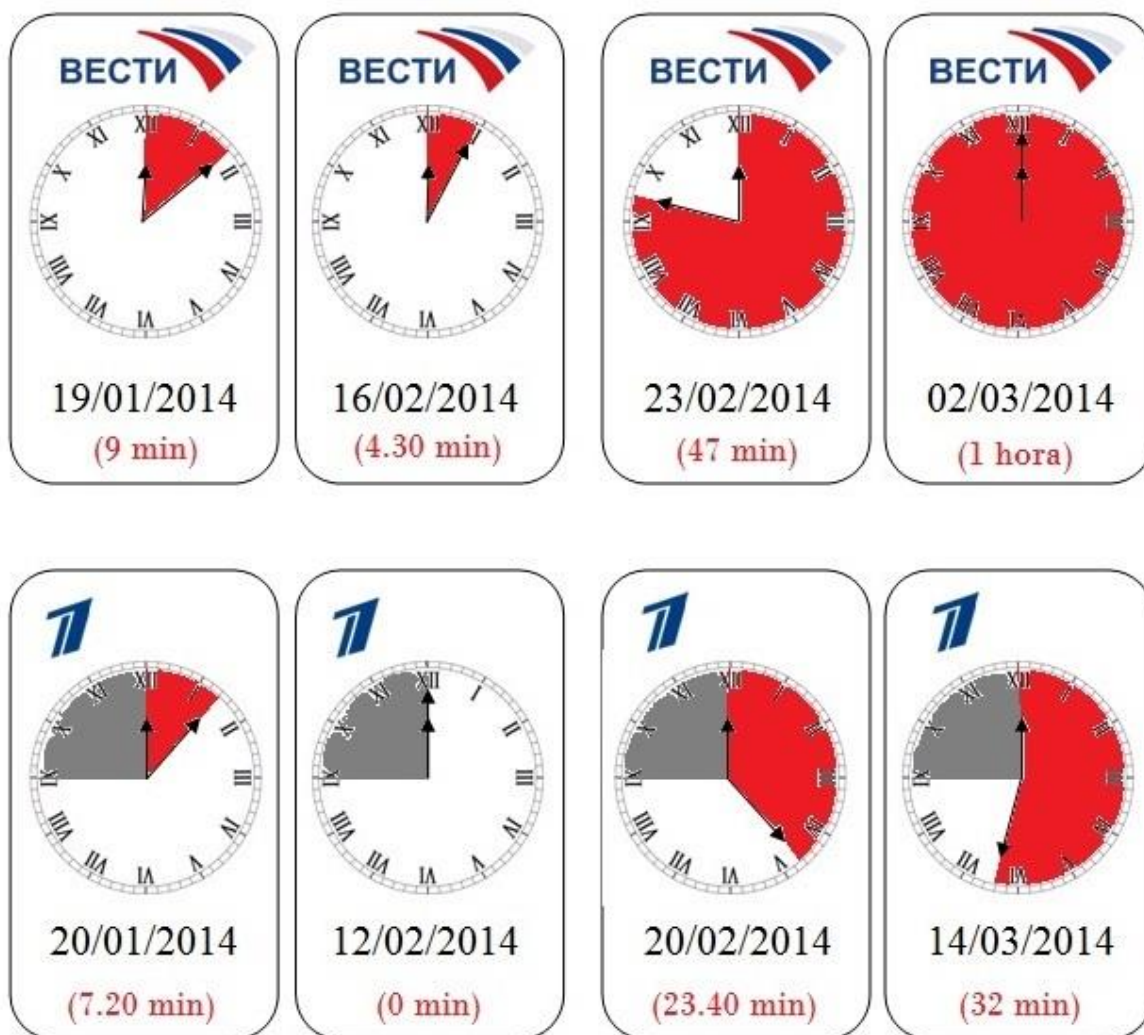
---

<sup>15</sup> Noticiário visualizado no youtube

<sup>16</sup> Noticiário visualizado no youtube



Apêndice I. Tempo dos noticiários russos dedicado a crise da Ucrânia



○ Outros assuntos

● Crise da Ucrânia

## Apêndice II. Mapa da Ucrânia



Imagem 1. Mapa da Ucrânia antes da anexação da Crimeia



Imagem 2. Mapa da Ucrânia após anexação da Crimeia

### Apêndice III. Cronologia dos principais acontecimentos do *EuroMaidan*

Data	Acontecimento
21.11.2013	O ex-presidente ucraniano anúncio a suspensão do Acordo de Associação.
22.11.2013	Primeiras ações contra o governo na praça da Liberdade em Kiev.
27.11.2013	O número de pessoas reunidas ultrapassou as cinco mil; As demonstrações a favor da continuação das negociações com a UE espalharam-se para outras cidades da Ucrânia.
28.11.2013	Durante o dia a população debateu a probabilidade ou não de assinatura do acordo por parte da Ucrânia; Começaram-se a juntar para uma greve os estudantes de algumas das universidades nacionais.
29.11.2013	Ucrânia não assinou o Acordo de Associação.
30.11.2013	A polícia começou violentamente a dispersar os manifestantes do <i>Maidan</i> .
1.12.2013	Na praça saíram cerca de 30 mil pessoas exigindo a punição da polícia; Foram formados os primeiros comités de greve; Ao protesto juntaram-se os líderes dos partidos de oposição.
2.12.2013	Foram construídas primeiras barricadas pelos manifestantes no <i>Maidan</i> .
8.12.2013	Pessoas se juntaram na praça para a “ <i>Narodnoe Veche</i> ” (Conselho do Povo).
11.12.2013	Primeiras confrontações violentas entre os manifestantes e as forças de ordem (sem ocorrência de mortes).
16.01.2014	<i>Verkhovna Rada</i> aprovou um pacote de leis anti-protesto.
19.01.2014	Nova onda dos protestos contra as leis “ditatoriais”.
20.01.2014	Agravamento das confrontações entre os manifestantes e polícia.
22.01.2014	Foram registradas as primeiras mortes de dois manifestantes.
27.01.2014	Os manifestantes ocupam os edifícios regionais da administração pública.
28.01.2014	A renúncia ao cargo do ex-primeiro ministro da Ucrânia - Nikolay Azarov.
31.01.2014	O cancelamento da maioria das leis da “ditadura” adotadas pelo <i>Verkhovna Rada</i> no dia 16 de janeiro; Yanukovich assinou a lei sobre a amnistia dos manifestantes.
18.02.2014	A marcha pacífica até a <i>Verkhovna Rada</i> resultou em confrontações o que causou 28 mortes e mais de 800 feridos entre os manifestantes e as policiais.
20.02.2014	“Dia sangrento” – atiradores especiais desconhecidos abriram fogo sobre a <i>Maidan</i> o que causou a morte de 70 pessoas, mais de 600 ficaram feridas.
21.02.2014	Durante todo o dia haviam as negociações entre o governo e oposição; Yanukovich saiu de Kiev.
22.02.2014	O regime de Yanukovich efetivamente sofreu o colapso.

#### Apêndice IV. Cronologia dos acontecimentos da Crimeia

Data	Acontecimento
23.02.2014	Em Sevastopol ocorreu manifestação contra o “fascismo” na Ucrânia.
27.02.2014	Os edifícios da <i>Verkhovna Rada</i> e do Conselho de Ministros da Crimeia foram ocupados por homens armados em uniforme sem insígnias; Foi realizada a mudança de direção na Crimeia.
28.02.2014	Os soldados não identificados estabeleceram o controlo sobre o aeroporto de Simferopol.
1.03.2014	Putin pediu a <i>Duma</i> Estatal e Conselho da Federação Russa autorização para enviar tropas para a Crimeia; <i>Duma</i> e Conselho da Federação Russa aprovaram pedido do presidente.
6.03.2014	Reunião extraordinária do Conselho Supremo da Crimeia aprova a resolução sobre a realização do referendo na região no dia 16 de março de 2014.
16.03.2014	Dia do referendo na Crimeia.
18.03.2014	Crimeia tornou-se formalmente parte da Federação Russa.
21.03.2014	Crimeia foi reintegrada/anexada na/pela Federação da Rússia.